BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLVII)

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME VIII)

ESCRIPTORIO

147 = RUA DOS RETROZEIROS = 147

LISBOA

1905

MEMORAVEL RELAÇÃO

DA

PERDA DA NAO CONCEIÇÃO

Que os turcos queimaram á vista da barra de Lisboa, e varios successos das pessoas que nella cativaram. Com a nova descripção da Cidade de Argel, de seu governo, e cousas mui notaveis acontecidas nestes ultimos annos de 1621 até o de 626

POR

JOÃO CARVALHO MASCARENHAS

Que foi cativo na mesma nao

DEDICADA

A D. PEDRO DE MENEZES

Prior da Igreja de Santa Maria de Obidos

Em Lisboa
Com todas as licenças necessarias
Na officina de Antonio Alvares
Anno de 1627

CARTA DEDICATORIA

A D. PEDRO DE MENEZES, Prior da Igreja de Santa Maria d'Obidos

Posto, que a maior parte desta minha relação é fundada sobre uma materia de pouca estima, e baixo sogeito, por serem successos acontecidos entre escravos, e cativos: com tudo não deixa de ter algum espirito, e curiosidade, assim na descripção nova da cidade de Argel, como na peleja que tiveram dezasete naos de turcos com a nao Nossa Senhora da Conceição, com a qual pelejaram dous dias, e desesperados de a poderem render lhe puseram fogo, nem deixa de ser exemplar em historia, pois nella se vê que uns com martyrio ganharam o ceo, e outros deixando a fé o perderam, e muitos com industria se livraram de grandes trabalhos, outros que sofrendo-os

vieram em liberdade a gozar de suas patrias: além de que trabalhos não perde nada sabe-los, quem não os experimentou, e mais os desta qualidade, pelos quaes tem passado nas partes de Berberia, e Africa, condes, marquezes, e duques, e até as mesmas pessoas reaes: principalmente neste nosso reino de Portugal. Não se izentando ninguem por mais prospero que seja, de cuidar que não lhe póde acontecer, o que tem acontecido a tantos, e o que tem noticia de cousas semelhantes, já sabe como se ha de haver nellas.

E porque os antepassados de V. M. experimentaram isto tanto á sua custa, que o senhor D. João de Menezes, que está em gloria, avô de V. M. morreu em Africa, em poder de mouros, e o senhor D. Diogo seu pae, que está no ceu, ficou cativo delles. Ponho debaixo do amparo, e favor de V. M. esta minha relação: porque nella apresento tambem a V. M. meus trabalhos, pois todos os que conto passaram por mim, em todos os successos que relato me achei; tirando outros muitos que tive na India, de que não trato, e todos em serviço de sua Magestade, que por esta razão ficam sendo de mais qualidade, e merecimento, e V. M. com mais obrigação, pelo clarissimo sangue de Menezes, que tem de a amparar, e como eminente nas letras de a defender, e deste seu antigo criado aceitar este pequeno serviço, cuja pessoa, Nosso Senhor guarde, largos e felizes annos. Lisboa hoje 25 de agosto de 627.

Criado de V. M.

João Carvalho Mascarenhas.

AO LEITOR

NÃO foi presumção, nem confiança que tivesse. Sendo meu cabedal tão limitado, de cuidar que escritos meus pudessem sair a luz: dando á impressão a perda da nao Conceição, que os turcos queimaram á vista da Ericeira, e descripção nova da cidade de Argel, muralhas, fortalezas, numero de gente, artelharia, governo dos turcos, assim na cidade, como na guerra, o modo que hão de seguir os cativos para melhor livrar, como se conservam as egrejas, e sacerdotes, a perfeição com que os officios divinos se celebram entre estes infieis, dos martyres que nestes ultimos annos morreram pela fé, varios successos, que muitos cativos tiveram, fugidas que intentaram, e outras cousas dignas de se saberem.

Meu intento foi contar verdades (que em tudo o que escrevo como testemunha de vista poderei jurar) pelo

que me pareceu não ser necessario adorno de palavras, nem linguagem floreada, que esta muitas vezes serve mais de escurecer, e confundir a historia, que de a declarar, e dar gosto a quem a lê, e tambem foi dar a entender clara, e brevemente como pratico na milicia da India, e na de diversas partes, e como quem militou nellas: a valerosa peleja desta nao, e a força que nossos inimigos tem na cidade de Argel, e os trabalhos que em serviço desta coroa tenho passado.

Segundariamente foi ver, que sendo a cidade de Argel perseguição continua da christandade, donde tanto dinheiro, e fazenda se tem consumido parte por roubos, parte por resgates, e donde ha sómente deste nosso reino, mais cativos que de outro algum, e que havendo nelle tantos soldados, tantos letrados, tantas pessoas graves, e doutas: não houvesse quem escrevesse della algum tratado moderno em nossa lingua, occupando por ventura a sutileza de seus engenhos em livros de menos importancia.

Esta razão me persuadiu que não seria esta relação mal recebida, principalmente de muitos a quem sua sorte levou a esta terra: e de outros que por sua curiosidade desejam saber de seus presidios e governo, e posto que o contentamento de contar trabalhos passados me póde ficar por premio. O ser bem aceita o terei por tão grande, quanto é o gosto com que a offereço. Vale.

Relação da perda da nao Conceição, que os turcos queimaram á vista da barra de Lisboa no anno de 1621

CAPITULO I

Da partida de Goa, e mais successos até Santa Helena

PARTIU a nao Nossa Senhora da Conceição, feita na India, da barra de Goa o primeiro de Março de 621 da qual era capitão Jeronimo Correa Peixoto, que tinha ido por capitão da nao Guia, e como esta não fosse muito velha, mandou sua Magestade que a fabrica della, capitão, officiaes, e artelharia se passasse á nova, que estava no estaleiro em Goa, o que a gente della fez aquelle inverno com grande trabalho, e despeza, por haverem já invernado em Moçambique o anno atrás, que já parece que se iam aparelhando para os grandes trabalhos que lhe estavam guardados: mas o animo, e gosto com que os portuguezes que pasam á India servem a sua Magestade é tanto, que não reparam em grandes perigos, e nau-

fragios que acontecem á ida, e vinda, nem em enfermidades, e successos da guerra em que continuamente andam os que lá servem, levados mais da honra, e lealdade de servir a seu Rei, que do premio, e satisfação que se lhe dá a seus merecimentos.

A nao Conceição bem aparelhada, carregada, e rica, deu á vela uma segunda feira pela manhã, em companhia da nao Capitania Penha de França, de que era capitão mór Gaspar de Melo, e com prospero vento ambas, em cincoenta e tres dias de viagem foram dar vista de terra do Cabo de Boa Esperança em trinta e tres graus uma segunda feira pela manhã e com vento em popa, iam correndo as naos ambas a costa, e se á vista do Cabo se lhe não fizera o vento ponteiro, e roim fizeram uma brevissima e prospera viagem, e durando-lhe o vento que levavam mais algum espaço, o passavam; mas como por secretos divinos estava a nao guardada para tão triste successo, foi Deus servido dar-lhe tão rijo, e tempestuoso vento, que de dentro da nao levou um golpe de mar a um mancebo passageiro chamado João Cascão, e com as mais crueis tormentas que se viram andaram quarenta e quatro dias ao pairo sem se poder dobrar o Cabo de Boa Esperança. Não deixaram de ser estes dias de tormenta causa do que depois veio a succeder: porque aqui se perdeu a nao Capitania de vista, não por falta do capitão mór Gaspar de Melo, que sempre a acompanhou como muito grande servidor que é de sua Magestade, e sempre foi nas occasiões em que se achou na India, mas por culpa dos officiaes da nao Conceição, que sendo ella peor de vela, e de bolina, que a Capitania, traziam pensamento de chegar deante, com pretenção de os fazerem officiaes da nao Capitania neste reino o anno seguinte, e diziam muitas vezes, que sua honra, e credito estava em chegarem sós: por-

que acompanhados lhe diziam que o farol da Capitania os trazia, e os levava; pelo que se havia de atentar neste reino, e castigar rigorosamente inda que chegassem a salvamento, se partindo da India em conserva, por sua culpa se apartassem, e não fizessem as diligencias necessarias para se tornarem a ajuntar com a companhia.

Ao cabo de quarenta e quatro dias de pairo se passou o Cabo de Boa Esperança, sem vela, e sem vento; mas a força dos mares, e corrente das agoas, puzeram a nao fóra deste promontorio, que foi causa já mais vista, havendo já alguns dias que tinha perdido, e deixado a Capitania. Tanto que se passou o Cabo fez o capitão diligencia por saber se havia agoa bâstante para se chegar ao reino, e parecendo-lhe pouca, com o voto, e parecer dos officiaes, (dando-lhe lugar o Regimento que trazia do governador Fernão de Albuquerque, o qual dizia que tendo necessidade de agua a fosse fazer a Santa Helena, e por nenhum caso ao Brazil, nem a Angola) mandou ao piloto Gaspar Moreira, que tinha succedido a Sebastião Prestes, (que morreu aos tres dias de viagem depois de sair de Goa) que tomasse Santa Helena, e que a não errasse, sobre o que houve muitas discenções entre o capitão, e D. Luis de Souza, que vinha por passageiro com sua mulher, e casa, porque era de parecer que por nenhum caso se tomasse Santa Helena: por lhe parecer que achariam alli naos holandezas, e que a agoa que havia bastava para se fazer viagem até ás ilhas. Estas differenças duraram alguns dias entre um e outro com algumas desenquietações, e desgostos, os quaes são ordinarios nestas naos quando vão nellas por passageiros fidalgos poderosos, e os capitães dellas o não são: porque os officiaes, afeiçoados a uns, e mal obedientes a outros, não governam, ou não os deixam gover-

nar como entendem, e por esta causa se perdem, invernam, e arribam cada dia, como se vê por experiencia. O capitão tanto por sair com a sua, a respeito de D. Luiz que o encontrava, como por entender que havia falta d'agua: porque nos quarenta e quatro dias que se tinha andado ao pairo se tinha gastado, e arrombado algumas pipas, poz toda sua força e cuidado em que se tomasse Sãnta Helena, não imaginando o infeliz sucesso que lhe estava alli guardado.

CAPITULO II

De como chegou a Santa Helena

Tanto que a nao chegou a Santa Helena, que foi uma segunda feira ao amanhecer muito bem aparelhada, enxaretada, com seus paveses vermelhos, e suas bandeiras largas com toda a artelharia fóra, todos com suas armas, e em seus lugares repartidos com determinação de fazer agua apezar dos inimigos, que achasse no porto, o tomou livremente sem achar nelle nao alguma, e dando fundo algum tanto desviada lhe foi necessario botar uma espia, e chegar-se mais a terra: seria isto ao meio dia, e estando o capitão comendo, ouviu que laborava o cabrestante no convez, e deixando a mesa se levantou donde estava para ir ver o que faziam, ao que lhe disseram dous homens que com elle estavam, que acabasse de comer, e que depois iria ver o que faziam, que para um virador que se levava não era necessaria sua assistencia, que já a nao estava surta, e elle respondeu, que não lhe sofria o coração o não ir lá (que parece que a morte o estava chamando) porque tanto que

chegou ao convez arrebentou o virador, e desandou o cabrestante com tanta furia, que alcançando-o uma barra delle pelos peitos o matou sem dizer uma só palavra, não fazendo dano a nenhuma outra pessoa dos que estavam presentes, e assim acabou este capitão desestradamente sendo muito honrada pessoa, e muito bom christão, havendo-se o dia antes confessado, e feito seu testamento, parecendo-lhe que no porto acharia inimigos, e lhe aconteceria com elles, o que lhe aconteceu naquella infelice hora.

Tanto que morreu elegeram por capitão D. Luiz de Souza, o qual mandou logo enterrar o capitão Jeronimo Corrêa Peixoto á porta de uma ermida que está na ilha já mui desbaratada e destruida, sem portas nem altar, nem cousa que pareça que alli foi igreja: porque os holandezes e inglezes inimigos de nossa santa fé a destruiram, como fizeram ao mais que havia naquella ilha; sómente ensima da porta está um letreiro que diz estas palavras: — *Dae graças ao Senhor, por vos trazer a este logar, e vos livrar dos trabalhos passados.* Depois que o capitão foi enterrado, e se disse missa por sua alma em um altar que se levantou, entrando na igreja se achou uma taboa que dizia desta maneira: — *Aqui chegou Fan Fans capitão do Conde Mauricio com tres naos a 19 de Maio de* 1621. Pelas pedras da ilha, e figueiras, que ha algumas, estavam tambem postos muitos letreiros de particulares de toda a nação, conforme a tenção de cada um, e os da nao tambem puzeram os seus. Tratou-se logo de trazer a agoa á praia, alimpar, e abrir o caminho por onde era necessario vir, e botar pipas em terra, o que se fez brevemente, não faltando nos dias que alli se esteve muitas cabras e porcos que se tomam á mão, e infinito peixe em tanta abundancia, que causa admiração.

A fertilidade da ilha é muita, porque ha muitas laranjas, limas, limões, figueiras, e palmeiras, e em tempos antigos devia de ser cousa muito fresca. Mas nossos inimigos, nem ainda a estas cousas perdoaram. Gastou-se em fazer a agoada oito dias, e querendo partir mandou o capitão saber se estava toda a gente na nao, ou se por descuido ficava alguma pessoa em terra, feita esta diligencia, achou-se que faltava um ermitão que vinha na nao, homem virtuoso, e de boa vida, o qual tinha passado pelo mar do sul ás Felipinas, e vinha-se recolhendo para sua casa, havendo mais de trinaa annos, que andava fóra della: foram logo com o batel a terra a busca-lo sete, ou oito grumetes, e nunca puderam dar com elle, e vindo se para a nao lhe tiraram uma esmola muito boa de fardos de arroz, de biscoito, de muitas especiarias, e um machado, caldeirão, linhas de pescar, fuzil, e tudo o mais que era necessario para poder passar a vida, até virem outras naos que o trouxessem, e isto se deitou em terra á porta da ermida em lugar donde elle por força havia de acudir, e tornado o barco a terra, e começando a despejar o que levava houveram vista do ermitão, e pegando nelle o trouxeram por força para a nao, e perguntando-lhe qual era a razão, porque se queria ficar naquella ilha deserta, respondeu, que por não ver o triste fim que havia de ter aquella nao, e foi isto tanto assim, que chegando a nao á ilha Terceira foi o primeiro homem que della sahio, e em terra se ficou sem se tornar mais a embarcar; tudo isto foram prodigios do que depois lhe aconteceo.

Deu a nao á vela uma segunda feira com bom vento, e com elle navegou prosperamente até se pôr entre o Corvo, Fayal e São Jorge: aonde teve o mais rigoroso tempo, e terribel tempestade que já mais se vio: porque quebrando os penois da verga grande

um grandissimo pé de vento, levou juntamente todas as velas sem ficar mais que um pequeno de traquete, com que se desviou de dar na ponta do Fayal, onde esteve muito perto de fazer um miseravel naufragio, se o vento supitamente não fora correndo os rumos todos.

CAPITULO III

De como chegou á ilha Terceira

PASSADA esta tormenta aparelharam a nao de penois, velas, e o mais necessario, e por entre as ilhas se veio pôr com os papafigos grandes á vista da cidade de Angra, e atirando uma peça, e largando as bandeiras no mastro grande, e por quadra com as Armas Reaes de Portugal, acudiram logo muitos barcos com refresco em muita abundancia: escreveo logo o copitão D. Luiz de Souza, que lhe mandassem soldados e bombardeiros, que de tudo vinha a nao falta, e mantimento para a gente que vinha da India, e para os que da ilha viessem. Nos mantimentos, e refresco se houveram tão bem, e com tanta brevidade, como mal na gente que mandaram: porque todos eram rapazes, e velhos, que uns de moços não traziam espada, e outros de velhos não podiam com ella: de maneira que nenhum se embarcou com armas. Não deixando de ser culpa de quem lhos maudou, por lhe mandar tal soldadesca em tempo tão arriscado: chegaram logo duas caravelas de aviso, as quaes deram as cartas que traziam de sua Magestade ao capitão, as quaes abertas em sustancia diziam desta maneira: Tanto que vos derem esta carta vireis com a nao bem adarelhada em ordem de guerra por altura de trinta

e nove graos e meio, pela qual altura achareis a armada de D. Antonio de Atayde, que vos está esperando, e vinde com aviso, porque o tenho, que anda uma armada de turcos fora.

Esta carta mandou ler o capitão pelo escrivão da nao ao piloto, e mestre, para com seu parecer responder a sua Magestade, ao que disse o piloto, que os senhores do conselho queriam dizer, que cem legoas da costa se havia de ir demandar a barra de Lisboa, por altura de trinta e nove graos e meio, mas que das ilhas se havia de vir por altura de quarenta, e quarenta e um, e para mais se justificar pedio seo parecer ao mestre, o qual como lhe não tocava da-lo, e a carga ficava só sobre o piloto, e a gente do mar não se forra com ninguem, respondeo muito soberbo, essa noz haveis vós só piloto de roer; porque esta nao vem entregue a vós, e vós haveis de dar conta della. O piloto com grande ira, e em altas vozes lhe disse estas formais palavras: Pelos Santos Evangelhos, que não a hei de roer eu só, que todos a havemos de roer, e chamando pelo escrivão, disse: escreva a sua Magestade, que vou por trinta e nove graos e meio, como me mandaram: dizendo isto como homem que ia contra o que entendia: disse mais um marinheiro no convez em alta voz: Nesta viagem todo o fato hade ser um, tanto hade ter o pobre como o rico (inda mal, porque assim foi) com esta resolução escreveo o capitão uma carta a sua Magestade, e outra a D. Antonio de Atayde seu primo, nas quaes dizia que elle ia por altura de trinta e nove graos e meio, e a D. Antonio de Atayde escrevia que viesse com a sua armada posta em uma ala de maneira, que de navio a navio houvesse despaço uma legoa: porque assim um grao mais, ou menos se não podiam perder de vista. Com estes avisos despedio a caravela de que era ca-

pitão um fulano de Souza, e a do capitão Estevão Soares ficou acompanhando a nao.

Partio a nao da ilha Terceira, com tão bom vento, que sem diminuir tres minutos para mais ou para menos da altura, veio por trinta e nove graos e meio a dar vista das Berlengas em sete dias pela meia noite, e no quarto dalva quasi rendido estava já perto da Ericeira, quando se ouvio um rumor de gente que falava como se estivera a nao surta no porto de alguma cidade, e cuidando que estavam metidos no meio da armada de D. Antonio de Atayde, alegres, e contentes começaram a ir tirando, e tilingando as amarras para dalli a duas horas irem surgir em Cascais: mas começando a romper a manhã foram descobrindo desasete naos grossas de trinta e cinco e quarenta canhões cada uma, que logo a gente da nao conheceo não ser a nossa armada, mas teve para si que eram navios carregados de sal, que vinham de Setuval.

CAPITULO IV

De como se brigou o primeiro dia com desasete naos de turcos

Eram estes navios de turcos, os quaes tanto que souberam que era carraca da India, como elles lhe chamam, informados dos nossos marinheiros christãos que com elles andam, fizeram conselho, e botaram as chalupas fora, a dar aviso de uns a outros, e largaram bandeiras de guerra, e todos empavesados, se puzeram em uma bem ordenada esquadra, e tiraram uma péça sem pelouro a gilavento: a nao como não tinha inda inteiro conhecimento do que era,

que não se desenganavam, nem lhe parecia que tanto á porta, e tão perto podiam estar tantos inimigos, amainou a bandeira, e mui depressa a issou outra vez, e na pouca cortesia que fizeram os dos navios, se conheceo que eram inimigos, e assim depressa se poz fogo á peça da mura com pelouro fazendo pontaria á sua Capitania, a qual tanto que vio que não tinham animo de mainar, tomou as velas grandes de alto, e perlongou as sevadeiras, ficando só com as gavias, e mezuras, e pela mesma ordem se foram pondo as mais, com determinação de invistir, e abalroar, e botar gente dentro, como fizeram.

O estado em que tomaram a nao foi o pior que podia ser, porque todos os sete dias que se gastaram das ilhas para a terra se não fez outra cousa mais que trazer fato, e fardos que estavam em baixo, para cima, porque nenhum homem vem na nao, que se traz alguma couza da India, consinta que lhe fique debaixo da escotilha : porque como hoje já todos trazem pouco, querem ver se podem passar no fato miudo, e escusar de pagar os excessivos direitos que pagam, ficando debaixo de cuberta: por onde os homens estavam cançados, e desapercebidos: a nao estava até o meio do mastro empachada, e abalumada ; e o convez estava cheio das amarras, que se tiravam para se ir sorgir em Cascaes: os inimigos eram muitos, mas não bastantes todas estas cousas se houveram os nossos tão valerosamente, e com tanto animo, que em menos de um quarto de hora foi o convez despejado, e com muitas tinas de agoa nelle, botando tudo outra vez em baixo, e a nao enxaretada, e empavesada, todos em seus lugares repartidos, e com suas armas, ainda que muito ruins: porque como havia tres annos, que a nao tinha partido deste reino com duas invernadas tão rigorosas, como são as da India, os mos-

quetes estavam mui mal tratados, e eram demasiadamente grandes, e as lanças muito compridas, e todas podres, mas sobejou no coração dos que alli vinham, o que faltou na bondade das armas. Os bombardeiros se puzeram cada um a dous canhões, havendo mister cada canhão dous bombardeiros, e mais e milhor disciplinados do que andam os desta carreira : mas elles se houveram como os mais praticos do mundo. O capitão D. Luiz de Souza se poz no meio do convez, com uma rodela de aço embraçada, e com uma espada nua na mão esperando como valente capitão a bateria que havia de dar o inimigo: porque a nao estava a pé quedo com pouco vento, mas desparando, e pondo fogo áquellas peças, cujos pelouros com mais effeito se podiam empregar nos baixeis dos inimigos.

Elles não se descuidando com muito boa ordem de peleja atracaram de romonia todos a um tempo á nao por todas as partes com todos os baixeis, do qual encontro feriram, e mataram muita gente nossa: porque os primeiros pelouros de canhão levaram uma perna ao Condestavel, do que logo morreo, que foi perda notavel : porque era muito valente, e muito pratico no exercicio da artelharia: levou tambem uma racha neste encontro a um mancebo que estava no castello da proa, que havia sido alcaide, e por não poder bolir-se, quando depois se poz o fogo á nao morreo nella queimado vivo, e outros muitos que passaram de vinte e cinco entre mortos, e feridos ; entre os quaes estando o capitão no convez lhe deu um pelouro de mosquete na espada que tinha com a ponta no chão, e lha quebrou pelo meio, e lhe fez uma ferida no singidouro da liga na perna direita, não muito grande, e em continente lhe deo outro pelouro da mesma sorte na propria perna, mais acima um palmo, que lhe atravessou o lagarto, de que foi enfraquecendo, e não se

podendo ter em pé se deitou á boca da escotilha sobre um caixão, donde ordenava o que lhe parecia.

O inimigo recebendo grande damno com a nossa artelharia, e com muitos pelouros de picão de cadea, e alguns pés de cabra se foi afastando com os mais dos baixeis destroçados, assim da peleja, como da roim visinhança que recebiam da nao: porque se dava algum balanço ao que colhia perto não perdoava, levando-lhe as entenas, e gorupeses, e desaparelhando-os. Uma destas naos a maior que jugava mais de quarenta peças de que era arraes calafate Açan, o mais valente turco de Argel, e bem conhecido por tal, vendo que tinha perdido o seu baixel, porque o tinham os pés de cabra todo desarvorado, e elle a pique de se ir ao fundo com muitas pelouradas que tinha recebido, fez da necessidade virtude (não deixando de ser valentia, e esforço o que fez.) Porque largando o seu baixel, e tirando-lhe da popa uma bandeira vermelha sobio com ella á nossa nao, e fazendo-se forte no castello de proa com quatrocentos turcos, e mouros que trazia comsigo, a mais valente e escolhida gente de Argel, e os mais delles renegados como elle: amarrou a bandeira ao pé do mastro de traquete, e começou com os seus a dar-nos uma gentil carga de frechas, e mosquetaria, e traz esta outras muitas, de que iamos recebendo grande damno.

Estando batalhando os nossos do convez, e da popa, e elles da proa, sobio um renegado de Setuval pelo traquete, e com uma machadinha foi desaparelhando o que pode, e chamando por uns marinheiros que alli vinham seus naturaes, cada um por seu nome lhe dizia, que amainassem; e senão que elle o faria com aquella machadinha, e cortando as ostagas da verga do traquete caio de supito com tanta furia, que matou a todos os turcos que apanhou debaixo; os nossos mosque-

tes não tiravam pelouro que não se empregasse nos inimigos, pelos muitos que eram, e muito juntos que estavam. Dous destes turcos animosamente sahiram da proa onde estavam, e com seus alfanges passaram por cima da xareta gritando, amaina, amaina canalha, e um foi subindo pela enxarcea do mastro grande, e estando já perto da gavea lhe deram com um pelouro, e cahio em baixo morto: o outro passou á popa, e chegou até a bitacula, aonde foi morto á espada: no meio desta tão travada briga, um negro jao cosinheiro se fez á mouca, como uzam na sua terra, que é uma deliberação de morrer, ou matar o inimigo, e subindo só por cima da xareta com uma espada nua na mão endereitou para todos os turcos que estavam no castello de proa, mas foram tantos os pelouros, e frechas sobre elle, que sem effeituar seu intento fôi logo morto. Neste tempo disse um soldado a Pero Mendes de Vasconcellos, que alli vinha com sua mulher, e filhos, e trazia quarenta mil cruzados de seu, que se desviasse um pouco, que dous turcos estavam fazendo pontaria, um com uma escopeta para elle, e outro para o mesmo soldado com uma frecha, as palavras não eram ditas, quando nos peitos de Pero Mendes deu o pelouro, de que depois veio a morrer, e a frecha quebrando a força nas cordas da xareta, deu com as penas nos olhos ao soldado sem receber damno algum.

Nesta briga pelejou valerosamente o capelão da nao chamado Frei Gregorio, da religião de S. Francisco, natural das ilhas, porque confessando e animando, descorrendo de uma parte a outra com um Christo nas mãos o fez de maneira, que não é possivel poder-se escrever o valeroso animo, e santo zêlo deste padre, sendo inda isto muito pouco para o que ao diante veio a fazer em Argel na occasião da peste, que depois houve naquella cidade. O padre Manoel Men-

des que vinha na náo, para ir a Roma, por procurador geral dos padres da Companhia de Jesus das partes da India o fez sempre excellente e maravilhosamente: porque no discurso da viagem não faltou nunca com sua doutrina e prégações, achando-o sempre mui prestes para tudo o que o occupavam, e principalmente nésta occasião da peleja se houve como um esforçado mancebo, sendo já de muita idade: confessava os feridos, exortava os sãos, e animava-os com seu exemplo: porque mandando-lhe dizer muitas vezes o capitão, que se metesse debaixo que lá confessaria os feridos, e estaria mais sem risco, respondeu que menos estimava sua vida, que qualquer das outras pessoas que pelejavam, e que feridos havia que não podiam vivos chegar abaixo, pelo que em cima estava bem: e assim o fez até a hora em que a nao se queimou.

O padre Mota seu companheiro leigo, o fez como soldado velho da India, ajudando a tudo aquillo que estava em sua mão, curando e consolando os feridos, cobrindo os mortos, para que os vivos não perdessem o animo vendo-os, e tudo com grande zelo christão, o qual depois mostrou bem no cativeiro, curando de peste até que morreu della. Vinham mais na nao dous clerigos, um delles castelhano, que vinha das Felipinas com uns avisos a sua Magestade, chamado D. Patricio; ambos o fizeram como muito bons sacerdotes, e bem se vio em D. Patricio, pois pelo tempo adeante veio a morrer em Argel queimado vivo a mãos de turcos, por defensa da Fé Catholica, e avizos que dava a sua Magestade contra esta barbara canalha.

A briga se foi continuando por todo o dia, havendo de nossa parte muitos mortos e feridos: mas os turcos estavam já tão arrependidos de se terem metido dentro na nao, como desanimados de poderem

fazer cousa alguma que fosse de proveito para elles: porque os mais eram já mortos, e a sua nao perdida, e assim começaram a capear as outras naos, que lhe acudissem ou os ajudassem com mais gente: as quaes estavam de fóra dando e recebendo muitas cargas de artelharia sem se descançar, nem de uma parte nem da outra; e por mais que os de dentro o chamaram não ousaram nunca de se acostar á nao, mas despedindo as chalupas, determinaram tanto que elles se lançassem ao mar, de os recolherem; mas como os nossos entenderam sua determinação, não querendo fazer ao inimigo a ponte de prata: porque lhe tinha custado muito caro sua vinda, arremeteram todos em um corpo com elles, gritando Santiago com tanta furia, que a pezar seu subiram ao castello de prôa; mas elles com as fisgas dos nossos pescadores, que alli acharam nella, e com outras meas lanças suas botaram os nossos por tres vezes em baixo, mas a derradeira se investio de maneira, que dando com todos ao mar, e matando os, ficaram os nossos senhores da prôa e de toda a nao, e os que saltaram ao mar, de cima com paos, e pedras, e fardos de arroz na agoa os acabaram de matar, e consumir; deixando vivo sómente um que se deu ao capitão; com istó ficou por este dia a vitoria por nós, e se deu fim á briga delle, que durou desde as sete da manhã até ás seis da tarde.

Ficaram mortos, e feridos nossos este dia trinta e tantas pessoas, entre as quaes mataram sete bombardeiros, dos inimigos não houve nao em que não houvesse de dez mortos, e feridos para cima, dos turcos que entraram na nao, não escaparam oito, entre os quaes escapcu o traidor do calafate Açan, e se meteo na Capitania de Tabaco Arrais, que vinha por general daquella esquadra, e trazia nas desasete naos cinco mil homens de peleja para desembarcar em Galiza:

foi esta briga uma das assinaladas destes nossos tempos, e se acontecera em outra nação de gente, que não fora portugueza, houvera de haver mais livros, e mais relações espalhadas pelo mundo, e não havia de haver provincia, por remota que fosse, que não tivesse noticia della: porque uma só nao, com vinte e duas peças de artelharia, brigar com desasete naos grossas, de trinta e cinco, e quarenta peças cada uma, um dia todo sem soccorro, e sem se render, não sei onde aconteceo: e brigarem seis soldados, que vinham a requerer seus serviços, e oito passageiros, e noventa marinheiros, e grumetes, acabo de navegarem oito mezes, pelo mar, fracos, e sem forças, com cinco mil turcos tiradores, valentes, sahidos de quatorze dias de Argel, não li, nem sei, que em tempos antigos, nem modernos, em nenhuma nação acontecesse cousa semelhante; e assim foi esta uma só no mundo: assim pela valerosa briga, e peleja que teve, como pelo desestrado fim que veio a ter tão á vista de sua propria terra.

Acabou se a briga deste dia quasi noite, os inimigos se ajuntaram todos, e se foram afastando, a mais de tiro de pessa da nao, uns dando pendores, e botando pranchas nas portas, que lhe tinham feito nossos pelouros, que não eram pequenas, outros concertando vergas, e gorupezes, que se lhe tinham quebrado, quando abalroaram a nao, e outros tomando arrotaduras nas arvores, que os nossos pès de cabra, e pelouros de cadea lhe tinham desaparelhado.

A nossa nao ficou de maneira, que se tivera ventura de entrar ao outro dia, ou aquella noite em Lisboa, que com uma hora de vento o podia fazer, se Deus nosso Senhor o permetira, fora uma cousa a mais admiravel, que já mais se vio, porque as velas das muitas cargas de artelharia, e mosquetaria ficaram todas feitas uma rede, sem haver um palmo, que não recebes-

se pelourada, não ficou enxarcea, nem polé, nem corda que não ficasse despedaçada, rota, e quebrada: as obras mortas da popa todas voaram, a nao estava por fóra, que parecia uma calçada de pelouros (que pelos costados, muito poucos entraram dentro) e assim ficáram pregados na mesma nao.

Chegada a noite botaram os mortos ao mar, curáram os feridos, e só para descançar os sãos não houve lugar, porque logo se tratou de aparelhar a nao, assim de meter velas novas, como de atezar, e concertar a enxarcia, pôr ostagas no traquete que estava em baixo, remediar o ostai que estava roto, de maneira que não havia cousa com cousa: e assim acharam todos, que foi maior o trabalho desta noite, do que foi o que se teve na peleja de dia; porque nella se aparelhou a nao de tudo, como se aquella hora sahira da barra de Goa: e foi tanto assim, que o inimigo quando a vio ao outro dia tão differente do estado em que a tinha deixado á boca da noite, duvidou se era aquella.

Tanto que a nao esteve aparelhada, começou a ventar um pouco de vento favoravel: mas tão pouco que não servio de nada, ficando logo em uma grande calmaria, e cruel bochorno, o qual durou até pela manhã, que com a claridade della, os marinheiros vigiaram o mar, assim do convez, como do mastareo, sem descobrirem vela alguma, e não podendo a nao ir para Cascaes, por quanto o vento que começou a ventar, se fez logo fronteiro, e junto á Ericeira se descobria uma pequena praia de area, aonde mostrava haver bom surgidouro, e fazendo-se concelho foram de parecer que se fosse surgir em seis ou sete braças, porque se o inimigo aparecesse outra vez não nos cometeria tão perto de terra, e quando o fizesse, não poderia a nao deixar de ter soccorro: porque com a

...queria fazer: O capitão mandou lo-
... mareasse a nao na volta do mar,
...avam, o que logo fez, que provera
...terra, nem tal barco á nao não che-
...o esteve a perdição desta nao, não
... um erro notavel naquelles que a
...que por dito de um barqueiro, sem
...que expressamente o mandassem, não
... de fazer, se não o que lhe parecesse.
... nao se poz na volta do mar, e como
...inimigo de frecha, assim o descobrio,
... oito horas do dia, não estando a nao
... se pudesse tornar a chegar a terra
...ntentou: porque os navios contrarios
...ros, e em tanto que lá se chegasse
...çar a nao, e assim pareceo melhor dei-
... volta, porque nella obedeciam, e não
..., e podiam dar vista da nossa arma-
... nossos outra vez de novo a por-se
...uerra, assim a nao, como artelharia, e
... mesmo concerto, e animo que o dia
...via a falta da gente morta, e ferida
...rincipalmente dos bombardeiros.
...anto que se descobriram os inimigos e
... cometiam, mandou chamar o turco que
...oder, que ficára vivo do dia atraz, e lhe
... pagaria, o mal que os seus queriam ou-
... que certo foi crueldade, porque fóra
...om sangue frio se não mata ningum, e
...nde ha cativos de uma, e de outra par-
...do por um polaco que de Ormuz trouxe-
... qual havia estado cativo de turcos mui-
... entregou, e lhe disse, que o matasse an-
...eus baixeis chegassem aos nossos: o pola-
... logo as mãos atraz, e tomando um alfan-

gente que estava sómente, parecia cousa impossivel poder-se aturar outro dia de peleja; porque a gente principal estava já toda ferida: de quatorze bombardeiros, estavam mortos sete, e feridos quatro, de modo, que sómente havia tres que estavam sãos, e estando junto á terra, estavam despostos a receber o soccorro que lhe viesse, e com elle se brigaria com outras tantas naos: este conselho pareceo bem, e se poz por obra, inda que se o vento dera lugar, se houvera de ir a Peniche.

CAPITULO V

De como chegou um barco com aviso

Indo já tirando as amarras para surgirem, estando a tiro de peça da Ericeira, viram vir uma vela de terra para a nao, e cuidando que era soccorro, ou munições: e chegando perto da nao, se não vio mais que tres barqueiros, e um delles em alta voz, disse, que dizia (não me lembra quem) que se fizessem logo na volta do mar; porque a costa naquelle tempo era perigosa, e podia a nao nella perder-se, e ao mar achariam a armada de D. Antonio de Atayde que os andava esperando, e chamando pelo barco de mandado do capitão, para dentro lhe meter sua mulher, e as mais que alli vinham, e meninos, e outra gente inutil para a guerra com alguma pedraria: pois visto estava que naquella volta se ia demandar o inimigo, que não era possivel estar longe, pois não teve vento com que se desviar: o barqueiro meteo de lò quanto pode, e com o maior medo do mundo disse que trazia ordem, que com pena da vida não chegasse á nao, e

que assim o não queria fazer: O capitão mandou logo ao piloto que mareasse a nao na volta do mar, em que lhe mandavam, o que logo fez, que provera a Deos tal não fizera, nem tal barco á nao não chegára, porque nisto esteve a perdição desta nao, não deixando de haver um erro notavel naquelles que a governavam; porque por dito de um barqueiro, sem haver carta em que expressamente o mandassem, não tinham obrigação de fazer, se não o que lhe parecesse.

Finalmente a nao se poz na volta do mar, e como se fora buscar o inimigo de frecha, assim o descobrio, que seria pelas oito horas do dia, não estando a nao já em estado, que se pudesse tornar a chegar a terra como primeiro intentou: porque os navios contrarios eram muito ligeiros, e em tanto que lá se chegasse haviam de alcançar a nao, e assim pareceo melhor deixar ir na mesma volta, porque nella obedeciam, e não mostravam medo, e podiam dar vista da nossa armada: tornaram os nossos outra vez de novo a por-se em ordem de guerra, assim a nao, como artelharia, e a gente com o mesmo concerto, e animo que o dia atraz: mas todavia a falta da gente morta, e ferida se enxergava principalmente dos bombardeiros.

O capitão tanto que se descobriram os inimigos e soube que nos cometiam, mandou chamar o turco que tinha em seo poder, que ficára vivo do dia atraz, e lhe disse, que elle pagaria, o mal que os seus queriam outra vez fazer (o que certo foi crueldade, porque fóra da peleja, e com sangue frio se não mata ningum, e em guerra donde ha cativos de uma, e de outra parte) e chamando por um polaco que de Ormuz trouxera comsigo, o qual havia estado cativo de turcos muitos annos, lho entregou, e lhe disse, que o matasse antes que os seus baixeis chegassem aos nossos: o polaco lhe atou logo as mãos atraz, e tomando um alfan-

ge, lhe disse em sua lingoa, que fosse caminhando, que lhe queria cortar a cabeça por mandado do capitão, ao que o turco não replicou palavra, nem mostrou tristeza no rostro, antes caminhando com um animo, e coração de soldado valente (porque o que é turco de nação é esforçado desenganadamente) se foi assentar sobre as entenas com o rostro para o mar, e abaixou a cabeça para dar lugar a lhe darem com o alfange á vontade, sem nunca dizer nada, nem ser necessario dizerem-lho, que parece que não lhe dava da morte, nem estimava a vida: o polaco lhe deu dous golpes, dos quaes lhe levou a cabeça de todo fóra saltando no mar, e ficando o corpo por um espaço sem ella: lhe deu um couce, com que fez que o corpo fosse seguindo o caminho de sua cabeça: e sabendo os turcos depois de queimada a nao, que o polaco cortára a cabeça ao turco, nem por isso lhe fizeram mal.

CAPITULO VI

De como se pelejou o segundo dia com desaseis naos

Os navios do inimigo se vinham chegando todos em uma ala um atraz do outro, seguindo sua Capitania com todo o pano dado, e com suas bandeiras de guerra, e empavezados: e sómente a Capitania trazia bandeiras brancas, e tanto que se poz a tiro de pessa, tendo já o balravento ganhado, atirou uma peça sem pelouro, dando sinal assim nisto, como nas bandeiras que trazia, que nos entregassemos a partido: mas os nossos, que não estavam deste parecer, lhe responderam com uma pessa da mura com bala, e logo se foi pondo fogo ás mais. O inimigo tan-

to que conheceo a determinação dos nossos, se deixou ir na mesma volta com a mesma ordem, que levava, e virando sobre os nossos, tirando as bandeiras brancas, e pondo outras vermelhas, e tomando os papafigos grandes, e sevadeiras: e todos os mais baixeis fazendo o mesmo, veio perpassando pela nao um pouco ala larga, e lhe deu uma gentil carga de artelharia, e mosquetaria, a qual recebeo alegremente estimando-a, e tendo-a já em menos, que o primeiro dia, porque na peleja, os primeiros pelouros são os que se temem, e como os nossos tinham já o medo perdido, lhe responderam tambem, que os fizeram alargar mais um pouco, e ficando quasi uma legoa de nós, sua almirante os foi recolhendo lindamente, e como muito grande navio de vela que era, cujo arrais, ou capitão, que assim se chama, era Sara Mostafa.

Fizeram elles logo seu concelho, e segundo depois se soube, disse Tabaco arrais capitão mór daquella esquadra, que elle não queria nada daquella nao, e se queria ir na volta de Argel, e se contentava com desanove baixeis de inglezes, que tinha tomado, todos juntos em uma manhã, sem lhe custarem mais, que um tiro de polvora, com que todos lhe amainaram, e os mais dos inglezes traziam comsigo, e os navios tinham mandado diante havia dous dias.

A isto respondeu o perro do calafate Açan (o qual tinha escapado a nado) que elle tinha a sua nao perdida, e quatrocentos turcos, e mouros, que comsigo trazia, eram mortos, e que não era honra dos turcos de Argel, nem sua, ir com um baixel menos, e com todos os outros destroçados, e com tanta gente morta sem renderem, ou queimarem uma preza tão rica, e de tanto porte como era aquella, e que finalmente era uma só nao, e as suas eram desaseis, que lhe dessem baixel, que quando de outra carga que dessem á

nao, ella se não rendesse, que elle lhe queria pôr o fogo. Estas palavras deste grego renegado moveram outro da sua nação, e seu companheiro chamado Abibi arrais dos valentes de Argel, a persuadir a todos os outros, que acometessem, que elle só, ou havia de morrer, ou pôr fogo á nao, ou perder o seu baixel, e tudo lhe aconteceo.

CAPITULO VII

De como puzeram os turcos fogo á nao

O general Tabaco Arrais (ainda que com pouca vontade, porque é mais conhecido por venturoso que por valente) tornou a pôr sua esquadra na mesma ala, e pe!a mesma ordem, que primeiro a tinha posta, e fazendo outra vez sinaes, que amainassemos, foi pessando a tiro de canhão, sem se atirar nenhum, em nnnhum dos navios, e depois de todos terem passado á nossa vista, com suas bandeiras largas, e pavezes vermelhos, e muitas trombetas bastardas, e conhecendo que na gente da nao, não havia fraqueza de animo de todo se desenganaram, e arribando a Capitania sobre a nao, e as mais seguindo-a pela mesma ordem, chegando-se muito perto, que quasi iam tocando as suas entenas com as nossas, foi cada um de por si dando sua carga de artelharia, uma de traz da outra sem descançar, e chegando-se a derradeira muito perto pela popa, que era a nao de Abibi Arrais, com determinação de pôr fogo, como fez, e estando chegado ao telhado da varanda, o qual como é costume, vem cuberto por causa das chuvas, com um pano alcatroado, tirou o turbante da cabeça,

que é uma peça de caça, e quebrando nelle um frasco de agoa ardente mesturada com olio de linhaça, enxofre, e polvora, que são materiaes, que assim misticos, o fogo delles se não apaga senão com vinagre, e pondo o turbante assim molhado, e ardendo em fogo na ponta de uma frecha, a pregou no pano breado da varanda, onde facilmente pegou o fogo com grande furia, e por mais diligencias que se fizeram logo com agoa, e os carpinteiros com machados rompendo, e botando ao mar a varanda, não foi possivel abrandar nada o fogo, o perro do cossairo passando mais adiante, até que com a sua nao emparelhou com a nossa; deitou outra vez fogo no convez, o qual se apagou logo, e juntamente do castello de proa, que estava bem guarnecido, porque outra vez não no-lo ganhassem, deram no inimigo de Abibi Arrais com um pelouro pelos peitos, com o qual ficou estirado na popa de sua nao, não dizendo mais senão que deixassem queimar todos os christãos daquella nao, pois elle morria, e com isto deu com a maldita alma no inferno, sucedendo-lhe tudo como disse, porque morreo, queimou a nao, e perdeo a sua.

A nossa artelharia com tanta furia se empregou neste navio, que todo ficou destroçado debaixo da nao, os mais dos turcos mortos, a nao vinha um pouco pela bolina, e para se apartar deste navio, que estava embaraçado com ella, se poz em popa, e como trazia já o fogo pegado, e muito forte na rabada se meteo todo com o vento por dentro da varanda e cameras do capitão, com que a nao se foi queimando muito á pressa, e com maior violencia dando em uns fardos de cravo, que estavam metidos em um camarote, que não parecia senão mui resinada polvora, e finalmente tudo quanto vem numa destas naos o é, porque drogas, roupas, canella, pimenta, que é senão vivo fogo.

Os nossos já neste tempo iam largando as armas, e acodindo todos ao fogo, sem haver esperança de se poder apagar, e chegando já quasi ao mastro grande, entraram alguns turcos do navio, que tinha apegado o fogo, o qual ficou perdido, e desarvorado junto á nao, dentro nella com seus alfanges, e machadinhas gritando, amaina, amaina, boa guerra, boa guerra, metendo-se por dentro da nao a furtar. Os nossos bem se deixa ver, que taes estariam metidos entre tres tão crueis inimigos, como era o fogo, a agoa, e os turcos, em fim achando, que os mais piadosos seriam os turcos, assim como elles foram entrando na nossa nao, foram os nossos entrando no seu navio, que se elle não fóra, não escapava nenhum dos nossos com vida, e acodindo logo os turcos das mais naos com suas chalupas, foram tirando toda a gente deste baixel, e levando-a para os outros, e acodindo juntamente a ver se podiam salvar alguma fazenda da nao, não foi possivel tirarem, nem só um pano, e com isto deram lugar para se salvar quasi toda a gente da nao, tirando os mal feridos, que morreram queimados vivos, que iriam gozar do ceo, onde serão melhor premiados, do que o hão de ser neste reino os vivos, que escaparam: Morreram alguns turcos queimados, que sua cubiça os levou por dentro da nao, e quando se quizeram sahir, o fogo lhe empedio o caminho, mostrando-lho aberto para o inferno, onde estarão eternamente.

Finalmente, a nao se abrasou, e consumio em menos de uma hora, que não houve fumo, nem rastro della, sendo a mais rica, que havia muitos annos, que tinha partido da India; porque só de pimenta trazia seis mil e oitocentos quintaes, e de caixaria, e fardos vinha toda abarrotada, trazia o prezente d'el Rei da Persia para sua Magestade, trazia o capitão D. Luiz de Souza, que o acabava de ser na India, da fortaleza

de Ormuz, e trazia comsigo duzentos mil cruzados, e outros passageiros muito ricos, trazia muita quantidade de diamantes, com os quaes se fez rica toda a Italia, mercando-se em Argel por pouco preço: pelo pouco conhecimento que delles tinham os turcos.

Nesta peleja morreo alguma gente, um soldado chamado Antonio Caldeira, a quem estava entregue a artelharia do convez da parte de bombordo, que o tinha feito o dia antes, e aquelle valerosissimamente, e foi tão desgraçado, que o derradeiro pelouro de mosquete, que entrou na nao, esse o matou no meio da sua estancia, e no lugar, que lhe tinham entregue como valente, e honrado soldado: Os turcos quando entraram, acharam o escrivão da nao com uma rodela de aço embraçada, que havia sido do capitão, e com a espada nua na mão, que por inadvertencia não tinha largado as armas, como é usança nos rendidos: e chegando se dous turcos a elle por diante, e um por detraz, lhe levaram a cabeça fóra com um alfanje, tendo elle brigado desde a primeira hora até á derradeira, em que o mataram tão esforçadamente, que não é possivel poder-se fazer mais.

E porque minha tenção não é falar, nem louvar os vivos, porque o que é tão notorio, e aconteceo tanto de portas a dentro deste reino, por si se louva: não digo tambem dos que se assinalaram, que bem publico é, por não aventejar a uns mais que a outros fazendo-o todos, e cada um em seu lugar tão excellentemente, como se deixa ver, pois dezasete naos grossas acabo de dous dias inteiros com cinco mil tiradores, e quinhentas e tantas pessas de artelharia, não poderam render uma só nao com vinte e duas pessas, e cento e tantos homens fracos, e doentes de oito mezes de viagem, e se o fogo a não queimára, não haviam de levar vitoria delles, pois já tinham perdido duas naos,

e muita gente, e nos nossos não faltava animo para brigarem, festejando que os mouros de Africa soubessem, como pelejavam os portuguezes na Azia, donde vinham.

Depois de partida a gente pelas naos dos turcos, a nao queimada, o navio perdido, tudo dentro em uma hora, que foi uma segunda feira em onze de Outubro de 621, fazendo desde a hora que amanhecemos entre os turcos uma calmaria, até o dia em que queimaram a nao, que parece que se abrazava o mundo, e tanto que a nao foi queimada, a gente della partida pelos navios inimigos, veio um tempo ponente tão rijo, que não sofria navegar com velas de gavia, que se nos dera duas horas antes: nem os turcos nos cativaram, nem deixaramos de entrar aquelle dia em nossas casas; mas das permições do Ceo, não ha quem se possa guardar.

Se houvera de contar por extenso, o que cada um passou no navio em que se vio cativo, nunca acabára: porque considerar, que havia dous dias que todos estavam contentes, e alvoroçados para entrar em suas casas, ver suas mulheres, e filhos, mães, e amigos, e que alguns havia mais de vinte annos, que não tinham visto, e todos traziam seu remedio, qual pouco, e qual muito, e em tão breve tempo uns se viram mortos, outros sem pernas, e braços, outros feridos, e todos pobres, rotos, e cativos, não havendo diferença entre os negros, de seus senhores, e o peior com pouca esperança de liberdade, porque a carreira da India não está como em tempos antigos, que possam os homens della deixar em sua casa, com que se valham em caso de necessidade. E justo fora que se mandara uma redempção a Argel, a tirar esta gente, pois tão honradamente tinha pelejado pela fé de Christo, e pela honra de sua nação, ainda que mais não fora, que por

exemplo para que outras, em semelhantes occasiões se animassem : vendo, que premiavam, e punham os olhos nos que se defendiam, e não deixarem-nos perecer, e morrer em cativeiro de peste, não sendo quinze, os que em cinco annos tiveram liberdade, e vieram a este reino.

CAPITULO VIII

Da morte do capitão D. Luiz de Souza, e outras pessoas

Ha se de notar, que em segunda feira partimos da India, em segunda feira descobrimos terra do Cabo de Boa Esperança, e em segunda feira sahimos delle, em segunda feira chegamos, e sahimos de Santa Helena, em segunda feira entramos, e sahimos das ilhas, em segunda feira nos cativaram, e em segunda feira entramos em Argel, e eu em segunda feira fui vendido, e em segunda feira, a Deus louvores, tive liberdade.

O capitão D. Luiz de Souza, ficou cativo na Capitania de Tabaco Arrais, o qual o mandou curar, e lhe deu uma manta para se cobrir, perguntando-lhe se queria alguma cousa, elle lhe pedio, que lhe mandasse vir sua mulher, e alguns criados seus, que lhe nomeou, que estavam todos espalhados por outros baixeis, para o acompanharem, e botando a chalupa fóra, buscaram todas as naos, e lhe trouxeram Dona Antonia sua mulher, e os criados, que pedio.

O pranto, e a lastima, que esta senhora fez, quando se encontrou com seu marido em tão triste estado, como foi velo ferido, pobre, e escravo : fazia compadecer até os mesmos turcos: porque D. Luiz de Sou-

sa, trazia naquella nao duzentos mil cruzados, os quaes tinha grangeado, parte do dote, que lhe deram com sua mulher, parte de uma viagem da China, que fez, e o demais em capitão de Ormuz, donde tinha sahido o anno atraz. De todas estas partes trazia as mais ricas peças, que já mais se viram neste reino: porque como sempre teve intento de se vir para elle, da China trazia ricas camas, dourados, e borlados, de Ormuz riquissimas perolas, e as melhores peças, que a Persia dá de si, e de Goa a melhor pedraria que havia quando se embarcou: porque era o fidalgo mais rico, que então havia em Goa, as escravas chinas, e japoas, não havia mais que pintar, e ver-se logo em tanta miseria, que se uma manta bem roim lhe não deram, não tinha com que se cobrir, e sua mulher igual com suas negras tão pobre, e tão escrava como ellas. O grande sentimento, que este fidalgo teve de se ver neste miseravel estado com sua mulher moça, e fermosa, a quem queria muito, não deixou de fazer impressão nelle de maneira, que com a grande malencolia, e com uns tremores, que lhe deram na perna ferida, depois de andar tres dias embarcado nos baixeis dos turcos, foi Deus servido leva-lo desta vida a descançar na outra.

CAPITULO IX

Da morte de Pero Mendes de Vasconcelos

A Pero Mendes de Vasconcellos, que havia sido sargento mór do estado da India, homem nobre, e rico casado com uma das principaes mulheres da India, que com elle vinha, e

com uma filha fermosissima cega: mas com os olhos muito claros, e dous filhos de onze para doze annos, ambos mui lindos, e bem doutrinados, aconteceo o mesmo, que ao capitão, porque tambem lhe cahio a sorte meterem-no na Capitania dos turcos, e lhe mandaram buscar sua mulher, e filhos, e ajuntarem-nos todos, e no mesmo navio, e no mesmo dia em que D. Luiz de Souza morreo, morreo elle tambem da pelourada, que tinha pelos peitos: deixando a mulher moça, a filha, e meninos em poder daquelles barbaros, e perdendo com a vida, mais de quarenta mil cruzados, que trazia de seu, e seus filhos, e mulher a liberdade.

Os turcos nestes primeiros dias, não deixaram de dar busca nos cativos, e quanto mais achavam, mais buscavam, e mais diligencias faziam: porque naquella nao vinham infinitos diamantes, e todos muito bons, e os mais delles de roca velha, por razão, que se tinha na India aquelle anno descuberto uma mina tão grande delles, que se o Dialcam a não mandára depressa fechar, vieram a ser como cristaes, e perder o seu valor: E por este respeito de haver muitos, e os mais delles bons, empregaram os mercadores quanto dinheiro tinham nelles, mandando-os naquella nao, os quaes como vinham entregues aos officiaes, elles os cozeram comsigo cuidando de os escapar, e desta maneira deram os mouros com elles, tomando ao piloto muito grande quantia de bizalhos mais que a todos.

CAPITULO X

De como tiraram os diamantes aos cativos

A Gaspar Mimoso, que vinha de ser feitor de Malaqua, lhe tiraram dos çapatos doze mil cruzados de diamantes, e veio a morrer em Argel de peste, a pouccs dias de cativeiro, sem ter uns çapatos que calçar: Desta maneira foram tirando a todos o que traziam escondido, ou aneis, ou cadeas, ou outras peças de ouro, que cada um lhe parecia, que podia escapar: Até o embaixador da Persia com ser mouro, e os seus, foram buscados, e despojados de tudo o que traziam: Sómente os padres da companhia de Jesus não tiraram nada, porque não lho acharam, e elles foram tão prudentes, que podendo trazer muito, que o tinham, se não occuparam nisso, o que provera a Deus fizeram todos, que posto que os turcos não tiraram cousa alguma da nao, o que acharam nos nossos lhe deu infinito proveito.

A Dona Antonia mulher do capitão, e a Maria Ribeiro mulher de Pero Mendes de Vasconcelos, mandáram buscar com muito respeito por dous turcos graves, e velhos, e tirando a Dona Antonia algumas joias dentre o cabello, e apalpando-a por cima do fato pela sintura, ella deixou cahir aos pés uma fita, que trazia por baixo da saia, em que tinha ligado alguns bizalhos de diamantes, e peças suas, e de seu marido, em que entrava um transelim de muito valor, e assim os turcos não lhe achando nada a deixaram, e ella depressa se assentou sobre a fita, que tinha largado aos pés, e desta maneira a salvou, e repartindo logo as joias entre os christãos escravos velhos, que anda-

vam por marinheiros nos navios dos turcos, lhe entregaram tudo, dando ella a terça parte por lho haverem salvado.

A mulher de Pero Mendes todas as joias que trazia guardadas, e escondidas antes que sahisse da nao, deu logo ao primeiro turco, que achou, parecendo-lhe, que se o não fazia assim a matariam, tomando-lhe entre ellas um habito de Christo de ouro, guarnecido com algumas pedras, que seu marido trazia, para dar neste reino, o qual foi sua ruina, e destruição, porque a tiveram a ella, e a seus filhos em grande estima, parecendo-lhe, que era mulher de um grande cavaleiro do habito, sendo assim, que seu marido o não tinha.

A ordem que os turcos tiveram com a gente, que coube a cada nao, foi muito boa, e não como de barbaros cossairos, primeiramente a todos meteram embaixo no porão, e o primeiro, que entrava em cada navio (como é usança sua) o botavam de cabeça para baixo pela escotilha: sendo nisto mais piadosos, que os malavares e mouros da India, que nas prezas, que tomam de portuguezes degolam o primeiro, e untam com seu sangue a proa do paró, ou galeota, em que andam para correr bem. Depois de os terem debaixo, lhe vinham dizer, que nenhum se deixasse despir, nem tomar nada, e se algum mouro o quizesse fazer, que gritassem, e que logo o castigariam mui bem: puzeram as mulheres apartadas dos homens, requerendo aos cativos, que não chegassem uns aos outros, e que se o faziam lhe dariam muito açoute, e o botariam ao mar, e para evitar isto, estavam toda a noite em cada navio mais de doze alampadas acezas, com turcos de guarda: porque tem elles por gravissimo peccado qualquer peccado de carne, que se comete no mar, e a embarcação, em que se fez se não póde salvar, e se irá logo ao fundo: Davam ao comer o que elles co-

miam, que para todos se fazia uma grande caldeira, ou de arroz ou de trigo cozido, biscoito em muita abundancia, azeitonas, e queijo, que esta é a matalotagem, que trazem no mar, e como havia poucos dias, que tinham sahido de Argel, não faltava agoa, e muitos se compadeciam de nossos trabalhos, e se espantavam de haver tantos mezes, que andavamos pelo mar, e nos traziam algumas paças, e grãos, que é regalo entre elles.

CAPITULO XI

De como entraram os navios em Argel

Os navios todos juntos com mui boa ordem, embocaram o estreito de Gibraltar na metade da hora do dia, e foram os nossos cativos tão pouco venturosos, que estava a armada de D. Fadrique de Toledo no estreito, e tomou todos os navios da preza dos inglezes, que os turcos tinham mandado diante, e quando os nossos chegaram defronte de Malega, iam entrando para dentro os derradeiros navios da armada, com as prezas á toa, que se não foram aquellas prezas, não escapavamos de dar na armada de Hespanha, e termos ainda a sorte trocada: mas como estavamos sentenciados pela justiça divina a ser escravos, não havia ora boa para nós.

Os cossairos tanto que entraram o estreito, os seus marabutos tomaram uns carneiros (que para este efeito trazem sempre vivos comsigo) e partindo-os pelo meio assim vivos, botaram ametade, da parte da cabeça, para Hespanha, e a outra da parte do rabo para Berberia, e com esta feitiçaria, ou sacrificio, que fa-

zem ao diabo, cuidam os miseraveis enganados, que lhes dá vento, para passarem mais depressa o estreito, e sendo noite acendem em cada navio, mais de quinhentas candeinhas de cera, pondo em cada pessa de artelharia a dez, e a doze, e este é o ordinario costume, que tem todas as vezes, que passam o estreito de Gibraltar, por respeito do grande medo, com que sempre o passam: No meio delle topáram dous navios de trigo, que meteram no fundo tomando a gente, porque em Argel é tanto o trigo, e tão bom, que se algum vae de preza o estimam em tão pouco, que eu vi dar o saco a quatro vintens com saco, e tudo, porque o mais desta preza tomaram ensacado: Passando o estreito, dahi a tres dias, demos vista da Mala Muger, que é a sepultura da Cava, por quem se perdeo Hespanha, (que em mourisco cava, quer dizer roim mulher) na qual está uma grande cava, e não ha mouro, alarve, ou outra qualqner pessoa, que ouzê a entrar dentro, e as que o quizeram cometer, dizem que acharam sombras, e visões, que os trataram mal.

Dalli a Argel é jornada de menos de meio dia, onde chegaram os navios uma segunda feira, no quarto dalva com tantas bandeiras, tantos pavezes, e tantas trombetas bastardas, desparando tanta artelharia, e fazendo tanta festa, como tristeza, pena, e desaventuras levavam os nossos cativos: Tabaco Arrais general daquella esquarda, tanto que desembarcou, foi logo dar conta ao Baxá, ou Rei, que tudo é uma cousa, da preza que trazia, assim dos christãos, como dos diamantes, e de como queimára a nao, e do mais que fizera; o Baxá lhe vestio logo um roupão de tela, em nome do gram turco, e o mandou com elle pelas ruas acompanhado com a sua guarda até sua casa, que a honra publica, que se dá ao que se aventaja em alguma couza, que seja de proveito, ou de honra, á sua

republica: Chegando Tabaco Arraes a casa, mandou ordem aos navios, que desembarcassem os cativos, e para que não estranhassem o cativeiro, em pondo os pés em terra sem terem ainda patrão, os fizeram a todos trabalhar acarretando ás costas, e levando a casa as amarras, e velas, e comonia, e todas mais vitualhas, e tirar a saborra, e lastre do baxel, em que cada um vinha: O dia em que chegaram a Argel, era vespera de sua pascoa dos carneiros, sendo a nossa má sorte causa de elles a festejarem com mais gosto: Tanto que nos desembarcaram dos navios, nos partiram por casa dos armadores daquella armada, para que nos dessem de comer, até que passasse a sua pascoa, que durava seis dias, para então nos venderem.

CAPITULO XII

De como os escravos nos vinham visitar

NESTES dias que estivemos por vender, nos vinham visitar muitos escravos velhos, e nos traziam de comer, e alguns nos davam dinheiro, com a maior caridade do mundo, e isto é ordinario naquella terra, tanto que chegam cativos de novo, e em quanto não tem patrão, os velhos na terra lhe acodem com todo o necessario, até que os vendem, que então seu patrão lho dá, ou bem, ou mal conforme a casa, em que cahe: Depois de passada a sua pascoa, nos foram buscar a todos pelas casas, por onde estavamos, e nos ajuntáram em um terreiro, e como negros novos, que vão do navio para a alfandega, assim nos levavam juntos para casa do Baxá, o qual tem das presas, que tomam de oito escravos um, e das

pessoas principaes uma, e assim escolheo o mestre Antonio da Costa.

Póde tambem depois de tomada a sua parte, tomar depois de vendidos os que quizer, pelo que derem por elles no leilão, pela qual razão, depois de arrematado todo o cativo, os porteiros o levam a sua casa outra vez, e lhe dizem o preço, em que se arrematou, e se lhe parece o toma, e se não o deixa ir para casa de quem o comprou, e o bom é não ficar em casa do Baxá: porque além de terem roim cativeiro, vende muitas vezes todos juntos para as galés de Tunes, ou os leva comsigo para Constantinopla, e a suceder bem, são vendidos segunda vez, que tudo é mao: A aduana, ou republica, que tudo é uma mesma cousa, entrou tambem a tomar parte da preza da nao, cousa, que raramente faz, e assim dos diamantes tomou os milhores, donde entraram dous, que trazia D. Luiz de Souza, de doze quilates cada um, para duas arrecadas, e outras peças as mais curiosas.

Dos cativos tomou os filhos de Pero Mendes de Vasconcelos, que um era de onze annos, e o outro de doze, e a respeito dos meninos tomou tambem a mãe, e a irmã cega, assim por elles serem lindissimos, como pelos terem em grande conta a respeito do habito de Christo, que tinham achado a sua mãe: Tomou tambem a aduana, um menino da mesma idade dos outros, que vinha na nao entregue ao capitão; filho de D. Felipe de Souza um dos principaes fidalgos da India, e filho da mais honrada, e virtuosa senhora, que ha naquellas partes, o qual mandavam a este reino, a casa de seus parentes, para nelle estudar, e tomar a criação, e costumes da corte, mas por desgraça sua, e de seus pais, a foi tomar a Constantinopla, na corte do Grão Turco.

CAPITULO XIII

Dos que mandaram ao Grão Turco

TOMOU tambem a aduana o embaixador da Persia com todos seus mouros, e tomáram tambem pela terra todos os meninos christãos piquenos, e bonitos, que havia, e com tudo isto assim junto armaram uma galé, e fizeram um presente ao Grão Turco, no qual foi por principal pessoa o filho de D. Felipe de Souza, e logo o de Pero Mendes o mais velho: porque o piqueno morreo de peste antes de partir, ainda christão nos braços de sua mãe, desejando ella, que do outro fizera Deus o mesmo antes, que levarem-lho a fazer turco.

Andou esta senhora desgraciadissima, e ainda o é: pois vindo da India com muita riqueza, deixando seus parentes, meter-se em uma náo, e o dia em que vio a terra, em que havia de descançar com seu marido, matarem-lho de uma pelourada, o filho mais velho, levarem-lho para Constantinopla a ser turco, o piqueno morrer-lhe nos braços de peste, ella ficar escrava, e ter ainda para maior grilhão, e trabalho comsigo uma filha cega, e fermosissima, em poder de barbaros, não sei, que mulher houve, que sofresse mais golpes de fortuna, e hoje os sofre vendo ella, e a filha escravas da aduana.

Todos os mais cativos levaram a vender ao Baptistam, que assim se chama o lugar onde se vendem todas as prezas, que se tomam assim de fazenda, como de escravos: daqui cada um seguio sua ventura, tendo-a boa ou má, conforme o patrão bom, ou máo, com que deu, que certo na vida não ha pior transe, do que é

esperar o cativo nesta hora o amo, que terá, porque um homem não póde chegar a maior desgraça, nem seus pecados o pódem trazer a maior miseria, que a ser escravo, mas se sua má fortuna o trouxe a ser escravo de roim patrão, não tem, que aguardar cousa boa de sua estrela, se não ter-se por desgraciadissimo, porque não ha pior inferno nesta vida.

CAPITULO XIV

Do que hão de fazer os cativos

ALGUNS ha, que por não se porem em mãos da fortuna buscam algum mourisco, ou turco conhecido por bom homem, que não dá muito trabalho a seus escravos, para que os merquem com condição ordinaria, que é, darem-lhe cincoenta por cento, de ganho de aquillo que o escravo custa no leilão (vindo o dinheiro em menos de anno) e se chegar, ou passar de anno, dará a cento por cento: Este contrato não é bom faze lo senão pessoa, que tiver o seu dinheiro tão certo, que tanto, que souberem, que está cativo lhe acudam logo com seu resgate: porque tardando-lhe vem a levar pior vida, e mais trabalho, que os que se deixam vender a ventura, que muitas vezes cahem com bons amos, e não estão cortados, que o melhor, que tem o escravo é, não se cortar, ou fazer preço em seu resgate, que tudo é um, sem ter primeiro o dinheiro na mão, porque então o faz muito barato, e tem lugar de se amesquinhar, e fazer pobre, e fingir outras estratagemas, que são necessarias ao cativo para ter liberdade, e os mouros são como os chinas, que vendo o dinheiro na mão, não está na

sua deixarem-no ir fóra della, e assim facilmente se consertam. E estando cortado o cativo, sempre fica obrigado a comprir o que prometeo: porque os turcos querem, que nós guardemos nossa palavra, e elles não estão obrigados a guardar a sua.

Neste erro cahio a mulher do capitão, não no corte, mas em pedir a um renegado dos ricos de Argel, chamado Morato Carço, cobiçoso e tirano, que a mercasse parecendo-lhe que a casa era honrada e rica, como na verdade o era, não reparando na cobiça deste Carço, porque como ella salvou um golpe de diamantes, os quaes tinha já em seu poder, lhe pareceo, que bastavam para ter liberdade, e assim Morato Carço a seu rogo a comprou por dous mil cruzados, e logo na mesma semana, em que foi vendida chamou ella um mercador genovez, e lhe deu em segredo conta do que tinha de seu, e que tratasse de a resgatar, e levar a Liorne, o mercador se foi ter com seu patrão, e falando em preço: como o patrão vio o negocio tão apressado, pedio vinte e cinco mil escudos, o mercador lhe chegou a prometer até nove mil cruzados, porque as pedras que tinha valeriam oito mil, do que o patrão zombou, e respondeo, que ainda havia pouco, que estava em sua casa, que escrevesse a seus parentes, e que se queria um escravo, dos que tinha comprado da nao, que lho fiaria para mandar a Portugal: parecendo-lhe, que quando ella dava nove mil cruzados por si, estando cativa de uma semana; se estivesse mais tempo, e em sua terra o soubessem, que lhe veriam a dar os vinte e cinco mil, que pedia.

De maneira, que se houve por bom conselho não bolir por então mais no negocio, e aceitar o escravo, e escrever, e avisar seus parentes, ou de seu marido, como em effeito se fez, e este foi o primeiro homem daquella nao, que veio a este reino, ficando Dona An-

tonia obrigada á paga de seu resgate: Depois de partido este homem, tomou Dona Antonia os seus diamantes, e joias que tinha, e os cozeo em um jubão de pano, que trazia vestido, e não foi com tanto segredo, que uma negra, que vinha na nao, diabolica, que o mesmo patrão tinha comprado, não tivesse noticia, do que trazia escondido, e assim a andava vigiando para a roubar.

Socedeu uma manhã, que estando-se vestindo Dona Antonia, sua ama a chamou para lhe mostrar certa costura, que havia de fazer, e com a pressa de acudir á ama, deixou o jubão sobre a cama, e como a negra andava já com o olho aberto, lhe deo salto nelle, e com uma tisoura lho cortou; tirou sete diamantes grandes, cahindo outros pela casa, quando Dona Antonia veio vestir o jubão e o achou cortado, e os diamantes menos, começou a gritar, entendendo, que fora ordem de sua ama, no que andou erradissima: porque houvera de pôr os diamantes, que lhe ficavam fóra de casa, e depois fizera diligencias pelos que lhe faltavam: ás vozes, que deu acudiram as amas, e como estavam innocentes, mandaram chamar o marido, o que vendo tomou o jubão a Dona Antonia, com tudo quanto tinha, dizendo-lhe, que não se agastasse, que o valor daquellas joias lhe tiraria de seu resgate: Ella ficando como mulher douda, e impaciente, sem se saber determinar, lhe aconselharam, não sabendo o que faziam, que se fosse queixar ao Baxá, e indo-se ter com elle, lhe contou o que passava, parecendo-lhe, que quando o Baxá lhe não fizesse tornar os diamantes, lhe daria liberdade com pouco interesse: O Baxá, que não quiz mais, mandou logo chamar Morato Corço, e lhe pedio todas as pedras, as quaes elle logo entregou, e pedio mais as que faltavam, que elle na verdade não tinha: porque a negra as tinha furtado, e dado a um

christão. E dizendo elle, que não tinha, nem achára mais, esteve a pique de o enforcarem, ou botarem no mar, e a bom livrar o condenáram em seis mil patacas, que pagou logo sem se bolir donde estava, e a Dona Antonia disse o Baxá, que se fosse para casa de seu patrão, que elle lhe não faria mal, porque elle a não podia dar livre, nem tira-la a seu patrão, que a tinha comprado, ella se tornou para casa dizendo-lhe seu amo, que as seis mil patacas, que lhe fizera pagar, de seu resgate haviam de sahir, ella tomou tanta paixão com este successo, que em poucos dias adoeceo de peste, de que morreo miseravelmente, não se achando para lhe dizerem uma missa, e o perro de seu patrão perdeo em uma semana, que lhe davam de ganancia, sete mil cruzados, e os dous, que lhe custou, e os seis mil que o Baxá lhe tomou, justo castigo de um cobiçoso.

Ficou sómente de toda esta casa de D. Luiz de Souza, uma negra bengala, a qual comprou Morato Hoja, escrivão grande da aduana que é a maior e a mais respeitada pessoa de Argel, da qual negra houve um filho, sendo ainda christã, não tendo nenhum de sua mulher, e morrendo este turco em breves dias, ficou o filho da negra herdando infinita riqueza a respeito do filho, de quem a fizeram tutora, até o presente estava christã, mas com poucas esperanças de perseverar, porque tratavam de a casar com um turco principal, e grande: Mercou mais o patrão de Dona Antonia o padre Manoel Mendes da companhia de Jesus, ao qual lançou logo uma grossa cadea, para que se cortasse, o que elle nunca quiz fazer, antes escreveo a este reino o deixassem lá estar, porque lá seria de mais fruto, pois prégava, confessava, e dizia missa todos os dias, e visitava os feridos de peste, da qual seu companheiro morreo, com singular virtude, e exem-

plo: e depois de muitos trabalhos veio a este reino a cabo de tres annos, custando seu resgate passante de tres mil cruzados.

CAPITULO XV

Da morte de frei Gregorio

O capelão da nao frei Gregorio, morreo de peste, fazendo antes que morresse cousas, que naquella terra não esqueceram, e na gloria terá justo premeio dellas: porque se aventurava a meter por casa dos turcos a confessar christãos, que seus amos não deixavam sahir fóra (havendo muitos annos, que se não confessavam) e lá lhe levava a Sagrada Communhão, confessando tambem a muitos renegados, e renegadas, que no coração o não eram, visitava os feridos, e enterrava os mortos de peste, não havendo nenhum doente, a quem não deixasse debaixo da cabeceira, ou o dinheiro, ou o regalo, que podia. Reformou o hospital com dez camas, que estava mui danificado, e ordenou, que tivesse renda particular, que hoje tem, de uns alambiques, em que os christãos estilam agoa ardente, que estão no banho d'el-Réi, onde está o mesmo hospital, e a igreja principal, que ha em Argel: os quaes rendem cada mez a trinta, e quarenta patacas.

Excepto as esmolas, que se tiram um dia cada semana por todos os christãos de Argel, que tem posse para as dar, que importa cada vez, quatro ou cinco patacas: porque os mais dias estão repartidos por outras igrejas, e confrarias pedindo cada uma seu dia, que lhe toca, e desta maneira se sustentam todos com

cera, e ornamentos celebrando todas as festas do anno com muita solemnidade, estando em todas em dia de endoenças o S. S. Sacramento fóra com muitos lumes, e muito boa armação: e feitos os sepulchros com muita coriosidade, e perfeição, e os officios desta somana tanto em seu ponto, que não digo eu em lugares, nem em vilas deste reino, mas nesta cidade de Lisboa ha muitas freguezias, aonde não está com tanta solemnidade, e aparato como naquella terra, pela misericordia de Christo nosso Senhor.

O hospital se sustenta com nove camas com sua roupa muito limpa, com fisico, barbeiro, e botica, e tudo muito bem pago, e dous christãos, que ordinariamente servem no hospital, e curam dos doentes, e enterram, e amortalham os que morrem assim nelle, como em casa de seus patrões: um christão chamado Manoel Pereira o fez no tempo da peste tão bem, que por sua mão enterrou, e amortalhou mais de quatro mil christãos, e depois de passada a peste se ajuntaram todos os que nosso Senhor foi servido livrar, e de esmolas, que ajuntaram entre si, o resgataram, e veio livre a esta cidade. Tem tambem obrigação cada padre, que diz missa no Banho do Rei, ser cada mez capelão do hospital, para dizer missa nelle aos doentes, confessa-los, e sacramenta-los, e fazer-lhe seus testamentos: não faltam tambem neste hospital, galinhas, frangos, e doces, e o mais regalo para os enfermos de maneira, que raramente comem carneiro, para o que os mais dos christãos, que morrem (se tem alguma cousa) o deixam para esta casa, na qual não entram mais que portuguezes, castelhanos, francezes, biscainhos, galegos, italianos, que todas as outras nações assim como não fazem caridades, não os recolhem, além de que nas mais acham-se poucos, que não sejam herejes.

NOVA DESCRIPÇÃO

DA

CIDADE DE ARGEL

CAPITULO I

Do sitio della, e governo dos turcos, assim na paz, como na guerra

A cidade de Argel está na costa de Berberia em o mar Mediterraneo, em altura de trinta e sete graos. Situada em uma montanha, cuja frontaria, terrados, varandas, e corredores cahem para onde responde o porto, que é a Lés Nordeste, as costas tem arrimadas a uma montenha aspera, que pouco a pouco vae sobindo até o alto, e como as casas vão sobindo por aquella costa, e ladeira até cima, vão ficando umas sobre outras, de maneira que as dianteiras, ainda que grandes, e altas não impedem a vista ás que ficam por detraz.

A traça, e feição da cidade, a quem a vê do mar, está parecendo uma vela de gavea, as duas pontas grandes debaixo cahem no mar, e o mais estreito em ci-

ma da cidade, que fecha com um castello, que se chama a Alcaçova, que é a principal força que tem, porque toda a cidade lhe fica debaixo: Terá esta cidade em redondo pela parte da terra mil e oitocentos passos, e pelo mar, que é uma ponta da vela de gavea, da parte debaixo até á outra, mil e seis centos passos, que tudo vem a fazer tres mil e quatro centos, em uma destas pontas está uma porta chamada Babazon, que cahe a Léste: Esta responde por uma rua direita, que é a mais larga de Argel, e terá de comprido, mil e duzentos e sessenta passos, a outra ponta, aonde está outra porta, que se chama a de Babaloete, que fica á parte direita, ao Es Noroéste.

Haverá em Argel doze mil casas, sendo a cidade muito pequena, mas em toda ella não ha um só pardieiro, ou curral, ou lugar vazio: além disto tem as ruas tão estreitas, que não cabem tres homens emparelhados por ellas, como ordinariamente são todas as cidades dos mouros, de modo, que ficam as ruas tão juntas, que a maior parte da cidade se póde correr toda por cima dos terrados das casas, as quaes todas são de cal, e ladrilho, mas perfeitamente acabadas.

A traça, e arquitetura dellas, é como os claustros dos mosteiros com os patios descubertos, e todos mui bem lavrados com seus azulejos com muita luz, e claridade, e todas ao redor com suas varandas, e corredores, e nestes patios ha muito poucas, que não tenham cisterna, e poço, e nenhuma dellas tem para a rua janellas, se não uns postigos muito pequenos, por onde as mouras pódem ver sem serem vistas: As ruas todas da cidade, sendo duas horas de noite se fecham, porque cada uma tem duas portas, que se abrem uma hora ante manhã, e assim os de uma rua sendo de noite, não podem passar a outra, salvo a rua grande do soco, ou dos mercadores, e officiaes, pela qual andam

sempre duas rondas, uma do Mizuar, que é a justiça, e outra a dos turcos, que é a dos soldados com seu capitão, e cabo de esquadra, que todos vem a fazer esta ronda, quando a cada um lhe toca.

CAPITULO II

Das encaixarias

ESTÃO espalhadas por esta cidade sete encaixarias, que são casas, ou coortes, e companhias de soldados, como antigamente tinham os romanos junto aos muros de Roma, a traça destas casas, são como mosteiros de frades, com suas celas ao redor do claustro por baixo, e por cima, pelos corredores, e em cada sala, ou casa destas pousam a doze e a quinze turcos com seu debasi, que é cabo de esquadra, que os governa: nesta casa não póde cada um ter mais, que suas armas, escopeta, e frascos, arco, e frechas e espadas mais douradas, limpas, e perfeitas, que nenhuma nação do mundo, que penduradas na parede, fazem uma gentil armação, nem pódem ter mais fato, que duas camisas, dous calções brancos, uma manta, um capote, uma esteira, e com esta mesma roupa caminham para o campo, ou para o mar todas as horas, que lhe dão recado.

A ordem, que tem no comer é, que estes doze, ou quinze se ajuntam em um corpo, e cada um dá, o que lhe toca á sua parte no principio do mez, para mercarem arroz, ou grugu (que é trigo cosido) lenha, e manteiga, e elegem entre si um cosinheiro, a que chamam archi, o qual toma este cargo, porque não entra a parte mais, que com seu trabalho, e desta maneira com

pouca carne, e com quatro pães, que cada um tem cada dia, se sustentam, gordos, rijos, e valentes, e comem, e dormem todos juntos, e este comer com sua paga, lhe não póde faltar, ainda que se funda o mundo, e morra de fome toda a terra, e o podem tomar da despensa do mesmo rei: terá cada encaixaria destas a quinhentos, e a seiscentos homens, todos repartidos pela ordem acima dita: Não póde entrar nestas casas por nenhum caso mulher alguma, e tanto, que é de noite se recolhem todos, e seus porteiros fecham as portas, e não sahem senão pela manhã: Tem mais cada encaixaria destas sua mesquita dentro, sua fonte de agoa com tres, e quatro canos muito grossos, tem mais dous christãos, para serviço desta casa para a barrerem, acenderem as alampadas, e fazerem ao commum, o que é necessario, mas não servem a nenhum. Em particular estes christãos são escravos da aduana, e não tem já mais liberdade, ainda que deem muito dinheiro por si.

CAPITULO III

Das mesquitas

HAVERÁ dentro nesta cidade, mais de cento e dez mesquitas bem lavradas, limpas, com suas alampadas, e esteiras. Entre as quaes ha oito grandes, que tem suas torres mui altas, e em cima uns páos, aonde levantam uma bandeira, ás horas de fazer a salá, e das torres chamam os marabutos, que são como pessoas ecclesiasticas, nas mais altas vozes, que podem á gente, que venha á oração, e as que são pequenas, e não tem torre, da porta chama, ou o mara-

buto, que tem cuidado de administrar a mesquita, ou algum seu criado. Dizendo tres vezes lé ilá lá Mahamet erat cur alá (que querem dizer : Deus é, e Deus será, e Mahamet é seu mensageiro) entre dia e noite chamam ao povo cinco vezes, convem a saber, uma hora antes de amanhecer, a que chamam Cabão, e ao meio dia, a que chamam Dohor, e a completas, a que chamam Lahazar, e anóitecendo, a que chamam Magarepe, e a duas horas de noite, a que chamam Laruma, todas estas mesquitas, não tem dentro pintura, nem imagem alguma, e todas se governam por uma, a que chamam a mesquita grande ; porque até que desta não gritam, ou não alevantam a bandeira que põem, para que os que estiverem longe, e não ouvirem as vozes, vejam a bandeira : as outras estão paradas, e começando esta, todas começam, e depois de estar a gente dentro o Marabuto se põe diante, e o povo todo por detraz descalços, e em fileiras, repetindo as mesmas palavras, e fazendo os mesmos meneios, que o Marabuto diz, e faz. Tem as mais das mesquitas sua fonte de agoa com tres, ou quatro resistos cada uma, que servem sómente para os turcos se lavarem, quando entram a fazer sua salá.

CAPITULO IV

Dos banhos dos christãos

Ha tambem quatro prizões de christãos, a que chamam banhos, em cada um dos quaes está sua igreja, em que cada dia pela bondade de Deos, se dizem quinze missas, e mais com as portas abertas : aonde muitas vezes entram mouros, e turcos a

ver; e nos dias de festa se diz missa cantada, prégação, vesporas, e completas, com muito boa musica, e as igrejas muito bem armadas de cedas, e telas, que os mesmos turcos emprestam a seus escravos, e muitos ricos paineis, que a igreja tem, e muito bons ornamentos, frontaes, vestimentas, e capas de asperges, principalmente no banho d'el Rei. E no banho da bastarda: porque nelles ordinariamente ha, de quinze sacerdotes, para cima, os quaes cativam os turcos em varias partes, clerigos, e frades de todas as religiões, e gastam de cera nestas duas igrejas cada anno vinte arrobas, e assim isto como o sustento de todos estes sacerdotes, e jornal, que alguns pagam a seus patrões, que é duas, e tres patacas cada mez pelos não mandarem trabalhar, e o sustento do hospital com nove camas, barbeiro, botica, e fisico, sahe de esmolas dos mesmos cativos, que assim é servido nosso Senhor Jesu Christo, que em terra de barbaros se sustente, e esteja em pé sua igreja, e seus ministros.

Ha outros dous banhos, os quaes tem cada um seu capelão, um delles se chama o banho de Ferrate Bey, outro o banho dos Coloris: em cada banho destes ha ordinariamente cento e vinte christãos, tem seus guardiões mouros, ou renegados, que os fecham, e tem cuidado de os fazer trabalhar: No banho d'el-Rei estão alguns escravos de particulares, que são de estima, ou estão cortados, os quaes seus patrões entregam aos guardiões delles, para lhos entregarem, quando lhos pedirem: No banho da bastarda não estão mais, que os escravos da aduana, porque este banho é seu e nunca daqui sahem: porque jámais tem liberdade.

Haverá cativos christãos em Argel sómente da Igreja Romana oito mil, e se não fora a muita peste, que sempre ha, foram muitos mais em numero, porque por

um, que vae em liberdade, entram de novo mais de vinte: De outras nações haverá outros tantos, e mais, como são framengos, inglezes, de Dinamarca, escocezes, alemães, irlandezes, polacos, moscovitas, bohemios, ungaros, da Noroega, borgonhões, veneseanos, piamonteses, esclavonios, surianos de Egypto, chinas, japões, brazis, de nova Hespanha, e do Prestes João, e destas mesmas partes, ha tambem renegados, e de outras muitas em grande quantidade.

CAPITULO V

Das casas dos judeos.

Haverá tambem de casas de judeus cento e cincoenta, repartidas em dous bairos, e tem cada bairo sua Asnoga, entre os quaes ha judeos de muitas nações, que trazem seus principios, uns de França, outros de Malhorca, outros de Hespanha, e os mais delles da Berberia, estes pagam a El-Rei pelos deixar estar na terra cada anno, mil e oitocentas dobras, que vem a ser tresentas e cincoenta patacas: mas isto não é nada, para o que cada dia lhe fazem pagar, por qualquer pequena cousa, que lhe levantam, ou brigas que tem uns com os outros, os esfolam vivos: porque entre os turcos é a gente mais abatida e mais triste, que tem o mundo, porque um rapaz mouro dará no mais grave, e no mais rico, mil bofetadas, e tanto monta em um só, como em cento, que estejam juntos, a todos fará o mesmo sem os desaventurados judeos alevantarem olhos, nem se defenderem, nem dizerem palavra, mais que fugir se acham por onde: além disto tem outras muitas sogeições, pio-

res que escravos, porque os turcos, que pelas ruas acham mulheres publicas, ou rapazes bagaxas, com que de ordinario os turcos cometem o pecado inorme da sodomia, sem se estranhar, nem castigar, os levam a casa dos judeos, os quaes se sahem para fóra, e lhe deixam a casa, e a cama por todo o tempo, que alli querem estar, e a judia lhe hade estar fazendo de comer se o turco o traz, ou manda buscar, e servindo pior que cativa, e por paga lhe dão quando se vão muita bofetada, e furtam o que podem, sem que haja lugar de se queixarem, porque com estas condições vivem na terra.

O trage que trazem é tristissimo, porque trazem vestida uma veste como sobrepeliz negra, para serem deferençados dos turcos, e conhecidos por judeos, de sarja, ou de baeta, e um albernós branco, um barrete negro na cabeça, e os que vem de casta de Hespanha, Malhorca, trazem um barrete negro na cabeça com um rabo ao modo de uma manga, tão comprido, que lhe chega até a sintura, pelas costas abaixo, e nos pés umas chinelas: porque sapatos não os podem trazer: As judias andam com as mesmas vesteas, e com um manto branco, ou ache pela cabeça, mas com a cara descuberta: porque só as turcas, e mouras, trazem a cara tapada, e como as vestes são curtas, e não dão mais, que pelos juelhos, trazem calçadas umas meias de ruam muito justas nas pernas, desenferençando-se tambem nisto das mouras, porque só ellas podem trazer calções brancos muito finos até o bico do pé, ao modo de calções da India, de maneira que ficam conhecidas em andarem com a cara descuberta, pelas vestes, e pelos calções.

CAPITULO VI

Dos banhos de lavar

Ha mais dentro na cidade sessenta banhos, donde se lava toda a gente, que ha em Argel, tirando judeos: porque tem os turcos por peccado gravissimo, e injuria, lavar-se semelhante gente, onde elles se lavam, o que não é prohibido aos christãos cativos: porque é tão grande o aborrecimento, que tem aos judeos, que cometendo os turcos os mais abominaveis, e torpes peccados da carne, que se podem imaginar sem por isso serem castigados, não olharam para uma judia, ainda que seja muito fermosa, por quanto ha no mundo, e o que tal fizesse, lhe pareceria, que não ficava turco, e os que o soubessem, o teriam em conta de vil e infame.

Os banhos são feitos por muito boa traça, e são de muita limpeza, e saude para o corpo, e assim não ha mulher, nem homem, que tenha boubas, nem outros semelhantes males, porque os turcos fogem tanto de mal francez, como nós outros de peste: A ordem que tem de se lavar é, que aos homens os lavam os homens até o meio dia, e do meio dia para a noite, entram mulheres a lavar mulheres, de modo, que se á tarde puzesse algum homem pé no banho, o queimarão logo vivo: tanto que a gente entra se despe em uma casa fóra, e lhe dão uns panos para se cobrir ficando o fato segurissimo, e bem guardado, e passa logo por uma casa quente, onde começa a suar grandemente, e sentando-se no chão lhe põem junto a elle dous vazos grandes meados de agoa fria, e pouco a pouco lhos acabam de encher de agoa quente, até que o que se

lava a acha temperada: e logo vem (se é homem) um mouro com uma luva de cataçol, e lava e alimpa excellentemente, estando a pessoa sempre suando: mas sem lhe causar pena alguma, e acabado de lavar lhe trazem dous panos quentes, com que se cobre, e se vae assentar onde deixou o seu vestido, e depois de vestido, o borrifam com um frasco de agoa cheirosa, e paga valia de meio vintem, quando se sahe, e isto se faz ao mais triste escravo, que se vae lavar.

CAPITULO VII

Do foço, e muralha de Argel

A muralha de Argel como temos dito, pela parte da terra terá mil e oitocentos passos, parte della é de pedra e cal: e parte de cal e ladrilho, mas muito antigua, e fraca, terá de altura trinta palmos, e doze de largo: pela parte do mar tem mais altura, porque está fundada sobre umas penhas em que o mar bate: pela terra tem em redondo um foço muito cego, baixo, e cheio de immundicias, por dentro da cidade não ha contra foço, nem mina, porque as casas todas estão chegadas á muralha, e se em tempo de guerra se quizesse fazer, seria necessario derrubar muita quantidade de casas.

Em toda esta muralha ha oito portas, e começando pela parte, ou porta direita (que cahe ao Norte) está uma porta, a que chamam Babaloete, e daqui continuando a muralha, e caminhando sobre a mão esquerda cousa de oitocentos passos, até o mais alto da muralha, e da cidade está outra porta, a que chamam Dalcaçava: e caminhando mais sobre a mesma mão

vinte passos: está tambem outro postigo, qne tambem tem o mesmo nome por razão, que não se servem por estas duas portas mais, janizaros, que entram, e sahem a fazer suas guardas, na mesma Alcaçava, ou fortaleza: mais adiante caminhando costa abaixo quarenta passos, está outra porta de muito concurso, que se chama a porta nova: mais abaixo outros quarenta passos está outra porta, que é a principal de Argel, pela qual espero em Deos que esta cidade ha de ser entrada e ganhada, e em cima della arvorados os estantardes de Christo nosso Senhor. Esta porta se chama Babazon, por onde entra todo o concurso de gente, mantimentos, fruta, gado que vem de todos os lugares de Berberia, e dos Aduares dos mouros alarves.

Até o mar não haverá mais, que cincoenta passos, aonde se acaba a muralha, pela parte da terra, e caminhnado pela muralha, que fica junto com o mar, que é a rolinga da vela de gavea, a oitenta passos, ficam dous arcos mui altos, um delles tem atravessado uns mastros, e paos de altura de meia lança, e o outro arco tem uma porta, ou cancella, que se fecha com uma cadea de ferro, porque dentro ha uma praça metida pela cidade, mas sem porta para ella, de largura de cem passos, em a qual se fazem as galés: se recolhem as barcas de pescar, com tanto recado, que além de estarem fechadas dentro na cancella, as ligam todas umas ás outras, com cadeas de ferro, e juntamente lhe põem guardas de mouros: porque as não vão furtar os christãos cativos de noite: mas nem isto basta, porque em cinco annos que estive cativo se furtaram duas, e uma tomaram oito christãos cativos em pezo nos braços, lançaram por cima dos mastros, que estavam atraveçados em um dos arcos, que sómente para este effeito alli estão, e vieram nella a terra de christãos.

Mais adiante cincoenta passos está outra porta, que chamam á da pescaria por onde entram, e sahem todos os pescadores, e junto a ella da parte de dentro fáz uma pequena praça, onde vendem peixe: tambem por esta porta entram, e sahem todos os mercadores, e mercancias, que vão, e vem para terra de christãos: na qual porta está sempre guarda, e um rendeiro, que lança em certo tributo, que alli se paga, assim da fazenda como dos christãos, que vão em liberdade: Mais adiante vinte passos, está outra porta mui principal, que se chama Babuzira, ou porta da marinha, da qual começa o Mole: por esta porta entram, e sahem todos os cossarios, e roubos de fazenda, e é grandissimo o trafego della, assim de mouros, como de christãos, que vão trabalhar aos baixeis.

CAPITULO VIII

Do Mole

Desta porta começa o Mole, o qual é muito bem feito, e tão alto, que os navios que se abrigam com elle, ficam cubertos até as gavias, e tão largo, que cada navio tem junto a si posto no mesmo Mole, lastro, artelharia, e pipas de agoa, e fica lugar mui bastante para serviço, e passagem da gente. De comprido terá este Mole trezentos passos até uma ilha, sobre que está de novo feita uma fortaleza, e por esta ilha se chama a cidade Algezeri, que em mourisco quer dizer cidade, ilha, e nós corrompendo o vocabulo dizemos Argel. Tem este Mole no cabo um fermoso tanque de agoa com uma bica, que basta para beber, e para serviço da gente, que trabalha na ma-

rinhá, e nos navios: mas quando algum navio quer fazer agoa paga oito, ou nove patacas, e mais para as obras da cidade, e logo lhe largam um cano de agoa, de grossura de um braço, e lhe dão um muito comprido couro da feição de uma bainha de espada, e metendo a boca da bica nelle, vae correndo a agoa por dentro até sahir pela outra parte, a qual está metida na boca da pipa (por longe que esteja) e desta maneira se faz a agoa muito depressa, e sem trabalho de menear as pipas nem ser necessario chega-las á fonte senão do Mole, e do lugar (onde estão) as enchem passando o couro de uma para outra, e do mesmo lugar as embarcam, de maneira, que uma armada em um dia espalma, e dá querena, em outro mete lastro, e pipas, e em outro mete artelharia, e mantimento, e se põem á vela, e assim, em tres dias está prestes para fazer viagem. Ao longo deste Mole estão umas meias colunas, em que se amarram os navios, e adiante deste tanque fica uma pequena praia, aonde depois, que acabam os christãos, e mouros de trabalhar nos navios, que será pelas quatro horas da tarde, varam todos os barcos, e chalupas, de modo, que não fica nenhum a bordo dos navios, e além disto os ligam com cadeas de ferro, uns aos outros, e lhe põem guardas de quinze e vinte mouros: porque os não tomem de noite os christãos: mas isto não basta, porque cada anno se furtam quatro, e cinco, e vem nelles segurissimos os christãos a terra de Hespanha. Destes barcos é a melhor fugida, que se faz: porque outras, que se fazem em barcas feitos em jardins, e em barcas feitas de couros, são muito perigosas e poucas chegam.

Os navios dos mercadores christãos, antes que seja noite, metem as barcas dentro nos navios, porque se as deixam fóra, e lhas furtam, ficam todos os do navio com a fazenda perdida, e elles escravos da Aduana:

E' este Mole feito, como uma meia lua, dentro da qual estão oitenta navios recolhidos, seis galés, quatro bargantins, muitas cetias, tartanas, e polhacras: mas tanto que venta Nor Nordéste, que é travesia deste porto, não lhe basta cousa alguma: porque a mesma resaca rompe, e desbarata todos os navios, desfazendo-se uns com os outros, como aconteceo no anno de 625 que com uma hora de travesia, se disfizeram mais de quarenta, e dos que mais ficaram, não ficou uma só nao. (Cousa mui festejada dos christãos cativos) assim porque irão menos a roubar, como pela muita lenha e pregós de que se aproveitam, de que os mouros fazem bem pouco caso.

Nestes dias, em que foi a perdição destes navios, sucedeo ir uma vez o Baxá ver o castello, que está na ilha, e cabo do Mole, que se ia acabando e fazendo levar pedra a todos os mouros, mouriscos, alarves, e muzabres, que ha em Argel, o que se faz quando fazem alguma obra publica da cidade, ou fortalezas, e é desta maneira: manda o Baxá lançar pregão, que dous dias, ou tres na semana toda esta gente acuda á sofia, e leve ás costas cada um sua pedra, com que possa, fazendo um só caminho pela manhã, e elle em pessoa se vae pôr acavalo na parte onde se ha de lançar a pedra, ou na porta da cidade, por onde os mouros, e mouriscos hão de vir com ella: porque a vão buscar ás pedreiras onde já está cortada, e se algum traz alguma pequena, lhe dão muita pancada, e o fazem ir buscar outra maior, e desta maneira em breve tempo, e sem despeza põem quanta pedra querem, na parte onde é necessaria. Pois como digo estando o Baxá na marinha assistindo nesta obra vio, que uns christãos festejavam grandemente a perda, e destroço dos navios, e elle que os entendeo, lhe disse em voz alta: Oh christianos non pora, que aun que todo romper alli resta

la madre: e apontou para uma cetia velha, que estava varada em terra: ainda mal, porque assim é, pois neste mesmo tempo foi um baixel piqueno de meu patrão ao mar, em que foram dez christãos seus, e em espaço de vinte e quatro dias, que lá andou, apanhou vinte e tres navios de francezes, alemães e portuguezes, e de outras nações, e todos meteo a pique, e sómente trouxe a gente, e alguma roupa de porte, e se tivera gente para meter nelles, todos trouxera a Argel, e os christãos de meu patrão, cada um trouxe dous, e tres sacos de roupa velha, que os turcos engeitaram.

CAPITULO IX

Dos baluartes, e cavaleiros que estão na muralha de Argel

Em toda a muralha ha muitas torres, ameas, e seteiras e cavaleiros, mas sómente de sete se póde fazer menção: porque são terraplenados, e com alguma artelharia, mas tudo fraco, e muito antigo. E começando pela parte direita de Babaloete, está uma ponta muito chegada ao mar, em a qual está um baluarte terraplenado de vinte passos de largo, que tem nove troneiras com seus canhões, ás quaes respondem tres a Léste, tres a Nordéste, e tres ao Este, e é das melhores torres, que tem toda a muralha: sobre a porta de Babaloete está uma torre pequena, e fraca, que terá quatro canhões mui pequenos e de pouco porte: mais adiante seguindo a muralha, está outra torre terraplenada, de largura de quinze palmos, com quatro falcões pequenos.

Mais assima fica Alcaçava, que é o alto da cidade, e a principal força della, que é um lanço de muro, de vinte e cinco palmos de alto, e afastado do muro da cidade para a parte de fóra cinco paços, que junto com o muro da cidade, e terraplenado, faz uma praça por cima de sessenta palmos: tem dous baluartes pequenos, com doze peças: tem mais um patio, em que se faz a Aduana, ou junta, que tudo é uma cousa, com algumas casinhas, em que pousam alguns turcos velhos, já aposentados, que a guardam: Sobre a porta da marinha está um fermoso baluarte melhor que todos quantos ha em Argel, terá de comprido trinta passos, e de largo quarenta, não é todo terraplenado, tem suas casas matas; mas sem artelharia: um parapeito muito bom, que responde sobre o porto, terá doze peças de artelharia, quatro muito grandes, e muito boas, as outras todas means e todas de bronze: Dos mais baluartes não ha fazer caso, porque é cousa muito pouca, e sem artelharia.

CAPITULO X

Dos castellos fóra dos muros

Fóra dos muros da cidade não ha arrabalde, nem casa de pedra, e cal, mais que umas palhotas, ou curaes para a parte de Babazon onde se metem os alarves, cavalgaduras, e gado que vem de fóra; mas tem fora dos muros quatro castellos muito bem feitos, e muito fortes com seus revezes, casas, matas, e cavaleiros, parapeitos, e troneiras, pontes levadiças, a as portas todas chapeadas de ferro: Primeiramente começando pela parte direita donde começamos até

agora, que é para a porta de Babaloete, a trezentos e setenta passos della, está um castello feito em quadrangulo feito sobre uma penha com quatro pontas, e para a parte da terra com suas casas, matas, e para a parte do mar com seu parapeito, e com sete peças de bronze muito arresoados, para guardar uma praia pequena por onde póde entrar uma galé, é todo terrapleno com sua cisterna, e uma praça de trinta passos de largo, não tem foço, nem mina: este castello fez o Chali, porque sendo christão, e escravo, dizia muitas vezes que se fora Baxá, houvera sobre aquella penha de fazer um castello, veio a arrenegar, e a ser Baxá, e fez então, o que tinha dito, mais levado de seu parecer, e gosto, que não de necessidade, que houvesse no tal lugar de castello: porque tem uma montanha muito perto, que lhe póde ser padrasto, e todos os caminhos por onde póde ir soccorro, estão descubertos, a tiro de mosquete.

Subindo acima seiscentos passos da Alcaçava, está outro castello que terá de terrapleno até riba trinta palmos, tem cinco baluartes, e no meio uma cisterna, não tem foço: mas está em roda contraminado com uma mina, que cabe um homem em pé, terá dez peças de artelharia meuda, tambem está sugeito a umas montanhas, e póde facilmente ser batido: Adiante da Alcaçava setecentos passos, está o castello do Emperador chamado assim; porque o Emperador Carlos quinto levantou em uma noite um cavaleiro, que tem; e lhe plantou artelharia, e lhe poz sua tenda de campo, e depois os turcos lhe foram fazendo em roda cinco baluartes, que hoje tem. Divide-se este castello em dous cavaleiros com uma cova alta, que tem pelo meio, com uma porta falsa por baixo da terra, para effeito de se fazerem fortes os turcos de um cavaleiro em outro, sendo algum delles ganhado.

é mulher fazem uns arcos no esquife, e por cima bótam um pano de seda, com que se cobre todo, e se a mulher é donzella, singem o esquife, por cima do pano de seda com tres cochacas, ou sendaes: e se é casada, com duas, e se é viuva com uma, e logo á porta estão seus parentes, e amigos, que tomam o esquife ás costas, e revesando-se pelo caminho, e com grande pressa levam o defunto a enterrar, indo detraz os parentes mais chegados com os albernozes virados na cabeça, que é o dó que trazem, por um dia sómente, e vão cantando uns Marabutos Alá Alá illá lá, que quer dizer, Deos é, e Deos será: e se deixa alguns renegados forros, vão diante da tumba, cada um com seu pedaço de cana na mão, em que levam metidas umas folhas de papel, que é a carta, que lhe deu o defunto de liberdade, e logo com licença do Alcaide dos mortos, porque sem ella se não póde ninguem enterrar: porque assim o sabe o Baxá, para lhe tomar a parte, que toca ao gram turco, que é sua delle, e chegando á cova o metem em uma concavidade, que fazem de cal e ladrilho, e por cima lhe põem algumas pedras largas, muito juntas de modo, que fica o corpo sem lhe tocar terra, e acabando de cobrir a sepultura lhe põem uma pedra como padrão aos pés, e outra á cabeceira muito bem lavradas, em que põem o nome, e o tempo em que morreo o defunto: Alguma destas sepulturas ha, muito coriosas, e todas os mais dos mezes são lavadas, e caiadas, e lhe plantam em cima lyrios, e outras ervas. E depois de acabo o enterro, dão de esmola aos pobres, que alli se acham, pão, e o outro dia vão os parentes, e mulheres a rezar, e chorar sobre a cova do defunto, e depois ordinariamente por todo o anno vão a fazer o mesmo, á segunda feira, e á sexta, levando murta, que põem sobre as covas, e isto tão continuamente, que não ha mu-

lher, que deixe de ir encomendar ás almas de seus defuntos, pelo menos estes dous dias na semana.

CAPITULO XII

Das hortas, e quintas, que estão ao redor da cidade

Passando este espaço de uma milha das sepulturas, se entra logo nos jardins, quintas, hortas, e pomares, que são os melhores, e os mais viçosos, frescos, e abundantes de frutas, e de fontes, e ribeiras de agoa, que eu vi, dos quaes haverá em espaço de duas leguas ao redor da cidade mais de dez mil: E cada jardim tem sua casa de pedra, e cal, e seus christãos, que os cavam, e alimpam, porque os mouros se sahem todos pelo verão a viver nelles, com suas mulheres, e filhos: de maneira, que eu tendo visto alguma parte do mundo, até esta idade de trinta e oito annos de que sou, como foi: No Brasil, indo por terra, do Rio Grande até a Parahiba, e Pernambuco, e dahi á Bahia, estando em todos os lugares, aldeas, engenhos, que ha em toda esta costa, de uma parte até a outra: e na India fui de Moçambique, as mais das ilhas que ha até Mombaça, e até a mesma Mourima, e de Mombaça em embarcações daquella costa, corri toda a costa de Melinde, estando em Pate, Ampaza, Elamo, e outras muitas cidades de mouros até o cabo de Guardafuy, e entrada do mar Roxo: na India estive em todas as cidades nossas, e de mouros, que ha da ponta de Dio até o cabo de Comorì: o estreito de Ormuz corri todo, sendo por quatro vezes capitão de navios, sem haver nelle pequeno lugar, que não visse, estando em Mascate, Barem, em

Terá vinte peças de artelharia, entre grandes, e pequenas, todas as fortalezas tem padrastos donde podem ser batidas, e delles descobrem os caminhos por onde lhe póde ir soccorro da cidade, ficando os padrastos a cento e cincoenta, e a cento e vinte, e a duzentos passos: Tem um castello que o anno de seiscentos e vinte e cinco se acabou na marinha, feito sobre a ilha, que está no cabo do Mole a trezentos e cincoenta passos da cidade terraplenado, com suas troneiras em roda para todas as partes: porque é de forma redonda, no meio tem um cavaleiro de cincoenta palmos em alto, todo cheio de seteiras, que respondem a todas as partes, e emsima posto em lugar alto um fanal, que tomáram antigamente á Capitania de Malta, que acendem de noite para descobrir o porto aos navios, que o vierem demandar de mar em fóra.

Terá este castello seis peças de artelharia, duas que fundio um arrenegado na terra, de que não estão contentes, nem ellas prestam, e quatro pedreiros muito grandes, que não servem de nada: não tem foço, nem mina: porque está fundado em uma ilha, e fica todo cercado de agoa, tem sua ponte levadiça, e é mais para guardar o porto, que para offender alguma armada se alli for: porque como a bahia é de quatro legoas até á ponta do monte Fuz, e em toda ella se póde botar gente, por ser todo um areal fermosissimo, não ha cousa, que lhe faça nojo, nem que lhe possa impedir a desembarcação, ainda que na fortaleza houvera canhões mui reforçados: Tanto que se sahe da porta de Babazon, que cahe para a parte de Leste, se dá em um rebelim, que fica entre a muralha, e um lanço de parede, que serve de contra muro (cousa de pouco porte) e sahindo por uma porta, que tem muito grande, chapada de ferro, para o campo, se vê logo um fermoso tanque de agoa excellentissima, com sua

fonte, e area de agoa donde manam, e sahem todas as outras fontes, que ha na cidade, e toda esta agoa vem por canos descubertos, e facilmente se lhe póde tomar.

Na porta de Babaloete, que cahe a ponente está outro chafariz com uma fonte de agoa muito boa, e a mais delgada, e melhor que ha em Argel. E junto della estão umas pias de pedra, sobre as quaes cahe um cano de agoa, em que os pobres lavam sua roupa, e tem outro chafariz muito fermoso: Sahindo fóra dos muros para o campo por todas as portas da cidade se dá logo nas sepulturas dos mouros, que cercam toda a terra em redondo pelo campo, por espaço, para todas as partes, de uma milha larga: porque os mouros além de se enterrarem no campo, não se póde um enterrar na cova do outro, se não de cem, em cem annos, e assim tomam as mais das casas ricas, um espaço no campo, e o cercam de muro ao redor, com sua porta, em que se enterram todos os daquella familia.

CAPITULO XI

De como se enterram os mouros

O modo de enterrar é, que depois que o desaventurado morre, o lavam muito bem com agoa quente, e o perfumam, e lhe vestem camisa, e calções lavados, e o embrulham em um esquife, com a cabeça para diante, ao revez de toda a gente do mundo, e se é homem, e tem alguma dignidade, a qual se conhece pelo turbante, lho põem em cima do esquife, conforme elle o trazia quando era vivo, com muitas rosas, e boninas, e assim se sabe que pessoa era o morto: e se

a republica lhe perguntam a que vem: elle responde, que a ser Baxá de Argel, por ordem do grão turco de quem traz suas provisões: perguntam-lhe mais se se obriga a pagar aos soldados, cada dous mezes, sem lhe faltar um só dia, começando a paga sete, ou oito dias antes de se acabarem os dous mezes: e elle responde que sim, porque já sabe, que não o fazendo assim, o tomam os soldados, e o metem em um almofariz muito grande, que para este effeito se fez, e com umas mãos de ferro o pizam, e fazem em pó, e em cinza. E com estas condições ditas, levam logo recado a Aduana, a qual com seu capitão de janizaros, a que chamam Agá o vem buscar á galé (em que veio) e alguns dos Baxás, quando desembarcam botam quatro ou cinco mancheas de dinheiro por cima da gente, (que o tem por bom agouro) e assim acompanhado o levam a sua casa, e ao dia seguinte fazem Aduana, e o Baxá novo mostra suas provisões, e conforme a ellas o metem de posse, largando-lhe todo o governo da terra, rendas, e direitos que pertencem ao grão turco: porque dellas ha de sahir a paga dos soldados, a que está obrigado de maneira, que fica mais sendo rendeiro, que governador: porque se faltar dinheiro, ou o hade pôr de sua casa, ou hade morrer sem remissão: mas tambem se sobejar, o pode levar para Constantinopla, ou para onde quizer.

Quanto ás cousas de guerra elle as não póde emprender, sem que primeiro as comunique com a Aduana, e capitão de janizaros, e da mesma maneira em sentenças de morte, e em outros muitos casos, e não póde só por si castigar turco: de maneira, que fica inferior ao Agá, porque de suas sentenças, ou cousas que faz, se apella, e se queixam ao Agá dos janizaros, e elle faz e desfaz, o que quer. Alem disto não póde tratar em sua casa negocio algum, nem falar com

pessoa, que não esteja diante um turco grave, que é deputado para isto, vendo, e ouvindo o que fala, e o que faz, e de tudo o que o Baxá disser, e fizer, ha de ir dar conta todos os dias ao Agá dos janizaros: Tambem traz comsigo de Constantinopla um turco, a que chamam Caia, que o aconselha, e lhe escreve, e é como seu lugar-tenente: Vem tambem provido pelo grão turco, outro turco, que é capitão geral na guerra, a que chamam Berlebei, pessoa muito respeitada e de muita authoridade, assim na paz como na guerra.

CAPITULO XIV

Das rendas de Argel

As rendas que tem o Baxá, de que está obrigado a fazer as pagas aos soldados, sahem primeiramente dos alarves que vivem no campo, que são obrigados a pagar, assim dos gados, como do trigo, mel, manteiga, cera, e mais cousas, que criam, mas esta paga ha de ser em dinheiro: cobra tambem as penções, que pagam os alcaides, e governadores sujeitos a elle: Cobra mais o que os mesmos alcaides lhe prometem quando lhe dá um campo, de seis centos ou sete centos turcos para cobrarem por força, de alguns alarves reveis, que não querem pagar aos ditos alcaides: porque então tomam toda a fazenda por perdida aos mesmos alarves, e fica para aquelle alcaide, que fez a guerra, e sustentou o campo á sua custa, e daqui paga certa quantia de dinheiro ao Baxá de Argel, que lhe mandou o campo: Cobra tambem de todos os roubos, que os cossairos tomam pelo mar, de sete partes uma, como toma de todos os christãos cativos.

Cobra tambem os mesmos direitos da fazenda de todos os navios mercantis, mouros, e christãos, e do dinheiro das redenções dos cativos, toma de cada sete caixas de dinheiro uma: Toma tambem para si todos os cascos dos navios, que se tomam de preza a christãos, e se trazem artelharia de bronze, é para a cidade, e a toma a Aduana: Cobra tambem a parte, que toca ao grão turco dos que morrem, que importa muito: porque em todos os mouros, e mouriscos mete a mão, ainda que tenham filho homem, e se acaso lhe falta, e tem filhas lhe toma ametade da fazenda, e se não lhe ficou filho, nem filha, toma tudo, ainda que tenha irmãos, e parentes, e sempre diz que é o mais velho: Sómente em turcos não entra (deixando filho macho), mas se lhe falta, tambem toma sua parte como qualquer das filhas, e se não tem filhos, tambem apanha tudo o que toca á parte do morto.

Cobra tambem sua renda, e ordenados, que lhe pagam aquelles, que lhe tomam a renda dos couros, e cera, e cebo, (que é como estanque) por ser mercansia, que vem para terra de christãos: Finalmente estas, e outras muitas cousas que se lhe chegam, virão a render cada anno, quatro centos mil cruzados, dos quaes se obriga a pagar aos soldados janizaros suas pagas, que importarão duzentos e cincoenta mil cruzados, e esta sempre está certa, e a renda, e cobrança das cousas acima ditas ás vezes falta, e é incerta, ou por respeito dos tempos, ou da guerra, ou por não haver prezas, ou por outras muitas cousas, que succedem, por onde os mais delles se perdem hoje neste governo: como eu vi tres metidos em um castello, até que mandáram vender o que tinham em Tuues, e em Constantinopla, para pagarem, o que ficavam devendo, quando tinham sucessor, e para isto davam fianças por tanto tempo, porque os não matassem.

E no anno de seis centos e vinte seis, Sarahoja Baxá, e filho de Argel, (porque lhe faltou o dinheiro para a paga, e o queriam matar) pedio tres dias para o buscar. e nelles tomou preçonha e se matou, e eu o vi enterrar sem pompa, nem acompanhamento algum, não consentindo os turcos, que o ocompanhassem, dizendo que quem morria daquella maneira, não merecia honras, nem era digno de haver memoria, nem lembrança delle.

CAPITULO XV

Do governo da cidade

HA tambem para o governo da terra dous juizes, a que chamam Cadis, um é justiça para os mouros, e outro para os turcos: do Cadi dos mouros se apela para o Cadi dos turcos, e de ambos para o Baxá, e do Baxá para o Aga dos janizaros, como supremo juiz. Estes Cadis são homens velhos, ricos e lidos no Alcorão, e que estão bem reputados, e todas as cousas sentenceam verbalmente: porque as leis ordenadas por elles as tem estudadas: e assim logo condenam, ou absolvem conforme algum escrito, que as partes mostram, ou por testemunhas que logo hão de apresentar, e se é materia que mereça castigo alli logo, estão quatro ministros de justiça, (a que chamam Chauzes) com quatro paos ao modo de varas de medir, e botam o delinquente no chão, e lhe dão duzentos palos, ou os que lhe parecem, nas costas, e na barriga, e o mandam com todos os diabos pela porta fóra, de maneira, que entre os turcos não ha procuradores, escrivães, letrados, cartorios, nem feitos, nem

tantas demandas, como ha entre nós: porque todos os que tem demanda a acabam na hora em que a começam, sem haver nella papel nem tinta, salvo algum contrato, ou escritura, a qual assina o juiz molhando um sinete, que tem na tinta, e o pôem ao pé do que se escreveo, e fica sendo como firma, e sinal seu, e para prenderem alguem o podem fazer os Chauzes, mas hade ser por mandado dos juizes, que de seu arbitrio, inda que vejam o culpado, não o podem prender: mas para isto tem um só alcaide, a que chamam o Mizuar com seus esbirros, ou homens, que o acompanham, e este anda de noite, e prende os que andam ás dez horas, e todos os malfeitores, e tem carcere em sua casa, de homens, e mulheres, e este leva a justiçar os condenados: Ha mais outro cargo a que chamam Motazen, o qual tem cuidado de vêr os pezos, as medidas, e os preços, porque se vendem as cousas, e é companheiro do Mizuar.

Estes dous cargos vende, ou arrenda o Baxá, a quem lhe dá mais; tambem o Mizuar tem cargo de romper as tavernas aos christãos cativos, quando o ordena a Aduana: para o que manda em sua companhia um Jabasi, que é um turco grave da Aduana, para que veja o que faz o Mizuar, e a conta disto não roubem aos christãos, o mais que tiverem: isto manda fazer a Aduana, todas as vezes que não chove, e ha falta de agoa para as lavouras, dando por razão, que por peccados causados do vinho, e dos que o bebem, não chove, e assim o vem a pagar os pobres cativos; por que lhe arrombam as pipas de vinho, com que se remedeam.

CAPITULO XVI

Da Aduana de Argel

O principal governo desta cidade de Argel é superior em todas as cousas, assim na paz como na guerra, é a Aduana que é o mesmo que republica (como em Veneza, e outros senhorios) e como antigamente foi em Roma, Esta Aduana é de soldados janizaros, que actualmente andam servindo, e que por antiguidade dos serviços vão subindo desta maneira: Começa um soldado simples (a que chamam Oldaxi) com quatro dobras de paga cada mez, e com quatro pães cada dia, e cada dobra é de dous reaies, menos alguma cousa: destes Oldaxis se tiram quatro, que são os que estão mais chegados a subir, e estes tem voto na Aduana e obrigação de assistir nella, e propor os casos, que se hão de despachar.

De Oldaxi vae subindo até o primeiro cargo de honra, que se chama Odebasi, que entre nós é como o cabo de esquadra, mas esquadra entre elles não tem numero certo, porque é de dez soldados, e de quinze, e ás vezes de mais, e de menos: estes tem de paga seis dobras, são conhecidos: porque trazem o barrete tão alto como uma mitra, mas com duas pontas largas por cima, e o turbante todo trocido em voltas, uma em cima da outra, que quasi lhe vae chegando até cima. De todos os Odebasis se tiram dezaseis mais antigos, que tem voto na Aduana, e obrigação de assistir nella: Destes Odebasis sahem mais quatro Solachis; que assistem sempre com El Rei, e comem com elle á meza: e tem ração cada dia para sua casa de pão, e um quarto de carneiro.

O outro cargo de honra é Boluco Baxi, que é como capitão. Este traz o turbante grande, e redondo, mas por sima delle se ha de ver o barrete, tanto como largura de uma pataca por onde é conhecido. O numero delles não é certo: porque em um campo de quinhentos homens irão vinte e cinco, e trinta Bolucos Baxis. E estes sómente podem ir a cavalo, e levar outro cavalo para seu fato: tem de paga dez dobras no mez, e seis pães cada dia: Destes, o mais antigo que esta para subir se chama Morbuluco Baxi, o qual assiste sempre com El-Rei, e é procurador dos soldados para com elle, e não póde o Baxá falar nada com as partes que este não esteja presente, e cada dia vae dizer ao capitão dos janizaros o que falou: come com El-Rei á meza, e tem ração para sua casa, a paga é como os Bolucos Baxis: O outro lugar de honra é Jabasi, que são vinte, tem vôto na Aduana, e cargo de ver as faltas, que ha na cidade, ou de mantimentos, ou de governo, e avisar ao Baxá, as remedee; tem o turbante todo serrado, e de paga dez dobras. O outro cargo é Caia do Agá, que é como lugar tenente de capitão de janizaros, é lugar muito respeitado: porque ha de subir logo a Agá de janizaros, tem 15 dobras de paga.

CAPITULO XVII

Do capitão dos janizaros

O ULTIMO lugar, e supremo em todas as cousas é Agá, este o mais tempo que governa são dous mezes, e muitas vezes não dura dous dias, e outras vezes em um dia, fazem tres, ou por

não terem authoridade para o cargo, ou por lhe acharem, que teve alguma infamia, principalmente por lhe fazer a mulher adulterio, que posto que não podem matar a mulher, ainda que a achem nelle, tem obrigação de a entregarem a seu pae, e mãe, ou irmãos, e dizer-lhe, que aquella mulher é roim, e sangue seu, e que a elles lhe toca matala, e póde-se logo casar com outra, e assim fica limpo da infamia: mas se elle por amor, que lhe tem dissimulou, e fez vida com ella, não póde ser Agá, ou tambem se casou com mulher, que foi publica. Mas chegando a este lugar passa por elle, e fica aposentado com a mesma paga, que são quinze dobras ao mez, e doze pães cada dia, como todos os mais, e assim como o Agá dos janizaros passa, vão sobindo todos os mais de maneira, que todo o soldado janizaro, que vive, vem a ser Agá de janizaros. Tem todos alem destas pagas, que tenho dito, suas ventagens, que é cortando na guerra cabeça a mouro, ou a christão meia dobra de ventagem, e todas as vezes, que vem Baxá de novo lhe cresce a todos, meia dobra de ventagem sobre as que tem de paga, e assim quando chegam ser Agás, vem a ter tanto de ventagens, como de pagas. Este Agá, ou capitão de janizaros, quando o elegem lhe vestem um roupão de tela, em nome do grão turco, e vae pela cidade até sua casa mui acompanhado de toda a Aduana, e depois em quanto é Agá o vão buscar, quando ha de sahir fóra, quatro Chauses, que são os que prendem os malfeitores por ordem da Aduana, e são pessoas, a que se tem infinito respeito, e alguns Odcbasis, e lhe levam um cavalo, em que anda pela terra, acompanhado com os turcos, que tem cargo de o fazer, e dous Chauses vão gritando, que se afastem, que vem o Agá, e toda a gente se arrima á parede, e lhe abaixa a cabeça, e lhe faz a sua cortezia. Os outros dous Chau-

ses um leva o mandil de cavalo, e outro os çapatos, e entrando no lugar donde se faz Aduana, se senta em uma cadeira de veludo junto da outra, que está para o Baxá, e todos os mais turcos, que assistem naquella junta estão em pé, uns a par dos outros, como em prosição, uns de uma parte, e outros da outra, com os rostros baixos, as mãos direitas pegadas nas munhecas das esquerdas, de maneira, que quando falarem, ou votarem não hão de bolir com as mãos. Desta junta não ha apelar, nem agravar: porque com votos de todos sentencea o Agá, e logo se executa a sentença em final (estando todos presentes principalmente se é caso de morte, alli diante trazem o delinquente, e sentado no chão (se sabe por voto de todos, que morra) dalli logo vae a morrer, e se ha de sahir condenado a palos: da mesma maneira o deitam no chão e quatro Chauses saltam nelle, e lhe dão logo os em que o condemnam diante de todos.

De modo que todos os delitos, que se cometem pelos dias da semana, os que os cometem não estão prezos, mais que até o primeiro sabado, em que se faz a Aduana, porque logo, ou condenam, ou absolvem, e são tão rigorosos nestas suas sentenças, que muitas vezes se o mesmo capitão dos janizaros sentencea mal, ou vae contra o que é direito o tiram da cadeira, onde está, e lhe dão alguns palos, ainda que poucos: porque dizem, que basta a vergonha, e o tornam outra vez a pôr nella, e se elle não quer governar, e pede que o aposentem, o fazem governar por força.

Este lugar é tão supremo, que se o mesmo Baxá estiver agravado de algum janizaro, o não póde castigar, mas irá fazer queixa ao Agá, e elle faz o que quer: e asssim nos mais juisos, e em todas as mais cousas é tão respeitado, tão superior, e tão obedecido

de todos, que apenas ha quem olhe direito para elle, e passados os dous mezes, ou o tempo que o foram, ficam aposentados, e não entram mais na Aduana, nem tem voto nella, e vão os outros sobindo de maneira, que o mais triste soldado se vive, é Agá, e assim entre os turcos não ha um, que seja mais honrado, que outro, salvo no lugar, e em quanto outro não chega : porque nisto tem grande obediencia uns aos outros, e aquelle que não tem respeito a seus maiores, o Agá o tira da paga, que é o maior castigo, e a maior afronta, que se lhe póde fazer : porque além de perder a paga, e pão e ventagem, e antiguidade, e honra de janizaro, fica como mouro tão abatido, que qualquer pode levantar a mão para lhe dar e sem encorrer em pena alguma.

CAPITULO XVIII

Da ordem que os turcos tem na guerra

HAVERÁ em Argel, cinco, ou seis mil janizaros, que andam no serviço, e de contino na guerra, e no campo, estes estão repartidos, pelas fronteiras, e presidios, que tem por dentro da terra' Como em Mostagão, Tremecem, Tenis, Bogia, Bona, e outros, e na cidade haverá de ordinario, mil até mil e quinhentos, e com serem tão poucos se conservam, e tem sugeita toda a Barbaria, e fazem guerra a todos os principes christãos, roubando pelo mar suas fazendas, e cativando seus vassalos: De maneira, que de Argel sahem em quadrilhas de quatrocentos, e quinhentos, assim a guarramar, e fazer pagar por força aos Alarves, os tributos a que estão obrigados: (por-

que se assim não fôra, não pagaram nunca nada) como tambem a prover os presidios, porque os que estão seis mezes em um, os tiram e vem para a cidade, e depois de descançarem, os mudam para outro.

A esta quadrilha de quatro centos se ajuntam mouros, amigos, e vassalos, a que chamam azuagos, os quaes andam a guarramar, em companhia dos turcos, tem sua paga de quatro dobras ao mez e não lhe sóbe mais, e tem alguns privilegios, e podem trazer ribete, que é um debrum de cetim pela gola do cafetão, ou marlota, que trazem vestido, por onde são conhecidos os mouros, dos turcos, de maneira que com a gente, que se lhe ajunta sempre fazem um campo de dous mil homens caminhando por esta ordem.

Quando querem partir, oito dias antes, põem fora em Babazão duas milhas de cidade, as tendas de campo, que são necessarias, sómente para os turcos, e no meio se põem uma tenda muito fermosa verde, que é a do Berlebey, ou capitão geral: estas tendas está o Baxá obrigado a da-las, e juntamente cavalos, assim para os Bolucos Baxis, ou capitães, como para a bagagem, e a Aduana dá as munições: Em cada tenda vae uma esquadra de quinze, ou de vinte soldados, nella está na cabeceira seu Debasi, ou cabo de esquadra, e logo lhe sucede Oniquilachi, que é o despenseiro, e logo vão sucedendo os mais antigos na esquadra, dormindo todos, e comendo por sua ordem e sua antiguidade, assim na cidade como no campo: por respeito, que entre elles não ha papeis, valias, nem certidões, e assim vão conservando esta ordem: porque por ella sobe cada um quando ha de sobir, e quando lhe toca o ser cabo de esquadra, capitão, e mais cargos, que ha entre elles, até o supremo de Agá de janizaros.

Tem mais cada tenda destas um turco o mais mo-

derno, que serve de cosinheiro, este cosinheiro, e o despenseiro de cada tenda tem obrigação de carregar os cavalos, que hão de levar a tenda, cosinha, biscouto, e os capotes, e montes dos soldados, e para os ajudarem dão a cada um dous turcos, os mais modernos, que os ajudem, e acompanhem diante: porque sempre partem primeiro, que o campo marche, e quando cheguem achem já as tendas postas, e o comer posto ao fogo, e a carne tomada, a qual dão os alarves, onde o campo assenta com o mais, que é necessario: Os turcos que vão marchando todos hão de ir a pé com suas espadas, frascos, escopetas ás costas, uma fota, ou toalha ao pescoço, uma caldeirinha de cobre, estanhada para beberem, na cinta: os Bolucos Baxis, ou capitães, sómente vão a cavalo, com sua escopeta atravessada no arção dianteiro, e cada um tem mais seu cavalo, para levar seu fato, e seu negro, ou renegado, que lhe tem cuidado delle, estes comem todos com o capitão geral, e tem sua tenda de por si, e fazem tambem sua Aduana, elegendo no campo os mais antigos, dos que alli se acham, fazendo tambem seu Agá, ao qual obedecem, todos os mais com tanto respeito, como se fôra, o que fica na cidade, e o capitão geral, faz então o officio de Baxá, de maneira que tambem não póde fazer nada, sem conselho da Aduana, que leva comsigo, com este governo vão caminhando, e correndo os aduares, ou lugares dos alarves pela terra dentro, aos quaes obrigam a pagar os tributos, a que estão obrigados, e esta paga hade ser em dinheiro, e se não lhe vendem todo o gado, e o mais que possuem, até a mulher, e filhos, por bem pouco, até que faça a quantia do que está devendo, a qual se entrega a um tesoureiro del Rei, que vae no campo, e este o traz para Argel, e o entrega ao Baxá para pagamento dos soldados.

Esta mesma ordem com que caminham, e com que dobram estas garramas, é a mesma que tem na guerra: porque a cobrança destas cousas a fazem com mão armada: porque ordinariamente lhe acontece, ou por se rebelarem seus tributarios, ou por seus inimigos virem contra elles, ficarem vencidos, e desbaratados, e sem trazerem garramas, e com o campo todo perdido, e assim vão dispostos a tudo o que se lhe offerecer, com a mesma ordem como se actualmente foram para a peleja, e assim esta fica sendo a ordem, que tem na guerra.

DOS SUCESSOS QUE TIVERAM OS CATIVOS

CAPITULO I

Da morte de D. Patricio

No anno de seis centos e vinte um, em que os turcos queimaram a nao Nossa Senhora da Conceição, cativaram nella a D. Patricio clerigo de missa, de nação valenciano, o qual vinha com avisos do governador das Felipinas para Sua Magestade, e a poucos dias de cativo succedeo, que um moço espanhol, por sua propria vontade, e tendo muito bom patrao se fez turco, e renegou. O patrão quando soube, que elle renegou sem sua licença, e contra sua vontade, o vendeo logo a um ferreiro muito mau homem por se vingar delle: o qual usando de sua boa condição, e por Deos nosso Senhor assim ser servido, matava com trabalho o arrenegado; elle não podendo soffrer tão ruim vida, ou por ventura arrependido de ter renegado, se juntou com uns christãos, e lhe disse que

elle queria tornar-se á fé de Christo, e fugir para terra de christãos e que tudo o que quizessem, ou de limas de seu amo ou de sua pessoa o achariam prestes. Os christãos festejaram a occasião: porque elles não arriscavam mais que uns poucos de açoutes e o renegado a vida e assim lhe disseram que iriam com elle á marinha das sete horas da manhã, e que a melhor barca que visse mandasse deitar ao mar, como era contra-mestre de algum navio, e que os christãos que eram de sua casa e que nella se meteriam todos como que iam fazer lastre, uma milha do porto, e que se deteriam até á noite, e teriam fóra da pórta em uma praia enterrados os remos, véla, e agua, e dormiriam os que haviam de ir, fóra de casa de seus amos, e sendo horas, se iriam embarcar sem serem sentidos.

Pareceo esta traça bem ao renegado, e sem mais consideração a poz por obra, e levando os christãos á marinha, fez deitar a barca ao mar, e se meteu nella e chegando onde se havia de fazer o lastre, ou saborra, se sahiu fóra, e foi dar recado a uns amigos seus, e a despedir-se de outros, como homem de pouco juizo e como isto havia já dias que se tratava veio a ter noticia do caso D. Patricio, e pedindo ao renegado que o levasse o renegado se escusou dizendo que elle não era homem que soubesse remar, e que assim não se atrevia a leva-lo: D. Patricio lhe disse que já que não podia ir com elle, que lhe levasse um maço de cartas a D. João Fajardo, seu parente, e o arrenegado lhe prometeo que as levaria.

De maneira que o clerigo tinha escrito largamente com animo, e zelo de servir a seu rei e desejo de augmentar a fé catholica de Christo nosso Senhor: porque avisava, que Argel estava falto de gente, pela grande peste que havia: porque cada dia morriam mil pessoas, e que a fortaleza nova se ia acabando,

e que era bom tempo para ir a armada real tomar a terra. Alem disto pintou a cidade em uma folha de papel, e de tudo fez um maço, e quando o renegado se foi despedir delle, lho deu, encomendando-lhe o levasse a bom recato. O renegado se foi embarcar outra vez, deixando avisadas as pessoas, que á noite haviam de ir, e se afastou com a barca para o largo, como que era barca de pescador, porque não o sendo tem obrigação de se varar em terra. A's quatro horas da tarde: quiz a fortuna, que aquelle dia todos os pescadores se recolheram, e deram fé da barca, e viam que não faltava, nem ficava fóra nenhum de seus companheiros, e a barca que não se hia varar com as outras dos navios: por onde conheceram, que a barca era de christãos, e remettendo a ella a tomaram e achando dentro o renegado, o amarraram juntamente com um christão, escravo de meu patrão chamado Sebastião Machado, natural do Porto; porque os mais se tinham sahido em terra por não serem sentidos. Preso o arrenegado lhe acharam as cartas, as quaes abertas e lidas, disse logo quem lhas dera, e em continente foi logo buscado. E prezo o pobre de D. Patricio, e ao dia seguinte em que se fez Aduana foram aprezentados nella o christão escravo de meu amo, o renegado, e D. Patricio. E sahiu por sentença, que ao christão ferrassem no rosto: ao renegado enganchassem, e a D. Patricio queimassem vivo, e tudo se fez logo naquella manhã.

Foi D. Patricio a queimar com grande coração encomendando-se a Deos, e á Virgem nossa Senhora em altas vozes, posto que lhe davam infinitas punhadas e bufetadas, e chegado ao lugar onde havia de padecer fincaram duas estacas no chão, e em cada uma amarraram sua perna, e puseram redor delle (obra de duas varas) muita brusca, e lenha em que pegáram

o fogo, para que pouco, e pouco se fosse açando, e tivesse mais pena, porque é notavel o odio, que tem aos sacerdotes (ou papazes, como elles lhe chamam): mas as pedradas foram tantas dos rapazes, que brevemente o mataram, e cobriram o corpo com ellas, e assim meio açado, e meio despedaçado o botaram no monturo, ao longo do mar, onde botam os cavalos e animaes mortos, que com este despreso nos tratam estes barbaros, inimigos de nossa santa-fé: mas os christãos o tiraram de noite deste lugar, e o enterraram no jazigo onde se enterram os mais, e D. Patricio estará gozando da gloria com Christo, pois morreu como verdadeiro christão, e leal vassallo de seu rei.

O renegado botaram no gancho, o qual está posto na porta da cidade, que vae para a marinha, e é da feição de uma escapola do açougue, em que penduram a carne, mas muito maior e tomando-o de cima da muralha em pezo, um pelos pés, e outro pela cabeça o deixáram cahir sobre o gancho, e pela parte por onde ficou pegado se ficou até que morreo, que é terrivel morte, porque dura vivo tres, e quatro dias: não se pode saber se morreo mouro, se christão, Deos Nosso Senhor o julgará conforme sua tenção.

CAPITULO II

De um clerigo irlandez, que padeceo, chamado o padre Francisco

No anno seguinte de seis centos e vinte dous, se encontrou um Arrais mourisco, expulso de Hespanha, chamado Mahamet Tagarino dos mais valentes cossairos de Argel: com um navio da

armada de D. Fadrique de Toledo, chamado o Rozairo, de que era capitão D. Cornelio irlandez de nação, soldado velho, e muito esforçado, no qual navio vinham perto de duzentos homens de mar, e guerra, e no navio dos turcos vinha muito mais gente, e era muito maior: finalmente de uma parte, e de outra se brigou valerosamente, e foi tão travada peleja, que nella morreram ambos os capitães com mais de doze soldados de cada parte, e como os nossos soldados os mais delles eram bizonhos, e os mouros muito mais em numero, entraram o navio da armada, e o renderam, e o levaram a Argel, no qual vinha por confessor um clerigo irlandez; e como tem por costume os renegados, tanto que tomam alguns christãos chegarem-se a elles; e saberem de que terra são, e que novas ha: lhe disse um genovez sem saber o que dizia, e sendo mentira, que em Cadiz havia poucos dias, que tinham queimado uns renegados de Argel.

Sendo a maior falsidade do mundo, mas daquelle, que tem por costume mentir não se póde esperar cousa, que boa seja, nem que bem receba: os renegados, que não quizeram mais ouvir foram passando palavra de uns aos outros, e tanto que chegaram a Argel deram noticia, do que passava aos renegados mais ricos, arraizes, e cossairos, dizendo-lhe, que o que acontecera áquelles que queimaram, podia cada dia acontecer a elles pois andavam sempre no mar sujeitos á mesma fortuna, por onde seria bom remedia-lo; e posto, que não eram necessarias muitas palavras para os renegados porem em execução a má vontade, que tem aos christãos principalmente aos sacerdotes, e ainda que alguns sejam bem intencionados, por se mostrarem observantes na lei, e inimigos do nome christão, fazem em publico mil demonstrações em odio do mesmo nome, e tudo vem a cahir sobre as costas

dos pobres escravos, e depois em particular alguns vem á ter satisfação com os cativos, dizendo lhe, que se o não fizerem assim os terão por christãos, e não se fiarão delles, nem lhe darão lugar, para em algum tempo fugirem, e se reduzirem á fe catholica: mas tudo é mentira: porque estes vivem com mouros, e com christãos, e menos se póde fiar delles, pelo que cada dia vemos: finalmente os renegados, em que mais entram o desejo desta vingança, e os que mais tomaram á sua conta fazer um castigo exemplar, foi um renegado grego, chamado Calafate Açan, que foi, o que botou o primeiro dia a gente dentro na nao da India, e ao segundo fez com que se queimou, e no anno seguinte brigou com as galés do marquez de Santa Cruz, e matou o filho do conde de Benavente, que vinha nellas por seu lugar tenente, e ao presente está preso e cativo em Napoles metido em Castel novo. O outro renegado se chamava Mahamet Portuguez: porque o é de nação criado em Alfama, e foi doze annos moço do barco do Jalofo, e hoje tem o filho do mesmo Jalofo por seu escravo, e por lhe pagar a criação que o pae lhe deu nesta cidade lhe quer fazer o filho turco, tenham Deus da sua mão.

Este arrais é muito conhecido, e tido em conta de fino mouro, rico, casado, e com filhos, de maneira que estes dous arrais se foram ao Baxá, e lhe contaram a boa informação, que tinham dos outros renegados, e lhe pediram licença para mercarem um sacerdote irlandez, que no mesmo navio vinha, e para o queimarem, porque fazendo-o assim: em Hespanha não queimariam os renegados, e elles sem temor poderiam navegar: (sendo assim, que elles ao renegado, que quer fugir, ou foge para terra de christãos se o apanham o engancham logo sem apelação, nem agravo). O Baxá lavou as mãos do sangue do justo (como fez

Pilatos) dizendo, que lá se aviessem: porque entre elles é lei ordenada, e expressa, que aquelle, que merca escravo póde fazer delle o que quizer como fazenda sua, sem que a justiça se meta nisso: com esta licença se foram ao baptistan aonde se vendem os escravos, e mercaram por duzentas e quarenta patacas ao pobre sacerdote de Christo, que cuidava, que levava algum bom patrào, estando innocente do que passava, e metendo-o em uma casa deram recado aos mais dos renegados de Argel, e sem authoridade de justiça, com uma barbaridade insolente, pegaram todos no innocente sacerdote, como se fora a prisão de Christo Nosso Senhor: fazendo o officio de Judas, o perro de Mahamet Portuguez, e Calafate Açan, pois entregavam o bemaventurado clerigo, ao maldito, e obstinado povo, o qual com o maior rumor do munrdo o levou pelas ruas publicas, dizendo-lhe mil injubias, e blasfemias, dando-lhe infinitas punhadas, e ofetadas, que quando chegou á porta de Bebaloete, para sair ao campo já não levava dente na boca, e na mesma porta levou um renegado de uma faca, e lhe deu pelo rosto uma cruel cutilada, e outro lhe cortou uma orelha, que depois trazia na mão como se fizera uma grande valentia, outros lhe deram outras muitas feridas, entre as quaes lhe deram uma pelos peitos com que ficou quasi morto, e levando-o já sem sentido ao lugar onde o haviam de queimar, foram todos com grande festa, a buscar lenha, e a merca-la, parecendo-lhe, que faziam uma obra de grande merecimento para com Deos, e para com o povo, ficavam todos tidos, e reputados por finos mouros: e assim desta maneira puseram fogo ao innocente servo de Christo, sobre o qual carregaram as pedras tanto, que brevemente acabou a vida: lidando sempre, e tendo na boca o nome de Jesus, e

da Virgem Nossa Senhora. A morte deste sacerdote foi mui sentida de todos os christãos cativos, pela crueldade, e injustiça, com que lha deram, e até os mesmos turcos publicavam sua innocencia: porque ainda que fora verdade, que em Cadiz queimaram os renegados, que culpa tinha o padre Francisco, ao que a justiça fazia; quanto mais, que se averigoou que era mentira: bemaventurado que estará na gloria com Christo nosso Senhor, pois morreo innocente, e sem culpa.

CAPITULO III

Da morte do padre mestre Monrroy

No mesmo anno de mil e seis centos e vinte dous, tiraram morto o padre mestre Monrroy da ordem da Santissima Trindade, do poço onde havia muitos annos o tinham metido, e preso, e o trouxeram da Alcaçava onde estava pelas ruas arrastões, com uma corda atada por um pé, como se fôra algum perro, que vão botar no mar,: assim o tiveram á porta da cidade meio dia, para que soubesse o povo que era morto, e depois os christãos o enterraram, e puzeram sinal na cova, porque dahi a seis mezes mandáram seus ossos a Madrid ao seu convento onde hoje estão, e posto que a prisão do padre mestre não foi em meu tempo, foi sua morte, no qual enterro eu me achei, e por esta causa contarei o sucesso della.

O padre mestre Monrroy da ordem da Santissima Trindade foi a Argel a resgatar cativos com uma redenção muito grande, com muita quantidade de di-

nheiro ordenada, e mandada pelo corôa de Castella, e depois de estar em Argel alguns dias, e ter feito a maior parte do resgate, porque tinha já livres, e pagos, cento e cincoenta cativos, gente muito boa, e escolhida. Sucedeo, que neste mesmo tempo resgataram uns mercadores em Liorne uma menina moura filha de um turco grave de Argel, e a meteram em uma Setia, e a levaram a seu pae por cuja ordem a foram buscar.

Acertou a Setia por causa de roim tempo tomar a Corseca, e visitando os da terra a Setia viram a menina, que era pequena, e muito fermosa, e foram logo dar aviso ao bispo, o qual a mandou ir diante de si, e tanto que a vio, disse aos mercadores, que era cargo de consciencia, que tão pequena criança fosse para Berberia, e que a havia de bautisar, e fazer christã, e por mais, que os mercadores lhe disseram, que era filha de um turco poderoso, e que podia fazer mal aos christãos, que estavam em Argel (tomando lhe a filha contra sua vontade) e estando já resgatada com seu dinheiro, o bispo não obstantes todas estas razões, baptisou logo a menina, e aos mercadores mandou embora, os quaes como levavam fazendas na Setia, fizeram sua viagem para Argel onde chegáram brevemente, e tanto que sahiram em terra, foram ter com o turco, e lhe deram conta do que lhe acontecera com sua filha, o qual como doudo se foi logo a Aduana, e botando a touca pelo chão, que é demonstração de pedir justiça, e de grande sentimento, se queixou da força, que fizeram os christãos em Hespanha a sua filha, e que para alcançar, ou ter vingança d'elles, não havia outro remedio, senão embargarem o padre mestre Monrroy redemptor dos cativos: e a redenção, que estava feita, e o dinheiro, que havia por empregar; a isto ajudaram tambem as lagrimas, e vozes da

mãe da menina, que logo veio vestida de azul (que é luto, que as mulheres trazem, quando sucede algum homcidio, ou morte desastrada, em pessoa que muito se ama) e com o rostro, e cabeça cheia de cinza fazendo grandes alaridos: a Aduana lhe concedeo logo tudo quanto pediram, e nem bastando estas deligencias, e tendo por certo, que a filha não havia de tornar mais a Argel, ainda que se fundasse o mundo pois estava já feita christã, se partio para Constantinopla a fazer queixa ao grão turco, e de lá trouxe ordem, para que metessem em prisão ao padre mestre, e o dinheiro, e christãos ficasse tudo perdido para a Aduana: o que se comprio ainda com maior rigor, do que o mandavam: porque tomaram o padre mestre, e o prenderam dentro na Alcaçava, e o meteram em uma cisterna muito metida por baixo da terra com muito pouca luz, e com muito pouco de comer, e nesta prisão esteve muitos annos, na qual o sustentavam os christãos, que tinha resgatado, e por mais deligencias que fez sua Magestade, escrevendo muitas cartas a El-Rei de França, para que escrevesse, e pedisse ao grão turco, como irmão em armas, que é do mesmo Rei, lhe quizesse mandar dar o padre mestre: El-Rei de França o fez assim, e alcançou do grão turco provisão, para que os de Argel lho entregassem: mas elles nunca já mais quizeram admitir segunda ordem, e assim por descurso do tempo, veio a morrer no poço onde o tinham metido até á hora em que o tiraram, e trouxeram a rastões pela cidade, como assima contei: diziam todos geralmente, que era pessoa gravissima mui douta, virtuosa, e bem entendida, padeceo grandes trabalhos, e perseguições por amor de Deus fazendo vida de santo, e padecendo no poço morte, como de martyr, e á maneira dos mais que morreram por Christo estará na gloria.

Por aqui se verão os crueis trabalhos, que passam os cativos em poder d'estes barbaros, e turcos de Argel, que é a mais soberba gente do mundo, e a que menos estima nossas forças, e nossas poder, que quantas ha, e o risco da vida, em que está o miseravel, que sua estrela o chegou a ser cativo desta gente fera: pois ver os martirios, que fazem a meninos, e a moços para que por força se tornem turcos, é cousa mais para se chorar, que para se escrever, e assim por escusar proluxidade, não conto as terriveis mortes, que vi dar a differentes pessoas, e por cousas muito leves como é se um christão, ou mouro, ou mourisco alevanta a mão para algum turco de paga lha cortam logo, e se lhe faz alguma arranhadura tão grande como o bico de um alfinete o tomam, e com uma maça de ferro lhe quebram as canellas das pernas, e as canas dos braços, e assim vivo o botam no monturo, até que morre, e se é christão, ainda que se faça mouro, e arrenegue não basta, mas sómente lhe tira, que os moços lhe não tirem pedradas, que é cousa de mais pena, pois se lhas tiram acabará logo a vida, e não lhas tirando, dura com aquellas ansias tres e quatro dias vivo.

Ao christão, que vem de Malhorca, ou de Valença por espia em fragatas, a fazer algum lanço, como muitas vezes acontece, se o apanham, o esfolam vivo, e lhe põem a pelle cheia de palha á porta da marinha: vi tambem empalar a uns, crucificar a outros, e outros muitos generos de mortes, que cada dia se dão, e a todas para maior pena os deixam vivos, e duram no tormento dous, e tres dias e assim não é de espantar, que os cativos façam tantas deligencias, e ponham em perigo tantas vezes a vida por alcançar liberdade, e se verem fóra de tão arriscada terra, e tão trabalhoso cativeiro, saltando a muralha para fur-

tar um pique no barco, em que atravessam o mar mediterraneo, pondo ás vezes oito e nove dias na passagem, sem comer nem beber, e a muitos aconteceo, que chegando a terra de christãos acabaram a vida, sem poderem dar um paço, ou por muita sede, ou por muita fome. Outros muitos fazem cada dia barcos nos jardins dos seus patrões metidos em algumas covas, ou grutas feitas as cavernas das mesmas arvores dos jardins, e as taboas de algumas portas, que furtam, tudo roim, e podre feito de noite e ás escondidas, mal breados, e pior calafetados, e muitas vezes levam os barcos ás costas a deitar no mar mais de meia legoa, e quando lá chegam já vae o triste barco das pancadas, que dá pelo caminho, todo arrombado, e aberto, assim de maravilha chegam estes a terra de christãos, e no mar se afogam todos. A este proposito contarei o que aconteceo a uns amigos meus, escravos de Açan Arrais.

Fizeram estes christãos um barco no jardim de seu amo, sendo elle fóra da terra, e a noite que estavam para o levar ao mar, foram malsinados, e descubertos, e sua patrona quando o soube, (que estava no jardim) mandou vir os christãos diante si, e lhe disse, que lhe trouxessem alli o barco, que o queria ver: foram-lho buscar, ella quando o vio se rio muito, e fez muito grande zombaria dos christãos chamando-lhe de bestas, e de mandrias, pois naquillo queriam aventurar a vida, e por castigo lhe deu, que logo lhe enchessem o barco de agoa diante della, os christãos tomaram cada um sua quarta, e ella estava sentada junto ao barco a rir, e a dizer mil injurias aos pobres escravos, os quaes assim como deitavam a agoa dentro se sahia por fóra, e desta maneira os cançou todo um dia, que fora melhor dar-lhe de palos, porque alem do trabalho que tomaram, lhe dizia mil afron-

tas pois no barco, que não podia ter dentro uma quarta de agoa queriam elles passar o golfo, como é de Berberia a terra de christãos: Outras barcas se fazem ainda peores, que estas, e é que a armação dellas é de canas, e por fóra em lugar de taboas cubertas com couros de solas, em que cabem oito, e nove pessoas, e assim destas, como das que se fazem nos jardins, de vinte não chega uma, e com tudo sempre se fazem, e os pobres cativos não se desenganam: em uma destas sucedeo o seguinte:

CAPITULO IV

Do que sucedeo a Andres Malhorqui, e a Catherina Espanhola

No anno de seis centos e vinte e tres, um Malhorqui chamado Andres, escravo do capitão Ali Mami se namorou de uma espanhola cativa, chamada Catherina, e com enganos, e promessas fantasticas, a tirou de casa de seu patrão, e a levou a um jardim de um amigo seu, e tendo-a alli alguns dias, a christã se veio a desenganar de suas mentiras, e não sabia o que fizesse de si: porque era impossivel poder alli estar muitos dias, sem que dessem com ella, e a levassem a casa de seu patrão, que era muito mau homem, e a havia de esfolar viva com açoutes: e deste castigo não ficavam tambem livres os dous escravos, um pela desenquitar, e fugir, e outro pelos consentir, com este receio Catherina apertou com Andres, seu namorado, que buscasse ordem para fugirem para terra de christãos, dizendo que antes queria morrer afogada no mar do que tornar a casa de seu amo,

Andres persuadido, e lastimado das lagrimas da christã, obrigou ao seu amigo do jardim, a que fizessem um destes barcos de couros, de que assima fiz menção, e todos tres com uma vela que levariam, poderiam fugir nelle, e chegar a terra de christãos: fizeram-no assim, e em breves dias botaram o barco ao mar, e se meteram todos tres nelle: mas não teriam navegado duas legoas, quando o barco se hia ao fundo sem lhe poderem valer, e com muito trabalho tornaram outra vez para terra, cahindo muito mais abaixo donde tinham sahido, e não tiveram outro remedio mais, que largar o barco na praia, e meterem-se com os alarves, pela terra dentro, e tiveram intelligencia para tomarem vestidos dos mesmos alarves, e passarem a vida entre elles mais de dous annos: porque sabiam fallar a lingoa muito bem, principalmente a mulher, cousa que é ordinaria em todas as christãs cativas, porque assim como suas amas, com quem tratam sabem fallar, e aprendem dellas a lingoa espanhola, ou franca, como ellas lhe chamam, assim as christãs aprendem das amas a lingua mourisca mui facilmente, de maneira, que estes dous namorados, viveram dous annos pelas montanhas, no fim dos quaes foram descubertos, mas a mulher valerosamente fugio dentre as mãos, dos que a queriam prender, e a elle tomáram, e trouxeram amarrado ao banho de seu patrão, o qual é o peior homem, que tem Argel, chamado o capitão Ali Mami, e mandou logo cortar as orelhas ao christão, e botar lhe muitas cadeias, que prouvera a Deos então o mandára matar, e não viera a fazer o que fez. A mulher como se vio só, se veio das montanhas onde estava, a meter com um christão corso, que havia muitos annos, que vivia em um jardim de seu patrão, em o qual grangeava muito dinheiro para si de cria-

ções, e de vinho que fazia, e tinha fama de rico, e podendo-se vir, para terra de christãos, e deixava de fazer, por estar afeiçoado, ou á terra, ou á mulher; mas o certo era, que alli havia de morrer, porque uma manhã vindo o seu patrão ao jardim, achou no meio da casa a seu escravo degolado, e a mulher da mesma maneira, junto a elle, e uma sofra, ou meza posta com pão, vinho, e peixe frito uns diziam, que um christão seu competidor com ciumes da christã, se reconciliou com o morto, e ceando aquella noite juntos com capa de amisade, fizera aquella boa obra outros diziam, que mouros, que o quizeram roubar, mas nunca a certeza se pode averiguar, nem pela morte de um christão se fazem muitas diligencias.

O Malhorqui autor da fugida, que estava ainda com cadeas e sem orelhas preso no banho, quando soube da morte da sua amiga, como homem desesperado se foi a seu patrão, e lhe disse, que elle se queria fazer turco, e juntamente lhe queria descobrir um segredo, para que o tivesse ainda em conta de melhor renegado, e que de coração tomava aquella lei, o qual era, que todos os christãos, que tinha no banho, que seriam oitenta lhe queriam fugir aquella noite, para o que tinham minada uma parede, que cahia sobre o mar, e tomando armas irem á marinha e com força de braço, tomarem as barcas que lhe fossem necessarias para irem para terra de christãos: tudo isto era verdade, porque elle ajudára a fazer a mina. O capitão Ali Mami quando soube do negocio mandou ver o banho, e achou a mina feita, e se não o descobrira este traidor aquelle dia, ao outro não ficava christão no banho, porque tudo já estava preparado. O capitão que soube a verdade, fez deligencia por saber quem foram os autores, e achou que um capitão catalão e um soldado espanhol, os quaes mandou diante de si botar no

chão e lhe mandou dar tantas pancadas, que deitando os bofes pela boca um delles morreo logo, e o outro dahi a dous dias gritando sempre, e confessando o nome de Jesus, e de sua Sacratissima Mãe. Ao renegado fez logo guardião Baxi, que é guardião maior do banho, para que tivesse a seu cargo os christãos. Neste lugar o deixei sem fé e sem orelhas, queira nosso Senhor reduzi-lo, pois foi causa da morte destes dous christãos, e de não se livrarem oitenta, do peor cativeiro, e peor patrão, que ha na Berberia.

CAPITULO V

Das fragatas de Malhorca, e do sucesso que teve o patrão Segui

A melhor, e a mais certa fugida, que os christãos fazem de Argel, é nas fragatas de Malhorca, e de Valença, as quaes costumam a dar algumas vezes assaltos em terra, e outras vezes as mandam buscar algumas pessoas ricas, que estão cativas. São estas fragatas de cuberta, e remam dezaseis remos, e trazem vinte mosqueteiros valerosos, e esforçados, costumados a brigar com mouros, e turcos nas mesmas fragatas, e com ellas lhe tomam muitas prezas, que levam ordinariamente a Malhorca, e a Valença, ainda que esta de que agora tratarei teve bem roim sucesso, que devia de ser por meus peccados, pois eu nella estava para ir, á qual aconteceo o seguinte.

No anno de seis centos e vinte dous, partinda o frota de Sevilha para Indias, uma nao de mil toneis, que servia de almiranta, de que era capitão um

fulano Salmiram, ficou no porto acabando de carregar umas pipas de vinho, e não partio aquella tarde em companhia da frota: mas ao outro dia ao amanhecer deu á vela em seu seguimento em hora que deu logo com quatro navios de turcos de Argel, os quaes como conheceram que era nao de mercancia facilmente a renderam, e levaram a Argel com muita gente cativa: entre a qual haveria vinte pessoas de muito porte, como era um comendador do habito de Calatrava, D. Francisco Çapata, D. Pedro de Torres, filho do secretario do conselho de guerra e outros: e sendo os mais delles descubertos, e malsinados, foram comprados por muito dinheiro, e de patrões ricos, e cobiçosos, com os quaes se não podia tratar de resgate tão depressa, nem sahir de suas mãos sem muita copia de dinheiro, de maneira que, vendo estas pessoas a deficuldade, que havia para poderem ter liberdade tão depressa, como elles queriam, lhe pareceo cousa acertada, mandarem a Malhorca buscar uma fragata, e fugirem todos nella, pagando o que lhe coubesse á sua parte: e assim o puzeram logo por obra, para o que elegeram entre si, que viesse Diogo Lopes de Ogitan, que hoje serve nesta cidade de contador, e veedor general da armada do Duque de Maqueda, para que viesse a Sevilha, e dalli levasse creditos ao vizo rei de Malhorca de mais de dous mil escudos, e cartas de favor mui recomendadas, para que logo mandasse aprestar uma fragata, e manda-la a Argel, para ver se podiam sair por este caminho, e com este intento cortaram a Diogo Lopes, e ficando todos por fiadores de seu resgate o mandaram a Hespanha, dizendo, que por elle mandavam vir seus resgates mais depressa: tanto que Diogo Lopes chegou a Malhorca, fez o para que vinha com muito cuidado, e querendo partir a fragata, deu ordem ao patrão Se-

gui, que o era da fragata, que saltando em terra buscasse a D. Francisco Çapata, e que elle o encaminharia; partio a fragata, que era a melhor que havia no porto, com a gente de mais experiencia, que havia na costa de Berberia, e com muito regallo para os que haviam de vir nella, e deu vista de Argel aos tres dias, e desarvorando, e pondo-se ao largo obra de quatro legoas: porque não pudesse ser visto da terra, tanto que foi noite se chegou para ella, e botou na ponta do peixe, ao patrão Segui, que o era da mesma fragata, homem muito pratico na terra: porque havia sido escravo alguns annos do capitão Ali Mami, e lhe tinha fugido, e levado vinte christãos, deixando dito a seus companheiros, que se fizessem logo ao mar, e a noite seguinte o fossem buscar á mesma parte onde o tinham lançado: porque ou havia de morrer, ou trazer todos os christãos, que hia a buscar: e elle foi caminhando para a cidade, vestido em habito de escravo, e tanto, que se abrio a porta se foi direito ao banho del-Rei, e se meteo em uma camarada donde avisou a D. Francisco Çapata, e lhe deu umas cartas, que trazia. D. Francisco com grande segredo foi passando palavra a seus companheiros, para que se ajuntassemn o jardim de Caramamet seu patrão, para sahirem todos juntos, tanto que fosse noite. Eu que nesta envolta me achei, fui a caso aquella manhã ao banho del-Rei, e falando com um amigo me disse, como um homem que estava mettido na sua camarada por ordem de D. Francisco, e que era visitado de todos os Gusmanes daquella quadrilha, e que não alcançava o que podia ser, eu que neste particular não fui lerdo, lhe pedi que mo mostrasse, e tanto que o vi no modo conheci, que era Malhorqui, e suspeitei o que era, e tanto que tive certesa do negocio, e do logar onde se haviam de ajuntar, fui buscar um negro meu que na

India me tinha servido fielmente, e fui com elle ao jardim onde estavam todos juntos, e todos se espantaram de me ver lá, pois eu não fôra avisado, e elles o tinham em grande segredo: mas como me conheciam, festejaram o acharme com elles, e gabaram o lanço de levar o meu negro commigo:

Trato de mim nesta historia, porque como testemunha de vista, a contarei mais ao certo, e mais particularmente: metidos pois, os vinte e tres christãos no jardim, juntamente com a espia, em que entravam tres sacerdotes, se puzeram todos de joelhos a rezar as ladainhas, e prometer romarias aos santos, para que nosso Senhor os livrasse aquella noite, de topar no caminho quem lhe impedisse a liberdade; nisto se fechou a noite, e juntamente as portas da Cidade, com que todos se deram por livres, a espia que sabia muito bem o caminho, por amor da escuridade da noite, vestio um albornoz branco, para que o seguissem, e o não perdessem de vista, os christãos do jardim carregáram ás costas toda a roupa, que tinha seu amo na casa, e os mais tomáram espetos, paos, enxadas com determinação, que se algum mouro se topasse no caminho o matassem, para que não fosse dar aviso a outros; com esta ordem foram caminhando, não parecendo menos a espia, que hia diante vestida de branco, que a estrela, que guiava os Reis Magos. Chegamos com assaz de trabalho á ponta do peixe, que é mais de cinco milhas do lugar donde sahimos, onde havia a fragata de estar aguardando: mas como não vissemos nada, a espia nos meteo em uma lapa junto do mar, e elle se chegou á borda da agoa, e tirou um fusil, e uma pederneira, e com as costas na terra começou a fuzilar, que era o sinal, que tinha dado aos companheiros, e gastando-se nisto parte da noite, vinha uma barca costeando a terra, a espia tanto que a vio, en-

tendeo que era a sua fragata, e nos veio dar recado á lapa onde estavamos: o gosto, alvoroço, e alegria, que cada um teve, só o póde julgar, quem em semelhantes trabalhos se vio, de maneira, que sahindo todos da lapa aonde estavam para se embarcarem, os da barca, que eram uns pescadores mouros, sentiram o rumor, e se desviaram para o mar, e entenderam que eram christãos, que queriam fugir, e passando adiante amarraram a barca, e sahindo em terra com suas armas, se botaram no caminho a espiar-nos, nós que conhecemos, que não era a fragata, e que se vinha chegando a manhã, e não havia que esperar, ficou cada um como Deos sabe, sentindo mais a desgraça do patrão Segui, que nossa má sorte, porque todos com palos, e com cadeas passariam, mas elle não tinha remedio, mais que ao dia seguinte esfolarem-no vivo, e encherem-lhe a pele de palha, e porem lhe na porta da cidade, que é o castigo que se dá aos que fazem semelhantes entradas: mas elle com o maior valor do mundo, e com o mais determinado animo, que já mais se vio, disse estas palavras: senhores meus, vossas mercês se não agastem, pois com quatro paos, e uma cadea passarão das mãos de seus patrões: mas eu ámanhã a estas horas estarei esfolado, e assim encommendem-me a Deos, e cada um siga sua ventura, pois a não tivemos; e eu sigo a minha, porque a fragata, que não póde chegar, foi que teria o ponente rijo, e lhe devia de acontecer alguma cousa, e com isto se apartou da companhia, e se meteo só por dentro dos jardins: nós começámos todos juntos a caminhar outra vez para a cidade, descuidados dos pescadores, que nos estavam esperando, os quaes deram de supito, sobre nós, e amarraram seis christãos, os mais cada um fugiu para sua parte: aquella noite se tinha sentido na cidade a falta dos cativos, e

sendo os mais, pessoas de resgate, tanto que as portas foram abertas, sahiram infinitos mouros a busca-los pelos jardins, donde trouxeram todos amarrados a seus amos, pagando cada um pelo corpo a má fortuna que tiveram em não ter effeito esta fogida, que devia de ser, não ter ainda nenhum cumprido os annos do cativeiro, que Deos lhe tinha dado, para castigo de suas culpas.

A espia, ou o patrão Segui se foi metendo por entre umas vinhas, e topou com um turco, que devia de ser bom homem, e ter boa natureza, e tanto que o vio desencaminhado lhe disse: oh Christiano por onde andas, não vez que anda o Issal, (que é um mouro, que prende os christãos) com seus companheiros, amarrando quantos acha. O patrão Segui lhe respondeu: Fendi, eu é verdade, que tambem sou dos que queriam fogir porque o desejo da liberdade, e o cativeiro de meu patrão, é muito roim, por onde vossa senhoria não me ponha culpa; o turco lhe disse: non pora filholo quem está patrão de ti: o Segui lhe respondeo, que o capitão Ali Mami como na verdade o fora, antes que fugisse, o turco lhe disse, que fosse com elle ao seu jardim, e que a noite de volta para a terra falaria com elle, e lhe pediria que não lhe desse: o patrão Segui, que não tinha outro remedio, consentio, e esperou pelo turco, o qual como foi noite se veio para a cidade, e o trouxe a seu patrão, pedindo-lhe, não lhe desse, pois se valera delle: o patrão, que o conheceo, e sabia que era dos melhores vogavantes, que tinha na sua galé, agradeceo ao turco o trazer-lho, e depois de hido, disse ao christão, que não bastava haver-lhe fogido, e levar-lhe comsigo vinte cativos, senão que ainda lhe vinha a buscar outros tantos, e com isto o mandou para o banho, onde lhe lançaram uma cadea, e mandou avisar a todos que nenhum

descobrisse que Segui alli estava, com pena de duzentos palos: e assim escapou daquella primeira furia, não tendo a Aduana noticia delle: mas dahi a vinte dias estando já tudo quieto: e que não se falava no caso: mandou dar o capitão trezentos palos no patrão Segui, e cortar-lhe as orelhas mui cerceas, e mete-lo em umas travessas, com que não se podia bolir: mas elle com uma determinação já mais vista, nem ouvida, determinou de fogir donde estava, e vingar-se do patrão em lhe levar todos os cativos, que o quizessem acompanhar, para o que disse a um seu camarada, que dormia fóra do banho, que fizesse uma chave para a porta delle, para que de noite a abrisse pela parte de fóra, e fallou com um moço portuguez, que era cativo de um arraes vesinho, que tivesse aparelhadas as armas de seu amo, e dos mais soldados, seus camaradas, para que a noite, que lhe apontasse, as tirasse fóra, e com ellas esperavam em Deos terem todos liberdade: o moço o fez assim, e chegada a hora, em que haviam de ir o patrão Segui tirou as travessas dos pés, que já tinha limadas, e abrindo-lhe a porta, sahio fóra com vinte e cinco christãos, e chamando o moço, que já andava avisado trouxe as armas de todos os turcos que havia na casa, que estavam dormindo, sendo isto pela meia noite; e os mais do banho, ou temeram, ou não quizeram sahir, por onde elle tornou outra vez a fechar a porta, e botando uma corda pelo muro, que cahe para a parte do mar, junto ao mesmo banho, se lançou com seus companheiros por elle abaixo, e saltando na marinha aonde estão os barcos varados, brigou valerosamente com as guardas, matando um, ferindo dous, tomou a chalupa que melhor lhe pareceo, e a botou ao mar, fugindo todos nella: foi tão valente este homem em todos os feitos, e cousas que commetteo, que não vi, nem ouvi

que em nossos tempos houvesse outro semelhante.

A barca poz oito dias no caminho por falta de tempo, e arribando a Berberia, chegaram todos a comer ervas pelo campo, atravessou a Secilia, e só elle com tres, ou quatro mais, não quizeram nunca sahir da barca, e alguns dos que se sahiram, tornaram outra vez a ser cativos, antes de chegar a suas casas, passando em um navio, que ia de Secilia para Barcelona : e elle na mesma barca passou a Malhorca, e armou sobre ella uma fragata, em que hoje anda a coço, fazendo muitas prezas e vingando-se das orelhas que lhe cortaram em Argel : sua Magestade lhe fez mercê de certa contia de dinheiro, e lhe deu uma praça muito boa em Malhorca, que hoje tem.

E' o patrão Segui de idade de trinta e cinco annos muito pequeno de corpo, o rosto curto, e moreno : A fragata depois se veio a saber, como se perdera em sete cabos na costa de Berberia, não escapando pessoa nenhuma della.

CAPITULO VI

De um francez, que renegou

No anno de seis centos e vinte quatro, em vinte e tantos de Maio, chegou a Argel um navio de Liorne, que trazia por mestre, e capitão, o patrão Pieres francez, de nação Provençal, e despejando este navio a carga que trazia, e tomando outra para partir outra vez para Liorne, lhe meteram dentro uns mercadores corços, de quem era o navio, uns fardos de canella : sucedeo que o contra-mestre teve ten-

ção de furtar uma pouca, e não tendo em que a tomar, pedio um lenço emprestado ao patrão Pieres, o qual lho deu, sem saber para o que era, e enchendo o contra-mestre o lenço de canella, o escondeo no navio para o levar quando sahisse em terra. Neste tempo se sahio o patrão do navio, e entraram os mercadores, e foram ver como o navio estava arrumado, e deram com o lenço de canella, que estava escondido, e chamando pelo contra mestre, lhe perguntaram de quem era aquelle lenço, elle respondeu, que do patrão Pieres, sem dizer mais nada, estando o outro innocente, e elle culpado: os mercadores se foram para casa, e chamando o patrão lhe perguntaram quanto lhe deviam, e logo lhe pagaram, e lhe disseram que não entrasse mais no seu navio. O patrão, que vio uma novidade tão repentina, sem saber a causa lhe disse, que não se havia de ir se não lhe contassem, e lhe dissessem, porque o despediam, os mercadores lhe disseram, que viram o seu lenço cheio de canella, e que quem fazia aquillo no porto, que não podia dar boa conta do que lhe entregassem: elle se desculpou, e disse a verdade, e o que passara: mas nada bastou para os mercadores ficarem satisfeitos: porque elle não negava, que o lenço era seu, e vendo, que o não queriam admitir, e que ficava desacreditado, e desacomodado, se encheo de paixão, e foi de proposito buscar o contra mestre, o qual topou em uma rua, e sem lhe dizer palavra, arremeteo com elle, e lhe deu tres punhaladas, que o deixou por morto: e como em terra de turcos é lei expressa, que o que mata, sendo livre, com razão, ou sem ella morra, o que se não entende no escravo, porque o matador fica por escravo do patrão do morto, e se quizer ter liberdade pagará o que matou, e se resgatará a si ao primeiro patrão que teve, de maneira,

que o patrão Pieres, vendo que o outro estava á morte, e elle como livre não podia escapar de o queimarem, determinou de renegar, e fazer-se janizaro; porque se o outro morresse que ficava livre, pois pela morte de um christão, não podem condenar a um soldado de paga.

De maneira, que elle foi pela cidade a cavalo com sua frecha na mão, com muitas trombetas, e com todas as mais solemnidades, que vão os que livres, e de sua propria vontade renegam : passados poucos dias como elle era homem do mar, e patrão de navios, lhe sahiram muitos casamentos, entre os quaes aceitou um de uma turca muito fermosa, que tinha tres irmãos homens, e um delles cabo de esquadra, ou Odebasi, e todos tres se ajuntáram, e mercáram uma setia, e lhe deram em dote a metade della, e a outra metade havia de ficar para elles todos tres, com tal condição, que elle iria por arraes della ao mar, e o que roubasse parteria pelo meio, ametade para elle, e a outra para seus cunhados. Feito este concerto e a setia aviada, e posta a vela, os irmãos, ou cunhados, todos tres se embarcaram com elle, e elle levou comsigo outros renegados francezes seus amigos, dos quaes tinha alcançado terem pouca vontade de serem turcos. E partindo de Argel se fizeram na volta de Valença, e como se o patrão Pieres, ou Mostafá, e seus companheiros se não partiram de Argel para outra cousa, mais que para levarem a vender os turcos, que traziam na setia, a Hespanha, assim os meteram em terra, alevantando se com a setia uma tarde : de modo, que Mostafá Pieres lançou mão de seus cunhados, e os tomou á sua parte, e por lhe pagar o parentesco, e fazenda que lhe gastou, os vendeo muito bem vendidos, e por mais que se choravam, e lhe diziam que já que lhe entregáram sua irmã, e o me-

teram em sua casa, e elles foram instrumento de elle vir a sua terra, os não vendesse, ou pelo menos deixasse ir livre o mais pequeno, para consolação de sua mãe, mas o francez lhe respondia, como elles nos respondem a nós, que aquillo era usança, e que non pilhassem fantesia, que estava escrito na testa, elles de serem escravos, e elle de receber o dinheiro, que dessem por todos tres; e assim sem ter compaixão alguma de seus cunhados, os converteo em moeda, com que se vestio, e tornou de Mostafá a ser o patrão Pieres. Com este animo se fazem alguns renegados: mas se o não põem por obra nos primeiros dias, como este fez, e se vão engolfando no vicio da terra, raramente se vem para terra de christãos.

CAPITULO VII

De um renegado portuguez

NESTE mesmo anno de seis centos e vinte quatro, sucedeo que cativaram um mancebo nobre, que por ser pessoa mui conhecida, nem a elle, nem a sua terra quero nomear, casado com uma moça mui fermosa, das mais principaes, que havia nella, e por ser conhecido, o mercou um mourisco, chamado Carlos de Murta, o qual trata em Ceuta, e Tanger, e o entregou a uma sobrinha sua casada, para que a servisse, emquanto tardava seu resgate, e em quanto não vinha seu marido, que era ido com mercancia a Tituão, o christão a foi servindo, e ella se lhe foi afeiçoando, e como na casa não houvesse mais, que uma velha, mãe do mesmo Carlos de Murta, e esta ordinariamente andava por fóra, tinham

tempo de tratar seus amores largamente, de maneira que mais parecia o cativo senhor da casa que escravo della: porque alem de lhe dar todo o dinheiro que podia haver ás mãos, lhe estava ordinariamente cosinhando iguarias para elle convidar a seus amigos: neste tempo veio picando a peste mui rijamente, e morriam a seis centas, e a setecentas pessoas cada dia, e elle andava como pasmado, conhecendo o máo estado em que estava, e chegando a um seu amigo, lhe perguntou se sabía algum remedio contra a peste, o amigo lhe respondeo que sim, sabia, e muito bom, o qual era confessar, e commungar a meudo, e andar aparelhado para morrer, porque se a peste dava nas pessoas de coração fraco, e sugeitas a melancolia, o que andava aparelhado para a morte, menos a temia, e o que andava em bem estado mais alegre, e com menos cuidado andava, e assim que elle, não sentia outro melhor remedio; elle disse que lhe parecia muito bem, e que quando havia elle de ir confessar, e commungar; o amigo lhe disse que ao outro dia, ficou de acordo de ir com elle, e assim o fez, e tanto que amanheceo, se foram ao banho del Rei, e commungáram ambos em uma mesa, e sahindo para fóra, cada um se foi para sua casa: mas não se passariam duas horas, quando este mancebo que digo, se foi a Aduana, e lançando o chapeo no chão diante de todos, levantando o dedo para cima, disse as palavras que dizem, os que se fazem mouros, e disse que elle renegava; e queria ser turco, de todo o coração.

A Aduana o mandou para casa, e sabendo, que seu patrão era mourisco, lhe mandáram que logo o retalhasse; cousa que o o patrão sentio muito, assim porque esperava seu resgate, como por se fazer turco sem sua licença, e por lhe dizerem, que na Aduana largára palavras contra elle, dizendo, que tinha rapa-

zes cativos, e os mandava para terra de christãos escondidos, e não queria que fossem turcos, e se o dito não fora de escravo, sem duvida queimavam logo o amo, o qual como homem desatinado, veio ter com o amigo de seu renegado, que se chamava João, e lhe fez queixume, e contou o que passava: João ficou ainda mais assombrado que o amo, pois aquelle dia se tinha confessado com elle, e sem lhe responder nada o foi buscar, e topando-o na sua nao lhe disse estas palavras: não vos venho ver para ser vosso amigo, senão para que saibais, que o não sou, e juntamente me traz aqui o desejo de saber, qual foi a razão que vos obrigou a ser tão mao homem, e tão perverso, e tão traidor, que o dia que commungastes vos fostes fazer turco parecendo-vos nisto com Judas, que se poz á mesa com Christo nosso Senhor, e logo o foi vender: sendo assim, que para ser turco não era necessario confessar, nem commungar, nem cometer semelhante culpa, pois sem o fazer o podieis ser: e de todos os que atégora renegáram não houve nenhum que fizesse tal, por diabolico, que fosse.

Elle mui carrancudo respondeo, parece-vos a vós, que se tal intenção tivera, que me houvera de confessar: mas depois, que vim para casa, houve occasião com que o fiz. João lhe respondeo (que parece que foi professia, ou algum anjo lho disse) pois vós vos desenganai, que muito cedo haveis de morrer a mais desaventurada morte que já mais morreo homem, que assim como fostes um só na traição, que cometestes, assim haveis de ser um só na miseria, e no castigo, com que haveis de pagar.

E com isto se despedio delle; sendo eu testemunha de vista, espantado de ver a liberdade, com que falára a um homem, que estava já feito turco. Seu patrão Carlos de Murta o tirou logo de casa da sobri-

nha donde sendo christão estava mui regalado, a qual não vio mais, e o meteo em casa de Curto arrais, escravo, que foi do Duque de Caminha, para que o tivesse em seu poder até o vender para Constantinopla, mas não se passáram vinte dias, que não fosse ferido de peste, com a qual teve os maiores fernesis, e a mais diabolica enfermidade, que jámais teve homem em Argel: mordendo-se todo e despedaçando-se, e pegando na gente, e arranhando pelas paredes, dizendo que os diabos o levavam, pois se fizera mouro, e deixára a verdadeira lei de Christo: outras vezes virava, e dizia o contrario, de maneira, que o turco como não era seu escravo, o botou pela porta fóra, no meio da rua, como um perro aos rapazes, e uma vez dizia, que era mouro, e outra christão, e assim, nem os mouros o recolhiam, nem os christãos, até que seo amo bem contra sua vontade á noite o veio buscar, e o meteo em casa de umas suas parentas Tagarinas, as quaes o puzeram em um pateo, sem esteira, nem cama, e ellas se fecháram em uma casa, sem o quererem ver pelas cousas que fazia, e dizia, porque continuamente estava blasphemando, e dando-se ao diabo, até que deu fim á miseravel vida,

Depois se soube a causa porque se fizera turco, e foi que indo para casa, achára a sua namorada chorando, porque a velha mãe de seu patrão pelejara com ella, a seu respeito, e entrando pela porta, lhe disse a moça, que se fizesse turco, e que a tirasse de casa, e que lhe daria dinheiro para se livrar, e se casaria com elle, e logo lhe deu trinta cruzados, com que o vestio de turco, e taes palavras lhe disse, induzida do diabo, junto com a afeição que lhe tinha, que bastáram a fazer o que fez, e a dar com a maldita alma no inferno, e foi tão mofino este renegado, que tres dias depois de o ser, chegou o seu resgate

com cartas da mulher, em que dentro lhe mandava uns cabelos como ouro, de um menino que lhe nascera, de que a deixára prenhe quando o cativaram, e assim ficou perdendo a mulher, o filho, e a liberdade por justo castigo do ceo, e sobre tudo a alma.

CAPITULO VIII

Do sucesso que teve um moço francez chamado Estien

No anno de seis centos e vinte cinco, vindo uma nao marselhesa de Escandria, para Marselha, vinha nella por soldado um moço de idade de vinte annos, natural da mesma cidade, chamado Estien, o qual de sua natureza era inquieto, voluntario, e jugador, e usando de sua condição veio a ter historias com o capitão da nao, o qual não as podendo soffrer determinou de lhe fazer um jogo, e foi que ficando um dia a nao em calmaria, junto de uma ilha deserta, que está entre Calabria, e o golfo de Venesa, mandou deitar a barca fóra, e deu recado a uns seus amigos, e de sua parcealidade, que sahissem nella a matar algumas cabras, e fizessem com que fosse tambem o moço Estien, o qual tanto que vio, que iam a terra a caçar não foi necessario dizerem-lhe nada, porque foi dos primeiros, que nella saltaram.

O capitão que o acolheu em terra se deteve, até que veio picando o vento, e dando recado aos de sua feição, se embarcaram todos deixando Estien na ilha, e por mais, que gritou o não quizeram tomar, e vindo-se para a nao, deram á vela, e foram seguindo seu caminho. Os mais soldados parecendo-lhe mal o feito se foram ter com o capitão, e lhe disseram que era t

rannia o que fizera, e que já que o não queria levar comsigo, que o não deixasse em uma ilha deserta, em parte onde desesperado morresse, havendo terra firme onde o podia deixar, e insistiram nisto de maneira, que obrigaram ao capitão arribar com a nao, e torna-lo a tomar, com condição de o deitar na primeira terra povoada, que lhe parecesse: Não se passaram muitos dias, que não tomou porto na Esclavonia, e de noite, para que o moço não gritasse, nem fizesse alguma inquietação lhe ataram as mãos, e lhe puzeram um pano pelos olhos, e desta maneira o levaram, e o meteram pela terra dentro, quasi uma legua, e os que o levaram se vieram para a nao, a qual logo deu á vella, e foi seguindo sua derrota na volta de Marselha.

O moço se ficou no logar onde o deixaram, até que amanhecendo deram com elle dous turcos: porque a Esclavonia é parte da Grecia, e está sugeita ao turco, e nella ha presidios seus, e tomando-o os turcos, e desatando-lhe as mãos, e desligando-lhe os olhos, o levaram para o seu castello, que estava no meio de uma cidade de gregos, os quaes como souberam do sucesso do francez, e do modo como o acharam acodio muita gente a ve-lo, e Estien lhe contava seu sucesso do melhor modo que podia, e chegando-se uns gregos principaes a elle, dos quaes entendeo, que lhe seriam bons a seu intento, lhes disse taes cousas, e lhe metteo em cabeça tantas patranhas affirmando lhe que se o livrassem das mãos daquelles turcos, e o mandassem a Marselha lhe importaria muita copia de dinheiro, que levava dentro na nao, dizendo-lhe tambem, que se não fosse depressa tudo lhe comsumiriam, e para este pagamento ter effeito, lhe faria largas escripturas de maneira, que com sua vivesa persuadio aos gregos ao livrarem, contentando os turcos com

certa contia de dinheiro, e a Estien proveram do necessario, até que passando uma setia para Tolon o meteram nella fiando-se dos papeis que ficavam em seu poder, pelos quaes nunca cobrariam real, porque o moço o não tinha.

Sucedeo pois que fazendo sua viagem, e estando já á vista de Tolon, deu com a setia um navio de turcos, e a tomou, e assim a Estien como aos mais, leváram cativos a Argel, e como o moço andasse já de mal em pior, o mercou um mourisco muito roim patrão, e muito mau homem, com o qual não se sabia dar a conselho, porque o matava com trabalho, mas valendo-se de sua industria, que tinha muita, e era endiabrado, se foi ter com um christão chamado mestre Jacome, que é um veneseano mestre de fazer galés, escravo de Arapachim, o qual homem é muito rico, e tem feito muitas diligencias, por ter liberdade, assim por fugidas, como por dinheiro, mas não é possivel darem-lha, nem seu patrão, nem Aduana por ser grande official de fazer galés, e bargantins, e travando amisade com elle, lhe disse, que se queria ir para terra de christãos, que èlle o poria lá com muita facilidade.

O mestre Jacome, que não desejava outra cousa, lhe fez muitas caricias, e lhe preguntou o modo, que havia de ter em o levar lá, e tirar de Argel; Estien lhe disse, que tinha um livro de Artemagica, e que por virtude do livro, em uma noite o poria em Veneza, são e salvo, e a seus amigos, e elle em companhia de todos. Mestre Jacome zombou tendo por historia o que ouvia: mas o francez agastado, e metido em colera, lhe disse que sahisse fóra aquella noite, elle, e algumas pessoas das que haviam de ir, e que faria experiencia do livro, e que se não sucedesse como dizia, lhe não dessem credito.

Mestre Jacome, que nisto não perdia nada, ficou fóra aquelle dia, em um jardim com elle e com sete, ou oito christãos dos que haviam de ir, e sendo meía noite se foram todos com Estien á praia de Babazon, o qual começou na area a fazer uns circulos, e uns caracteres, e no meio meteo um cão que levava comsigo, e lendo pelo livro fazia muitos géstos, e muitos momos, de modo, que o cão desapareceo diante de todos sem nenhum o ver, nem saber por onde fora, averiguando Estien que em poucas horas estaria em Valença, para onde o mandára.

E quanto a mim, como era de noite, e os christãos estavam cançados e sonolentos, o cão devia de fugir e nenhum deu fé delle, e Estien ficou fazendo seu negocio mui honradamente. Mestre Jacome, e os mais se persuadiram, que aquillo era assim pois o viam, e como o desejo da liberdade é grande, não dá lugar a se verem difficuldades, e se deu logo por livre, e fez grandes caricias a Estien, dizendo-lhe, que elle, e vinte companheiros seus, se queriam aventurar, que visse quando queriam que partissem.

Estien lhe disse, que havia de fazer uma barca na area, e que todos quantos fossem havia de meter nella, e dar com todos uma noite em Veneza: mas que para o poder fazer era necessario ajuntar algumas cousas, e que em casa de seu patrão não tinha tempo, porque não lho dava: mas antes o queria meter em cadea o dia seguinte donde não poderia sahir fóra, nem fazer nada, mas que o tirasse elle da mão de seu patrão, que o dava por trezentas patacas, e o metesse em sua casa, e que quando elle quizesse o faria, e juntamente lhe pagaria o seu dinheiro em terra de christãos.

Mestre Jacome falou com os companheiros que havia de levar, e todos lhe aconselharam, que o fizesse,

e que elles ajudariam tambem com sua parte, de modo, que ao outro dia esteve Estien livre das mãos do mourisco, que tão mal o tratava, e mestre Jacome o meteo em uma taverna sua, e o vestio, e lhe dava tudo em grande abundancia, elle que não queria mais, que passar a vida alegremente, como dizem aos que não trabalham, jugando, e fazendo mil embustes, se descuidava da arte magica, e da barca de modo que eram passados seis mezes, e elle não lhe passava tal por pensamento, nem mestre Jacome o apertava muito: mas entrando a primavera começou a haver peste na terra, que foi esporas que puzeram ao mestre Jacome para querer fugir, e apertava demasiadamente com Estien, que puzesse por obra o que tinha prometido, que era já tempo, o qual por mais que se remanchava se não poude escusar, e assim assinalando o dia, e dando recado aos que haviam de ir, se sahiram da cidade, e foram á mesma paragem donde os puzera (quando foi do cão) fazendo nesta fugida differença: porque a queria fazer de dia, e assim poz a todos os que haviam de ir, que eram vinte e dous, logo pela manhã em parte occulta, e não mui longe do mar, uns muito chegados aos outros por sua ordem como se foram em algum barco, e elle tomou o lugar do leme, e ao redor delles pintou na arêa um barco, e fez muitos circulos, e caracteres, como tinha feito quando foi do cão, e assim os teve em pé na area e em jejum ao sol o dia todo, sem os pobres ousarem de se menear, parecendo que se o faziam já ficavam fóra do barco, ou cahiriam no mar, ou os diabos os levariam: de maneira, que sendo passado muita parte do dia, e elles não podendo sofrer o trabalho de estarem em pé, e se ficassem fóra de casa corriam perigo, se sahiram todos fóra dos circulos, e da barca, dando ao diabo Estien, e o seu livro, pois os tinha

mortos de fome, e de trabalho, e postos na praia de Argel, tendo para si que aquellas horas andariam já passeando em Veneza.

Estien que não queria mais começou a gritar, dizendo que aquella mesma hora que elles sahiam, nessa mesma havia de arrancar a barca, pondo culpa á sua pouca paciencia, mas como todos estavam já enfadados não aceitaram, suas disculpas, e se vieram para a cidade, fazendo zombaria, e graça do que lhe tinha acontecido, e de como o francez tinha enganado a mestre Jacome, e não foi isto tanto em segredo que não viesse a ter noticia de caso Arapachim patrão de mestre Jacome, e arraes de uma galé o mais maldito traidor, que tem Argel, e mandou logo chamar o francez, e o meteo em uma cadea, e lhe deu muito açoute, como escravo que era seu, pois o era de seu cativo, e quando lhe dava lhe dizia: cani francez trillenho ti querer levar christiano de mim para terra de Hespanha,per arte de diabo non pora cani, sin sefe agora pagar: e matava o pobre Estien com açoutes, o qual vendo-se tão mal tratado, e que o livro não tinha força para o livrar daquelle perigo: buscou meio com que mandou fallar a um francez renegado, para que lhe desse uma palavra na prisão onde estava: e vindo o renegado, lhe disse tantas cousas, e o moveo de tal maneira, que logo foi ter com mestre Jacome, e lhe deu cento e cincoenta patacas. e as outras cento e cincoenta, ficou de lhe dar dentro em seis mezes, no qual tempo se cortou Estien com o renegado para lhe dar mil: sendo assim que não podia dar uma só.

Mestre Jacome que tinha o dinheiro por perdido folgou muito, e fez com seu patrão com que o soltasse, ficando escravo do francez renegado, e tendo seis mezes de prazo, para poder passar a vida, que acaba-

dos, elle teria outros trabalhos de novo, e maiores que os passados: pois sendo já passado mais de meio tempo foi tão venturoso, que em Marcelha prenderam o capitão da nao que o deixou em Grecia, e o obrigáram a que desse conta delle, o capitão era mercador, muito rico, como se vio preso, e apertado, mandou fazer diligencia onde o deixára: e foi avisado como já havia muitos dias que tinha partido para Tolon, em uma setia, e como em tanto tempo não tinha chegado, entendeo que devia de estar cativo, e assim mandou passar creditos abertos para todos os logares de Berberia onde fosse achado o resgatarem á custa do mesmo capitão, e dando com elle uns mercadores francezes, em Argel, foi mais festejado que se fora pessoa de muita importancia, e logo o tiraram das mãos de seu patrão pelas mil patacas em que se tinha cortado que nisto não foi tão pouco veuturoso o renegado, e o vestiram, e o mandáram na primeira embarcação, que foi para Marcelha, onde hoje estará. Eu o conheci, era moço sem barba, gentil homem, espigado, mui vivo, de idade de vinte annos: Contei este sucesso, dos quaes entre cativos acontessem muitos para mostrar como por industria se livram os homens muitas vezes de grandes trabalhos.

CAPITULO IX

Da viagem que fizeram as galés de Bizerta, e de Argel, no anno de 624

No anno de 620 andando Soliman arraes morador, casado, e rico em Bizerta, a corço em um bargantim seu, de vinte bancos, com uma borrasca que lhe deu, foi dar atravez em Sardenha,

junto a Calhere: perdeo se o bargantim, afogaram-se muitos turcos, e os que ficaram cativos dos Sardos, entre os quaes ficou captivo Soliman arraes, o qual coube á parte de um Sardo poderoso, que não devia de ser muito afeiçoado aos turcos, e queria que pagasse este os danos que fazem os da sua nação continuamente naquella ilha vendo-se o turco tão trabalhado como era arraes, e afazendado entendeo, que seu amo lhe dava aquelle trabalho para se cortar, e tratar de seu resgate, e assim commetteo muitas vezes com dinheiro, sem o amo lhe deferir a proposito, e outras vezes lhe dizia, que lhe daria em troco de sua pessoa tres, ou quatro christãos quaes elle apontasse, que estivessem cativos em Tunes, ou em Bizerta: mas cada dia negociava menos: antes adquiria mais trabalho, porque o amo como não tinha necessidade senão de se revingar, e de lhe dar a entender o odio que tinha aos turcos, e neste como pessoa grave, e arraes, executava nelle o que não podia fazer em todos.

Vendo-se o turco atalhado, e tendo já passado tres annos de roim cativeiro, e sendo já mais pratico na terra ajuntou dinheiro, e falou com tres sardos pescadores, que o passassem a Bizerta, e que lhe daria o que dava a seu patrão, e logo lhe untou as mãos com o dinheiro que tinha: os sardos levados da cobiça sem fazerem escrupulo, dos grandes males que vieram depois á christandade, causados pela fugida deste turco, o furtaram uma noite a seu amo, e o levaram a Bizerta. Eis que o turco chegou a sua casa livre, mas não do odio, e má vontade, que trazia a seu amo, por lhe não querer nunca abrir caminho para sua liberdade, determinou de se vingar, e para isto mercou outro bargantim de dezoito bancos, e o armou muito bem, e se foi ter com Osta Morato general das galés de Tunes, e Bizerta, e lhe deu conta

de como tinha intento de ir a Sardenha ver se podia cativar seu amo, para se vingar delle, e se elle queria ir com todas as galés de Bizerta, lhe meteria na mão uma das ricas villas de Sardenha, como pratico que era na terra, pois nella havia sido escravo tres annos, e sabia muito bem as entradas, e sahidas.

Osta Morato, que é cossairo velho, e experimentado lhe disse que os sardos era gente belicosa, e que sabiam muito bem defender suas casas, e que o lugar era muito forte, e murado e não tão facil de render como elle lhe parecia, e que cinco galés, e um bargantim era muito pequena esquadra, mas que mandaria recado ao capitão Alli Mami de Argel que viesse com as suas e que todos em companhia fariam mais effeito.

O turco acertou, e lhe pareceo bem a razão de Osta Morato, e entre tanto se mandou recado a Argel, se aprestou Soliman arraes de escadas dobradiças para irem nas galés, e se arrimarem á muralha, e outros petrechos necessarios para o assalto daquelle lugar. Tanto que chegou a nova a Argel o capitão Alli Mami tratou logo de se aviar, e no anno de 624 sahio com tres galés de Argel na volta de Bizerta, e eu por meus peccados metido ao remo na capitanea, para que nisto pudesse tambem ser testemunha de vista, e não ficasse trabalho que este corpo não passasse: e é tão grande o que se passa em uma galé de turcos, que dizem os cativos de Argel, que o que não foi a galé não diga que foi cativo, e assim é: porque além de meterem o triste que lá foi, em uma cadeia muito grande pregada na mesma galé, que se acerta de se trabucar, como cada dia acontece, não ha nenhum, que possa escapar com vida, além disto se alguma hora dormem, são cinco escravos, em quatro palmos de banco todos de ilharga assentados sem se poderem

virar: o comer é dous punhados de biscoito negro cada dia, sem mais outra cousa, o trabalho é infinito, remando nús, da cintura para sima, os açoutes são tantos, e tais que nenhum se dá que não arrebente, e salte logo o sangue fóra: pois o serviço de uma destas galés, não parece que o fazem homens senão espiritos malignos: porque com grandissima ligeireza se dá fundo, se bota escala, se raspa, se amaina, se issa, se vira a vela, se rema, se poem, e tira a tenda, e com muito maior andam elles, dando sempre de palos, nos miseraveis cativos, e por qualquer pequena cousa fazem logo escurribanda, que é botarem a cada um na coxia e darem-lhe dez, ou doze pancadas, com um balso breado nas costas nuas, e desta maneira vão passando a todos, que de duzentos e cincoenta christãos, que vão em uma galé, não fica um só ainda que seja espalder, ou vogavante.

Pois isto não é nada em comparação da grande confusão, e dos muitos açoutes que levam, quando espalmam em terra de christãos: porque em sendo manhã faz descoberta, e remam para o mar a voga arrancada, quatro legoas, e depois que vem que não aparecem galés de christãos, que lhe façam dano se tornam com a mesma velocidade para a terra, e tanto que chegam botam cento e cincoenta soldados, que traz cada galé, seu fato fóra ás costas, e os captivos tiram as velas, remos matalotagem, lastre e o mais que lhe fica dentro, e logo dá pendor, alimpa e dá cebo, e com a mesma ligeireza tornam outra vez a meter tudo dentro, de modo, que em duas horas fica espolmada, rema, e se sahe para o mar, tudo a poder de palcs.

Pois dar caça a uma embarcação, só os diabos do inferno o podem sofrer: porque tanto que se ve inda que seja muito longe, e não se descubra senão da

ponta da pena por força se ha de alcançar, e sobre o fazer, vi uns arrebentar sobre o remo, outros mortos debaixo do açoute, sem haver entre elles algum modo de compaixão, antes cada vez mais crueis, e mais encarniçados, e se acaso lhe dão caça algumas galés de christãos, de que elles fazem pouco caso, salvo as do Grão duque de Florença, que as temem grandemente, ver os mimos, os afagos, que fazem aos cativos, alimpando-lhe o rostro, do suor com seus lenços, para que remem, e os livrem do perigo, e se acaso os tomarem querem ficar bem com os cativos, tudo de puro medo, e logo dizem que façam o que puderem, que se a ventura estiver pelos christãos, que elles tomarão as cadeas de boa vontade, e lhe darão suas escopetas, e assim trocarão as sortes, pois é usança de guerra, e com estas, e outras palavras doces os fazem rebentar, e depois que se veem livres do perigo dão de couçes, e bofetadas aos pobres cativos, e fazem zombaria delles.

F. para prova das muitas pancadas, que levam os escravos; tomou a capitanea sahindo de Argel o col, e botou em terra os comitres com cincoenta christãos, os quaes trouxeram cincoenta feixes de paos grossos, de que se fazem os arcos, e os meteram na galé, e em espaço de quinze dias não houve um só páo, que todos tinham quebrado nas costas dos cativos, e depois lhe davam com um balso breado; pois o perigo da vida alem do que a galé traz comsigo, é tão ordinario, que cada dia ha mortos, e feridos em braços, e pernas de pelouradas, que se dão, assim na tomada de muitos navios, como na entrada de muitos lugares, e fortalezas, e peor é, que morre um homem sem ganhar honra, e por cativar christãos seus amigos, e parentes.

De maneira que as tres galés de Argel foram cor

rendo a costa de Berbéria, estando em Bogia, em Bona, em Tabarca, que é uma ilha de genovezes tributarios ao turco, em que se pesca o coral, e em cada terra destas davam a cada galé dous bois, e lhe faziam salva das fortalezas, disparando os castellos toda artelheria que tinham. Chegaram as galés a Bizerta em oito dias, e dando fundo fóra da fiumara, veio sahindo para fóra Osta Morato general das galés de Tunes, com cinco galés, e um bargantim, todas mui douradas, e bem chusmadas com riquissimos estandartes de seda mui bem lavrados, e com emprezas a seu modo, e dando á vela se foi direito a porto Farim, que está entre Bizerta, e Tunes onde antiguamente foi Carthago, cujas minas estão parecendo, e mostram, que antigamente devia de ser cousa muito grande.

Neste porto, que é bonissimo espalmaram as galés, e daqui atravessaram a Galica, onde acharam uma barca de sardos, que levavam tres turcos furtados, de Sardenha para Berberia, pelo que Osta Morato os deu por livres, mas abrindo os turcos um barril de biscoito que vinha na barca, lhe achâram dentro umas limas surdas, e por esta razão ficaram outra vez os sardos cativos (justo juizo de Deos) porque diziam os turcos, que assim como traziam turcos de Sardenha para Bizerta fugidos, vinham tambem a levar christãos de Bizerta para Sardenha, e por serem traidores a ambas as nações os fizeram escravos, e os meteram logo em cadea, e ao remo.

CAPITULO X

De como tomaram uma torre em Sardenha

Deste lugar atravessaram a Sardenha seguindo a derrota de Soliman arraes, que os levava para tomar seu amo, e como a cidade donde estava, era metida pela terra dentro espaço de meia legoa, e na fralda do mar tinha uma torre, ou atalaya, que servia de avisar a terra, determinaram de tomar primeiro as guardas, para que assim achassem os da cidade desapercebidos, e botando no quarto dalva os corredores, e espias fóra, tres delles deram com uma guarda da torre, que andava passeando junto ao mar com uma espingarda, e com um libreo grande, e querendo pegar nelle, a guarda desparou o arcabuz, e matou um mouro, e o libreo que trazia pegou em outro, e assim teve lugar para carregar a espingarda outra vez, e disparando-a matou outro, e se acolheo á torre por uma escada que lhe lançaram. Os da torre quando sentíram a primeira espingardada, botaram um homem para dar recado á cidade: mas deu com os mouros corredores, e cativaram-no.

Neste tempo fizeram escala as galés, e lançaram fóra mil e cem tiradores turcos, repartidos em nove companhias, porque cada galé se apartava com seu guião, e cercando a torre lhe puzeram escadas: mas os sardos se defenderam valerosamente, e com tres escopetas que tinham mataram quinze turcos, ferindo outros tantos, não sendo elles dentro mais, que quatro homens, e depois de postas as escadas, com pedras de cima não deixavam subir nenhum, gastando-se nisto do quarto dalva até ás onze do dia, sem effeituarem cousa alguma; e vendo as galés o pouco que faziam,

os soldados cuidando que havia muita gente na terra, levaram as escalas, e com os canhões de Coxia começaram a bater a torre até romperem parte della, e subindo á porta lhe pegaram o fogo, e com o grande fumo os homens não podiam pelejar. E na cidade que havia de tomar Soliman arraes, viram que a torre fazia fumo, que é o sinal que se faz de dia, para se saber que andam mouros na costa, de modo que os turcos entráram á torre, e quando acharam quatro homens pobres, e velhos, fizeram grande riso uns para os outros, pois tinham gastado mais em polvora, do que elles valiam, e perdidos quinze turcos, e aos sardos louvavam muito de valentes sem lhe fazerem mal algum.

Os da cidade como pelo fumo souberam, que havia gales, desempararam a terra, e tiráram a fazenda, e tudo o mais que havia nella, e quando os turcos aquella noite a quizeram saquear, e Soliman arraes cuidou, que cativasse seu amo, pondo escadas á muralha entráram dentro, e não achiram cousa alguma mais que um rapaz cego, o qual trazendo-o para as galés os capitães della fizeram grande zombaria do cego, que traziam, e assim o deixaram outra vez na praia, e elles se vieram embarcar sem fazerem cousa alguma, e Soliman arraes não sahio com seu intento como cuidou. Daqui se passaram a Monte Christi, e Pianosa, e outras muitas ilhas, que estão em Levante, e correndo a praia romãna fizeram grande estrago por mar e terra : na entrada do rio Tybre tomáram uma fragata, e o patrão disse, que se lhe dessem liberdade entregaria sua propria terra, que era muito rica, e seguramente a podiam tomar; os turcos lha prometeram, e se quizesse ser turco lhe dariam dous christãos escravos: este traidor os levou a Esperlonga, lugar do Papa, o mais fresco, e lindo, que vi em todo o Levante.

CAPITULO XI

De como as galés tomaram Esperlonga

A ordem que tiveram as galés para a tomarem foi esta: no quarto dalva uma legoa antes de chegar ao porto, botáram os barrias fóra, ou pescadores que levam para remarem nas barquetas das galés, estes chegáram primeiro e vigiáram a terra da maneira que estava, e achando todos dormindo, e descuidados leváram recado ás galés, que estavam esperando ao mar tres milhas: porque as guardas não as descobrissem, e fossem sentidos na costa, e metendo cada christão um pedaço de cortiça na boca, que trazem para este effeito pendurado ao pescoço como nomina, para que não falem, nem façam rumor algum, remando muito de manço chegáram a terra, e botáram fóra de cada galé setenta homens, e dando de supito na cidade, e na gente, que estava nas suas camas dormindo descuidada a cativaram, e saquearam a terra de muita riqueza a seu salvo, sem receberem dano algum, e ao traidor que a entregou lhe deram liberdade, o qual tomando um barco á vista de todos se meteo nelle só, e deu á vela sem se saber para onde fora.

CAPITULO XII

Do sucesso de uma velha siciliana

DEPOIS de terem saqueado esta terra, fizeram livro, que é uma feitiçaria de que usam, e deram logo com uma nao grossa de catalaens, que vinha de Cezilia, e ia para Barcelona mui bem artelhada, e enxaretada com quarenta homens de mar, e guerra muito boa gente, e tomando a todos sem vigia, dormindo a renderam facilmente, e cativaram nella algumas pessoas que tinham fugido na barca do patrão Segui, de que acima tratei, e tomáram tambem uma mulher velha, a qual vinha de Cezilia, e ia a pedir perdão a Madrid de um filho, que tinha nas galés de Barcelona degradado por dez annos, e foi tanto o que chorou, e tantas as lastimas que dizia vendo-se cativa, que movia a compaixão a toda a pessoa que a ouvia, dizendo, que não sentia o cativeiro por si, mas por uma filha donzella que lhe ficava em Cezilia desamparada: e pela liberdade que ia buscar para seu filho, que andava nas galés de Barcelona, que era o remedio de sua irmã, e descanço seu, e tal pranto fazia, que moveo o capitão da galé, chamado Aremedau arraes, que lhe disse, que não chorasse, que se tomasse uma boa preza lhe daria liberdade: sucedeu pois, que passando as galés de Barcelona carregadas de caixas de reales para as feiras de Cezilia, e de peças de pano, e outras mercancias; as tomaram os turcos sem as galés fazerem alguma resistencia, e varando na praia de Freius em França tiveram a noite por si, onde podiam despejar o que levavam, e tirar fóra chusma: não no fizeram, e tanto que amanheceo deram as galés dos turcos nel-

las, e as tomaram carregadas escapando sómente passageiros, e soldados, e alguns forçados, e como a preza era boa, deu o capitão liberdade á velha, como tinha prometido, e mandando-a deitar na praia, achou o filho que ia buscar, o qual tinha escapado das galés de Barcelona, onde andava forçado, ficando ambos em uma hora livres por tão differente caminho, e tão nunca imaginado meio, dando-lhe Deos o que ia a pedir a El Rei, e dando-lhe aquellas aflições para lhe vir a dar o que desejava; e assim tenho alcançado, que todos os homens que foram cativos, se vivem, vem depois Deos a dar-lhe muitos bens, como a Joseph que foi vendido, e preso para vir a ser Rei, e nunca os homens sabem o que pedem : a este proposito contarei, o que me aconteceo a mim na mesma galé.

Meu patrão Agit Amet me mandou á galé; para ganhar comigo quinze patacas, que dão a todo o cativo, que vae remar; o Comitre me poz á banda, que é lugar de menos trabalho, mas remava em pé. Adiante de mim quatro bancos estava um framengo, que remava assentado, eu desejava aquelle lugar, porque era mais descançado, e falando com os Comitres, lhe prometi duas patacas se me mandassem para onde estava o framengo, que entre turcos é gente de pouca estima, os Comitres disseram que logo o fariam, e não acabavam de o effeituar, sendo assim que sem nado o fazem, porque nem é tirar o ferro, nem mudar de uma galé para a outra, senão na mesma galé mudar lugar cousa usada, e que cada hora se faz com muita facilidade, de maneira, que eu andei quinze dias a requerer, e importunar aos Comitres, qne me mudassem, e os Comitres de hoje para a manhã o dilatavam, até que a cabo dos quinze dias veio uma bala de canhão, que disparou uma fortaleza, e levou a cabeça ao framengo,

que estava no lugar que eu andava procurando com meu dinheiro, e com muitas ancias, onde se me passaram, por força houvera de estar, e me houvera de acontecer, o que aconteceo áquelle framengo, e assim fiquei livre, escapando com vida, e dando graças a Deos, porque só elle sabe o que faz e nós não sabemos o que procuramos, e pelos mesmos passos, que um homem cuida que busca, e grangea a vida, por estes mesmos vem a cahir nas mãos da morte, se Deos por sua Divina bondade o não desvia, como fez a mim neste caso.

Muitas cousas aconteceram nesta viagem; tomando naos, setias, tartanas, polacras, fragatas, bargantins, galés; tomando tambem lugares, villas, e cidades, fortalezas, guardas, e vigias, cativando gente de todas as nações, que ha em Levante, tomando sómente em uma manhã, vinte e quatro embarcações, entre Corcega, e Sardenha: mas como todas estas cousas foram em dano nosso as não quero contar, só direi, que tomando as duas galés de Barcelona, pegáram quatro galés de turcos em cada uma, as de Bizerta na capitania, e as de Argel na patrona, e as foram rembleando, e levando á toa, sempre fugindo, porque receavam, que as galés de Hespanha, sabendo a nova os buscassem, e lhe tirassem a rica presa, que levavam, e sem descançar fomos remando das ilhas de França até Bizerta, em que se gastáram sete dias naturaes, e em todos elles, nem de dia, nem de noite dormi um só credo, nem me assentei um só momento, e quando comia um pouco de biscoito molhado em agoa, era em pé com uma mão nelle, e outra no remo, e com uma branca nos pés de mais de dous quintaes, e com infinita pancada, mas só a misericordia de Deos me sustentou a mim, e aos mais christãos, que forças humanas não podem sofrer tanto trabalho.

Chegando a Bizerta, meteram as galés de Barcelona dentro na fiumara, com as popas para diante, que é signal de bom agouro, com as nossas bandeiras pela agoa, disparando muita artelharia dos castellos, e depois que sahiram em terra, e descançaram, e venderam o muito que traziam, achou-se que fizeram em dinheiro, oito centos e sessenta mil cruzados, e cativos tomaram mil e quinhentos entre homens, e mulheres, e meninos, e ficou mais cada turco com dez covados de pano, das peças que levavam as galés de Barcelona, que partiram entre si e não quizeram vender.

Entre estes cativos haviam muitos francezes, e como em Tunes tem paz, acodio o seu consul para os livrar, dizendo, que tinha paz El-Rei de França com aquella cidade, e assim que os seus vassalos ficavam livres, mas os turcos respondiam, que as galès de Argel os cativaram com quem elles tinham guerra, e assim ficavam eseravos, e ao cabo de muitos debates vieram os turcos a fazer desta maneira: As galés de Tunes, eram seis, com o bargantim, as de Argel tres: tomaram um barrete, e meteram dentro nelle nove escritos, seis diziam Tunes, e tres Argel, e logo punham nove francezes em uma fileira, e cada um de por si metia a mão, e se tirava escrito que dizia Tunes ficava livre, e se ia logo a passear, e se era tão desgraçado, que tirava escrito que dizia Argel, pegavam nelle, e lhe metiam uma cadea nos pés, e o mandavam remar a galé, e desta maneira os foram passando a todos.

As galés como fizeram partes, ficando as de Tunes com a capitania de Barcelona: as tres de Argel com a Patrona, trataram logo de fazer sua viagem, e fazerem-se na volta de Argel, armando a de Barcelona com mouriscos, e passageiros de Tunes, e Bizerta, levando tambem em sua companhia, outra galé do Ba-

xá, que estava desarmada em Bizerta, e para a armarem se desarmáram as tres de Argel, e assim partiram cinco galés todas mal armadas, que se com ellas deram tres de Hespanha, as renderam facilmente; e tomaram uma boa preza, vingando-se em parté do estrago, que as dos turcos tinham feito na christandade.

E posto que em seu alcanse partiram onze galés do Marquez de Santa Cruz, chegáram a Berberia em tempo que as galés dos turcos estavam já recolhidas no rio, ou fiumára, e assim como deram fundo ás tres horas da tarde o deram ás tres horas da manhã, e quizeram dar um assalto na terra, podiam queimar sem risco nenhum treze galés de turcos, que estavam todas juntas amarradas umas ás outras, e não tinham dentro mais que os officiaes, e guardiões que guardavam os christãos cativos, que nellas estavam, e todos os mouros da cidade estavam em Tunes, que é dous dias de caminho, nas festas da Pascoa do seu remedam: e davam liderdade a mais de tres mil christãos, que estavam nellas, e cativeiro a muitas mouras e alguns mouros que havia na terra mas ellas se foram disparando alguma pèças de coxia, botando as balas por sima da cidade sem fazerem cousa, que fosse de effeito: as galès de Argel depois de idas as do Marquez deram á vela, e em cinco dias chegaram a Argel, onde foram recebidas com muita festa, pela boa preza que levavam, e amarrando-as ao Mole tiráram todos os cativos das cadeas em que vinham, e cada um se foi para casa de seu patrão: é esta hora tão alegre, como aquella em que um homem tem liberdade, por ver acabado por então, tão excessivo trabalho.

CAPITULO XIII

De como o autor teve liberdade

Eu tambem me fui para casa do meu, ao qual beijava a roupa, e puz o joelho no chão, dando-lhe obediencia como seu escravo, elle me disse se sabia porque me mandára a galé, respondi-lhe que não, disse-me que por me tardar o resgate respondi-lhe, que bem sabia de mim, que era um soldado, e que os taes não tinham mais resgate, que o que dava El Rei, quando vinha a redempção, e que outra cousa não tinha que esperar de mim: com esta resolução e com vêr que o trabalho da galé, me não movia a fazer promessas, nem a cortar me se desenganou de poder-lhe dar tres mil cruzados que me pedia.

D'ahi a poucos dias veio ordem, e dinheiro a um mercador para me resgatar, o qual dinheiro chegou a tempo, que eu estava muito doente, e tanto que me vi fóra de perigo, aproveitei-me da occasião, e dei quatro patacas a um mourisco medico, que me curava, e lhe disse que havia de ir ter com meu patrão Agit Amet, e dizer-lhe, que eu estava hetico confirmado, e que dentro em tres mezes morreria, que me vendesse, e que qualquer dinheiro, que lhe dessem por mim o acceitasse, porque esse ganharia (e isto lhe aconselhava como seu amigo) o mourisco o fez da mesma maneira que eu lho disse, e eu juntamente appareci diante de meu patrão muito fraco, e debilitado, com um pao na mão fazendo me ainda muito mais doente do que estava; estas deligencias aproveitaram de maneira, que tratou logo de se acomodar comigo no resgate, e me veio a dar por seiscentas patacas,

são querendo primeiro menos de tres mil escudos, e por este caminho foi Deus servido dar-me liberdade, quando menos a esperava, e quando com mais trabalhos me via.

Os francezes de que assima tratei, que tiraram roins sortes, vieram para Argel, e foram vendidos com muita afronta, e zombaria, assim de mouros, como dos mesmos christãos: porque foram muita parte de se tomarem as galés de Barcelona, na praia de Frejus, entregando muitos hespanhoes aos turcos. Esta é a paz, que tem os turcos de Argel, com El-Rei de França, com o de Inglaterra, com os Estados de Olanda, a qual procuram todos com muito dinheiro, e com muito trabalho, fazendo os turcos as condições, que lhe estão bem, e ainda essas não guardam, e por este mesmo respeito estimam, e tem em pouco estas nações.

Sómente El-Rei nosso Senhor, continua a guerra sempre com elles, com que se faz poderoso, e estimado tanto, que dizem os turcos, que no mundo não ha mais, que dous monarcas, entre os mouros o Gran turco e entre os christãos El-Rei de Hespanha, que viva largos, felices, e prosperos annos, para bem de seus vassalos, augmento de nossa santa fé, e ruina destes barbaros.

FIM DO OITAVO VOLUME